



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JULIANA BATISTA TRANNIN

TUDO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

CAMPINAS,

2016

JULIANA BATISTA TRANNIN

TUDO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

**Este exemplar corresponde à versão final
da Tese defendida pela aluna Juliana Batista Trannin
e orientada pela Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves.**

CAMPINAS,

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

T687t Trannin, Juliana Batista, 1980-
Tudo na história do português / Juliana Batista Trannin. – Campinas, SP :
[s.n.], 2016.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Brasil - Sintaxe. 2. Língua portuguesa - África -
Sintaxe. 3. Língua portuguesa - Brasil - Africanismos. 4. Língua portuguesa -
Quantificadores. 5. Gramática comparada e geral - Quantificadores. 6.
Linguística histórica. I. Galves, Charlotte, 1950-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: *Tudo* 'all' in the history of Portuguese

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Brazil - Syntax

Portuguese language - Africa - Syntax

Portuguese language - Foreign words and phrases - African

Portuguese language - Quantifiers

Grammar, Comparative and general - Quantifiers

Historical linguistics

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Emílio Gozze Pagotto

Evani de Carvalho Viotti

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Aroldo Leal de Andrade

Data de defesa: 19-05-2016

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Emilio Gozze Pagotto

Evani de Carvalho Viotti

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Aroldo Leal de Andrade

Juanito Ornelas de Avelar

Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Maria Clara Paixão de Sousa

IEL/UNICAMP
2016

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Aos meus pais.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Charlotte Galves, pela orientação e pelo apoio incondicional em todos os momentos. Pela confiança, pela imensa generosidade e compreensão, serei sempre grata a ela.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp, pela dedicação, pelo estímulo contínuo e por contribuírem com minha formação acadêmica.

Aos colegas de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, pelos debates em sala de aula e pela troca de ideias.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro que possibilitou minha dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, pela atenção e gentileza.

Aos professores que participaram da banca examinadora, Prof. Dr. Aroldo de Andrade, Profa. Dra. Evani Viotti, Prof. Dr. Emilio Pagotto e Profa. Dra. Sonia Cyrino, pelas críticas e sugestões que contribuíram para enriquecer o trabalho.

À família e aos amigos, pelo companheirismo, encorajamento e por estarem sempre ao meu lado nesta caminhada. Em especial, à Tatiane Macedo, minha família em Campinas.

Finalmente, agradeço àqueles com quem compartilhei minhas conquistas e em quem encontrei conforto nos momentos de angústia: meus pais, Afonso e Maria Amélia, e meu irmão, Rafael. Pela fé depositada em mim, por todo amor e esperança, por renovarem minhas forças, minha gratidão e todo meu amor.

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar a sintaxe do quantificador *tudo* no português popular brasileiro (PB) e, de uma perspectiva diacrônica, investigar a origem da variação *todo(s)/tudo*. No quadro teórico da gramática gerativa, descrevo as propriedades sintáticas e semânticas do quantificador *tudo* em comparação com o quantificador universal *todo(s)*. Os dados mostram que há duas gramáticas de *tudo*, que diferem quanto à propriedade de seleção do quantificador e sua relação com o associado nominal. Na gramática restritiva, *tudo* seleciona uma categoria vazia e é um adjunto do sintagma nominal. Na gramática radical, *tudo* seleciona o sintagma nominal lexical que modifica e pode flutuar; não há restrição quanto a sua posição no sintagma. A sintaxe de *tudo* no PB é semelhante no português afro-brasileiro (PAB), que também apresenta a variação entre os quantificadores. Em dialetos em que a morfologia é rica, *tudo* ocorre em poucos contextos do quantificador *todo(s)*, em posição pós-nominal ou pós-verbal. Nesses casos, a sintaxe de *tudo* é semelhante à gramática restritiva do PB. Em outros dialetos do PAB, a morfologia é pobre e o uso de *tudo* é difundido, como na gramática radical do PB. A análise dos dados históricos aponta que as condições necessárias para o surgimento dessa variação já estavam presentes no português médio, período em que *tudo* aparecia com traço [+humano] e em construções com sintagmas nominais com determinante. As semelhanças entre as gramáticas do PB e do PAB sugerem que esse fenômeno tenha se desenvolvido pelo contato do português médio com as línguas africanas. A presença desse fenômeno nas variedades africanas do português e as semelhanças com o crioulo do Cabo Verde favorecem essa hipótese e corroboram a ideia da existência de um *continuum* afro-brasileiro do português.

Palavras-chave: quantificadores, sintaxe, diacronia, contato linguístico.

Abstract

The aim of this work is to study the syntax of the quantifier *tudo* ‘all’ in popular Brazilian Portuguese (BP) and, in a diachronic view, to investigate the origin of the variation *todo(s)/tudo*. In the generative grammar perspective, I describe the syntactic and semantic properties of the quantifier *tudo* compared to the universal quantifier *todo(s)*. The data show that there are two grammars related to *tudo*, which differ with respect to the selection property of the quantifier and about its relation with the associated nominal. In the Restrictive Grammar, *tudo* selects an empty category and functions as an adjunct to the nominal phrase. In the Radical Grammar, *tudo* selects a lexical nominal phrase and can float; there is no restriction about its placement in the phrase. The syntax of *tudo* in BP is similar to the one found in African-Brazilian Portuguese (ABP), which also shows variation between quantifiers. In dialects with richer morphology, *tudo* occurs in a few contexts of the universal quantifier *todo(s)*, in postnominal or postverbal positions. In these cases, the syntax of *tudo* is the same as the BP Restrictive Grammar. In other ABP dialects, the morphology is poor and the use of *tudo* is widespread, as in the Radical Grammar of BP. The analysis of historical data indicates that the necessary conditions for the emergence of this variation have already existed in Middle Portuguese, period in which *tudo* could have a [+human] feature and occurred with full nominal phrases. The similarities between BP and ABP grammars suggest that this phenomenon developed by linguistic contact among Middle Portuguese and African languages. The presence of this phenomenon in African Portuguese and the similarities with Cape Verdean Creole reinforce this hypothesis and corroborate the existence of a *continuum* in Afro-Brazilian Portuguese.

Keywords: Quantifiers, Syntax, diachrony, linguistic contact.

Sumário

Introdução	15
1. O fenômeno da quantificação: quadro teórico	17
1.1. A quantificação universal	17
1.2. Quantificadores: definição e uso	18
1.3. A flutuação do quantificador	20
1.3.1. Análise de encahamento	21
1.3.1.1. Sportiche (1988)	22
1.3.1.2. Bošković (2004)	23
1.3.2. A abordagem adverbial	25
1.3.2.1. Bobaljik (1995)	26
1.3.2.2. Doetjes (1997)	28
1.3.3. Abordagem híbrida	30
1.3.3.1. Fitzpatrick (2006)	30
1.3.3.1.1. Quantificadores adverbiais	31
1.3.3.1.2. Quantificadores adnominais encahados	34
1.4. O quantificador universal no PB	36
1.4.1. O quantificador plural	36
1.4.1.1. A ordem [DP Q]	37
1.4.1.2. Flutuação do quantificador	42
1.4.2. O quantificador singular: Pires de Oliveira (2003)	43
1.4.3. <i>Todos</i> e <i>todo</i> : uma análise unificada	46
1.4.3.1. Müller, Negrão & Gomes (2007)	46
1.4.3.2. Vicente & Gomes (2013)	47
1.5. Considerações finais	50
2. A natureza de <i>tudo</i> no PB	52
2.1. Sobre o <i>corpus</i>	52
2.2. Procedimentos metodológicos	53
2.2.1. A coleta dos dados	53
2.2.2. A aplicação de testes de aceitabilidade e interpretação	53
2.3. Classificação dos dados	58

2.4. Descrição dos dados	58
2.4.1. Aspectos sintáticos	58
2.4.1.1. <i>Tudo</i> associado a DP lexical	59
2.4.1.2. <i>Tudo</i> associado a DP pronominal	69
2.4.1.3. <i>Tudo</i> associado a nome nu	71
2.4.2. Aspectos morfológicos	73
2.4.3. Aspectos semânticos	74
2.4.3.1. <i>Tudo</i> associado a DP	75
2.4.3.2. <i>Tudo</i> associado a nome nu	81
2.5. Quantificação dos dados	82
2.6. A sintaxe de <i>tudo</i>	83
2.6.1. A gramática restritiva de <i>tudo</i>	84
2.6.2. A gramática radical de <i>tudo</i>	87
2.7. Considerações finais	88
3. A diacronia de <i>tudo</i> e <i>todo(s)</i> no português	89
3.1. Do português médio ao português europeu moderno	89
3.2. Sobre os <i>corpora</i>	90
3.3. Os dados: classificação e descrição	91
3.3.1. Sobre <i>tudo</i>	91
3.3.1.1. <i>Tudo</i> sozinho	91
3.3.1.2. <i>Tudo</i> associado a pronome demonstrativo	93
3.3.1.3. <i>Tudo</i> associado a DP	93
3.3.1.4. Sentenças ambíguas	94
3.3.1.5. Quantificação de <i>tudo</i>	96
3.3.2. Sobre <i>todo(s)</i>	97
3.3.2.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	97
3.3.2.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	97
3.3.2.3. <i>Todo(s)</i> associado a nomes nus	101
3.3.2.4. <i>Todo(s)</i> em construções flutuantes	102
3.3.2.5. <i>Todo</i> adverbial	102
3.3.2.6. Sentenças ambíguas	104
3.3.2.7. Quantificação de <i>todo(s)</i>	105
3.4. Discussão dos dados	106
3.5. <i>Tudo</i> e <i>todo(s)</i> na história do português brasileiro	108

3.5.1. O português brasileiro do século 19	109
3.5.1.1. Sobre <i>todo(s)</i>	109
3.5.1.1.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	109
3.5.1.1.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	109
3.5.1.1.3. <i>Todo</i> associado a nomes nus	110
3.5.1.1.4. <i>Todo(s)</i> em construção flutuante	110
3.5.1.1.5. <i>Todo</i> adverbial	111
3.5.1.2. Sobre <i>tudo</i>	111
3.5.1.2.1. <i>Tudo</i> sozinho	111
3.5.1.2.2. <i>Tudo</i> associado a pronome demonstrativo	112
3.5.2. O português brasileiro falado do século 20	112
3.5.2.1. Do <i>todo(s)</i>	113
3.5.2.1.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	113
3.5.2.1.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	113
3.5.2.1.3. <i>Todo</i> associado a nomes nus	113
3.5.2.1.4. <i>Todo(s)</i> em construções flutuantes	114
3.5.2.1.5. <i>Todo</i> adverbial	114
3.5.2.2. Do <i>tudo</i>	114
3.5.2.2.1. <i>Tudo</i> sozinho	114
3.5.2.2.2. <i>Tudo</i> associado a pronome demonstrativo	116
3.5.2.2.3. <i>Tudo</i> associado a DP	116
3.5.3. O português brasileiro escrito do século 20	116
3.5.3.1. Quanto ao <i>todo(s)</i>	117
3.5.3.1.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	117
3.5.3.1.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	117
3.5.3.1.3. <i>Todo(s)</i> associado a nomes nus	118
3.5.3.1.4. <i>Todo</i> adverbial	118
3.5.3.2. Quanto a <i>tudo</i>	119
3.5.3.2.1. <i>Tudo</i> sozinho	119
3.5.3.2.2. <i>Tudo</i> associado a pronome demonstrativo	119
3.5.3.3. Quantificação dos dados: português brasileiro dos séculos 19 e 20	119
3.5.3.3.1. Sobre <i>todo(s)</i>	119
3.5.3.3.2. Sobre <i>tudo</i>	120
3.6. Discussão dos dados: diacronia do português brasileiro	121

3.7. Considerações finais	122
4. Tudo nas variedades afro-brasileiras e africanas	124
4.1. A hipótese do contato	125
4.2. O português afro-brasileiro (PAB)	125
4.3. <i>Tudo</i> no PAB	127
4.3.1. Comunidade Furnas de Boa Sorte (MS)	128
4.3.1.1. <i>Tudo</i>	128
4.3.1.1.1. <i>Tudo</i> sozinho	128
4.3.1.1.2. <i>Tudo</i> associado a DP	129
4.3.1.1.3. <i>Tudo</i> em construções flutuantes	129
4.3.1.1.4. <i>Tudo</i> adverbial	130
4.3.1.2. <i>Todo(s)</i>	130
4.3.1.2.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	130
4.3.1.2.2. <i>Todo</i> associado a nome nu	130
4.3.1.3. Quantificação dos dados	130
4.3.2. Comunidade Milho Verde (MG)	131
4.3.2.1. <i>Tudo</i>	132
4.3.2.1.1. <i>Tudo</i> sozinho	132
4.3.2.1.2. <i>Tudo</i> associado a DP	132
4.3.2.1.3. <i>Tudo</i> associado a nome nu	132
4.3.2.1.4. <i>Tudo</i> em construções flutuantes	133
4.3.2.1.5. <i>Tudo</i> adverbial	133
4.3.2.2. <i>Todo(s)</i>	134
4.3.2.2.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	134
4.3.2.2.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	134
4.3.2.2.3. <i>Todo</i> associado a nome nu	134
4.3.2.2.4. <i>Todo(s)</i> em construções flutuantes	135
4.3.2.2.5. <i>Todo</i> adverbial	135
4.3.2.3. Quantificação dos dados	135
4.3.3. Comunidade Bom Despacho (MG)	136
4.3.3.1. <i>Tudo</i>	137
4.3.3.1.1. <i>Tudo</i> sozinho	137
4.3.3.1.2. <i>Tudo</i> associado a DP	137
4.3.3.1.3. <i>Tudo</i> em construções flutuantes	138

4.3.3.1.4. <i>Tudo</i> adverbial	138
4.3.3.2. <i>Todo(s)</i>	138
4.3.3.2.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	138
4.3.3.2.2. <i>Todo(s)</i> associado a DP	139
4.3.3.2.3. <i>Todo(s)</i> associado a nome nu	139
4.3.3.2.4. <i>Todo</i> adverbial	139
4.3.3.3. Quantificação dos dados	140
4.3.4. Comunidade Jurussaca (PA)	140
4.3.4.1. <i>Tudo</i>	141
4.3.4.1.1. <i>Tudo</i> sozinho	141
4.3.4.1.2. <i>Tudo</i> associado a pronome demonstrativo	141
4.3.4.1.3. <i>Tudo</i> associado a DP	141
4.3.4.1.4. <i>Tudo</i> associado a nome nu	142
4.3.4.1.5. <i>Tudo</i> em construções flutuantes	142
4.3.4.1.6. <i>Tudo</i> adverbial	142
4.3.4.2. <i>Todo(s)</i>	143
4.3.4.2.1. <i>Todo(s)</i> sozinho	143
4.3.4.2.2. <i>Todo</i> associado a pronome demonstrativo	143
4.3.4.2.3. <i>Todo(s)</i> associado a DP	143
4.3.4.2.4. <i>Todo</i> associado a nome nu	144
4.3.4.2.5. <i>Todo</i> adverbial	144
4.3.4.3. Quantificação dos dados	144
4.4. Discussão dos dados	145
4.5. <i>Tudo</i> na gramática do PAB	147
4.6. <i>Tudo</i> nas línguas crioulas: o caso de Cabo Verde	150
4.6.1. A sociolinguística de Cabo verde	150
4.6.2. A estrutura do DP do Crioulo de Cabo Verde	151
4.7. <i>Tudo</i> nas variedades africanas do português	154
4.7.1. O Português Angolano	154
4.7.1.1. Os fatos sociolinguísticos	154
4.7.1.2. A estrutura do DP e os quantificadores: os dados	156
4.7.2. O Português Moçambicano	160
4.7.2.1. A situação sociolinguística	161
4.7.2.2. Aquisição e mudança	162

4.7.2.3. Os dados	164
4.8. Considerações finais	166
5. As gramáticas de <i>tudo</i> no PB e no PAB	167
5.1. As gramáticas de <i>tudo</i> no PB	167
5.1.1. A gramática restritiva	167
5.1.2. A gramática radical	169
5.2. Questões	171
5.3. O estatuto sintático de <i>tudo</i> no PB	172
5.3.1. <i>Tudo</i> na gramática restritiva	172
5.3.2. <i>Tudo</i> na gramática radical	176
5.4. As diferenças entre as duas gramáticas	179
5.5. A(s) gramática(s) de <i>tudo</i> no PAB	180
5.6. Considerações finais	181
Conclusão	183
Referências	185
Anexo A	190
Anexo B	191
Anexo C	198
Anexo D	200

Introdução

Esta tese visa estudar a sintaxe do quantificador *tudo* no português brasileiro (PB, doravante) e, de uma perspectiva diacrônica, analisar sua evolução no português europeu e no português brasileiro, em comparação com o quantificador universal *todo(s)*. Além disso, pretendo investigar o comportamento de *tudo* em outras variedades, como o português afro-brasileiro (PAB), o português moçambicano e o português angolano. A pesquisa fundamenta-se na teoria da gramática gerativa (CHOMSKY, 1986, 1995 e obras subsequentes), que considera as expressões linguísticas como representações atribuídas por um sistema de regras e princípios de uma gramática internalizada e associa o surgimento de uma nova gramática ao processo de aquisição de uma língua.

O objeto da pesquisa é o item lexical *tudo* nos contextos sintáticos do quantificador universal *todos*, como na sentença *Os menino tudo comeram o bolo*. Esse fato, muito comum na fala e na escrita informais, tem sido estudado na literatura sob diferentes quadros teóricos, focalizando a gramaticalização de *tudo*, a flutuação de *tudo*, a ocorrência desse item na fala de índios, negros, escravos e pessoas idosas de área rural, em variedades formais e cultas (OLIVEIRA, 2006). Embora esse assunto já tenha sido discutido, algumas questões permanecem em aberto.

Nos trabalhos recentes, admite-se que *tudo* é uma variante do quantificador universal plural, entretanto, a forma neutra apresenta restrições de colocação no sintagma que não são encontradas com *todos*, como mostra os exemplos em (i):

- (i) a. Todos os meninos viajaram.
- b. *Tudo os menino(s) viajaram.

O contraste exibido em (i), além da existência de outros contextos em que *todo(s)* e *tudo* não podem coocorrer, faz questionar o estatuto sintático desse *tudo* no PB. Se *tudo* é realmente uma variante do quantificador universal, como sugere a maioria dos trabalhos, é preciso determinar quais são as restrições impostas ao quantificador invariável nesses contextos.

Uma questão ainda inexplorada diz respeito à origem da variação *todo(s)/tudo*, que não é encontrada no português brasileiro padrão (nem no português europeu contemporâneo).

A princípio, esse fenômeno poderia ser relacionado à perda de flexão de número no PB, mas só isso não explica por que o uso de *tudo*, e não de *todo*Ø. A existência dessa variação na fala de moradores de comunidades afrodescendentes (e de variedades africanas do português) pode ser um indício de que esse fenômeno tenha emergido como resultado do contato com línguas africanas durante o período de formação do português brasileiro. Essa é a hipótese que será defendida aqui.

Os objetivos desta pesquisa são: (i) definir a sintaxe de *tudo*; (ii) determinar a interpretação semântica de *tudo* e (iii) investigar a origem do fenômeno de variação. O trabalho divide-se em duas partes: uma sincrônica e outra diacrônica. Na parte sincrônica, o propósito é descrever os aspectos sintático-semânticos do quantificador *tudo* no PB e nos dialetos afro-brasileiros, comparando-os com a gramática do crioulo de Cabo Verde. Na parte diacrônica, o objetivo é investigar a sintaxe dos quantificadores *tudo* e *todo(s)* na história do português europeu, do Português Médio ao Português Europeu Moderno (PE), e do português brasileiro, para tentar identificar uma possível mudança no sistema de quantificadores que permita explicar o comportamento sintático de *tudo* no PB.

A tese está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresento abordagens teóricas dos quantificadores na literatura em geral. No segundo capítulo, descrevo o comportamento sintático-semântico do quantificador *tudo* no PB. O terceiro capítulo é dedicado à análise dos quantificadores *tudo* e *todo(s)* no português do século 16 ao 19, além de *corpora* do português brasileiro falado e escrito dos séculos 19 e 20. No quarto capítulo, descrevo as propriedades dos quantificadores em dialetos afro-brasileiros, em comparação com a gramática do crioulo de Cabo Verde. O quinto capítulo apresenta uma análise de *tudo* no PB e no PAB. Por fim, segue a conclusão.

1

O fenômeno da quantificação: quadro teórico

A linguagem quantificacional atribui um caráter ilimitado à capacidade expressiva dessa linguagem, pois permite a formulação de qualquer asserção geral a respeito de um dado domínio de objetos. Os quantificadores são geralmente considerados como **especificadores**, palavras gramaticais que, combinadas com um nome, produzem sintagmas nominais que representam entidades em termos da sua quantidade e modo de representação, chamado de **sistema de quantificação** (RAPOSO, 2013, p. 719.).

Os quantificadores universais geralmente são tratados sob duas perspectivas: quantificação nominal e quantificação adverbial, que consideram a distribuição e a interpretação do quantificador. A discussão sobre a flutuação também se divide entre duas abordagens: as que consideram os quantificadores flutuantes como instâncias de quantificação padrão, associados de forma interpretativa a um sintagma nominal, e aquelas que consideram quantificadores flutuantes como elementos adverbiais, diferentes do quantificador padrão.

Neste capítulo, pretendo descrever as principais abordagens da quantificação universal e do fenômeno de flutuação na literatura. Na primeira seção, abordo as noções básicas da quantificação. Na segunda seção, apresento definições e usos dos quantificadores em gramáticas tradicionais e funcionalistas. Em seguida, discuto algumas análises do quantificador flutuante na perspectiva da gramática gerativa. Na quarta seção, apresento algumas propostas para o quantificador universal no português brasileiro e, por fim, seguem as considerações finais.

1.1. A quantificação universal

As operações de quantificação universal atribuem valores referenciais a determinados elementos de um conjunto e podem ter leituras distributiva ou não distributiva. O quantificador universal, como *todos*, indica a totalidade dos indivíduos. Considerando os exemplos:

- (1) a. *Todo o átomo* tem uma estrutura altamente complexa.
 b. *Todos os músicos* se reuniram na sala.

(MATEUS *et al.*, 2003, p. 231. Ex. (21c), (22b).)

As expressões em itálico quantificam universalmente “átomos” e “músicos”: em (1a), uma dada propriedade (“ter uma estrutura altamente complexa”) é atribuída a todos os elementos do conjunto; em (1b), se aplica obrigatoriamente ao indivíduo coletivo formado pelos músicos, em virtude do predicado *reunir-se*. As leituras são, respectivamente, distributiva e não distributiva.

Quanto à estrutura, as expressões quantificacionais compõem-se tipicamente de três partes: um quantificador, uma restrição e um escopo (cf. Chierchia (2003), entre outros). A quantificação universal pode ser representada da seguinte forma:

- (2) Todos os gatos estão no telhado.

Em uma estrutura como (2), o determinante exprime uma relação entre a denotação do nome e a denotação do predicado verbal, que põe em confronto duas classes e permite quantificar o envolvimento de indivíduos em determinadas ações ou estados. Pode-se dizer que um determinante exprime uma relação de quantificação (a totalidade dos indivíduos que são gatos se encontram no telhado), ou um quantificador exprime a relação entre dois subconjuntos do universo do discurso. O primeiro subconjunto (o dos gatos) é chamado **restrição do quantificador**, enquanto o segundo (“estão no telhado”) constitui seu **escopo** (CHIERCHIA, 2003, p. 372.).

1.2. Quantificadores: definição e uso

Na *Gramática de língua portuguesa* (MATEUS *et al.*, 2003), *todos* é um quantificador universal que indica a totalidade dos indivíduos. *Tudo*, por sua vez, é considerado um pronome quantificador com traço [-humano], que constitui todo o sintagma:

- (3) Traz tudo quanto encontrares.

(MATEUS *et al.*, 2003, p. 360. Ex. (85c).)

Essa visão é semelhante à adotada pela *Gramática do português culto falado no Brasil*, em que *todo* e *tudo* são quantificadores indefinidos (QI) que consideram os elementos de um conjunto na sua totalidade (CASTILHO, 2008, p. 143). *Todo* é um QI que se flexiona em gênero e número; a sua forma neutra correspondente é *tudo*. *Tudo* é um QI nuclear, figura como núcleo do SN. *Todo*, por outro lado, pode ter o papel de núcleo ou de especificador¹ de um sintagma nominal, na posição pré ou pós-nominal, ou ainda figurar como especificador de um núcleo cindido, fora de seu nicho sintagmático.

(4) eu acho que é *tudo* é um conjunto né?...

(5) a. Na cidade *todas* as pessoas estavam comentando o filme...

b. Na cidade as pessoas *todas* estavam comentando o filme...

c. Na cidade as pessoas estavam comentando o filme...*todas*

(CASTILHO, 2008, p. 144-147. Ex. (3-24).)

Quanto às propriedades fóricas, o QI *todo* pode retomar antecedentes de traço [±humano], enquanto o QI *tudo* retoma exclusivamente antecedentes com traço [-humano] (CASTILHO, 2008, p. 149.).

Na visão tradicional, a *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 2008) classifica *tudo* e *todo* como pronomes indefinidos, aqueles “que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado” (p. 370). Enquanto *todo* é classificado como um pronome adjetivo de forma variável em gênero e número, *tudo* é um pronome substantivo de forma invariável, que se refere normalmente a coisas, mas que pode ser aplicado também a pessoas:

(6) Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.

(A. de Quental, *C*, 358.)

(7) Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

(8) Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.

(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

(CUNHA & CINTRA, 2008, p. 381. Grifo dos autores.)

¹ Para Castilho, os especificadores são elementos que compõem a margem esquerda do SN, os determinantes (*o / este / meu livro*) e quantificadores (*dois / alguns livros*) (CASTILHO, 2008, p. 139).

É interessante notar que o uso de *tudo* com traço [+ humano] já era registrado em textos do século 19 e 20, escritos por autores portugueses, como Antero de Quental (1842-1891) e José Cardoso Pires (1925-1998), e brasileiros, como Machado de Assis (1839-1908).

Esse mesmo registro é feito na *Gramática de Usos do Português* (2000), de perspectiva funcionalista. Nessa *Gramática*, *todo* e *tudo* são considerados pronomes indefinidos de quantidade. *Todo* indica, de modo indefinido ou não exato, o tamanho do conjunto de indivíduos ou a totalidade da substância que está sendo referida (NEVES, 2000, p. 534). Diferentemente de *todo*, que tem flexão de gênero e de número, o pronome indefinido *tudo* é invariável. *Tudo* se refere a todos os possíveis objetos, ações ou situações quando se faz uma afirmação genérica sobre eles:

(9) Juliana fez que sim com a cabeça, **comeu tudo** e ficou esperando a dor do vento começar.

(10) **Tudo estava** nos lugares de sempre.

(NEVES, 2000, p. 575. Grifos do autor.)

Já o uso de *tudo* relacionado a pessoas, em registro popular, pode ser observado na ocorrência citada:

(11) Cambada de bobas, **tudo** doida por Tição, a começar por eu.

(*id. ib.*, p. 575. Grifo do autor.)

A ocorrência de *tudo* nos mesmos contextos de uso de *todo(s)* é comum na fala e na escrita informais. Assim, é recorrente encontrar *tudo* em posição de determinante de um sintagma e se referindo também a humanos, traços gramaticais característicos do quantificador universal.

A seguir, apresento algumas abordagens sobre a quantificação flutuante.

1.3. A flutuação do quantificador

Os quantificadores podem aparecer em posições da sentença não adjacentes ao sintagma nominal sobre o qual quantifica; esses são chamados de **quantificadores flutuantes**. Em (12a), o quantificador está na sua posição canônica, enquanto em (12b), o quantificador

está separado do resto da expressão nominal, em uma construção chamada de “flutuação do quantificador”:

- (12) a. Todos os gatos estão no telhado.
 b. Os gatos estão todos no telhado.

A flutuação do quantificador tem sido discutida principalmente sob duas abordagens clássicas: **a análise de enclivamento** e **a análise adverbial**.

1.3.1. Análise de enclivamento

Na análise de enclivamento, o quantificador flutuante está sintaticamente associado ao nominal com o qual concorda; o quantificador e o nominal são gerados juntos, como um constituinte. As construções de quantificadores flutuantes são derivadas por movimento de um deles, deixando o outro elemento em posição mais baixa (cf. Sportiche (1988), Miyagawa (1989), Shlonsky (1991), McCloskey (2000), Bošković (2004), entre outros.).

As primeiras análises de quantificação flutuante postulavam que os quantificadores se deslocavam para a direita dos sintagmas nominais por eles modificados (cf. Kayne (1975), Postal (1974)). Kayne (1975) identificou duas operações de quantificação flutuante em francês: *R-Tous* e *L-Tous*. Na primeira, o quantificador se move para a direita do DP associado a ele, como em (13), enquanto na última, o quantificador se move para a esquerda do DP que modifica, como em (14):

- (13) a. Les garçons sont *tous* partis à la guerre.
 b. Les garçons sont partis *tous* à la guerre.
 ‘The boys have all gone to war.’

- (14) a. Elle a voulu les lire *tous*.
 b. Elle a voulu *tous* les lire.
 c. Elle a *tous* voulu les lire².
 ‘She wanted to read them all.’

(KAYNE, 1975, p. 1-4. Ex. (1), (7e), (7f) e (7g).)

² *L-Tous* é diferente de *R-Tous* porque o quantificador deve estar conectado a um clítico. Hoje em dia, provavelmente seria identificada como um *scrambling*, como propõe Andrade (2015).

A partir da ideia de Koopman & Sportiche (1991) de que o sujeito é gerado internamente ao VP e depois se move para o especificador de IP, Sportiche (1988) propõe que é o DP modificado que se move, deixando o quantificador encahado na sua posição de base. Desta forma, os quantificadores flutuantes indicariam vestígios de argumentos, ocorrendo em posição adjacente ao do DP movido.

A análise de Sportiche tem sido revista e implementada por vários outros autores desde então. Cardinaletti & Giusti (1991 [1989]) propuseram que um quantificador é um núcleo funcional que projeta seu próprio sintagma, denominado de *Quantifier Phrase* (QP - Sintagma de Quantificador). Shlonsky (1991), por sua vez, propôs que o quantificador flutuante é um núcleo funcional que projeta um sintagma de quantificador (QP) e seleciona um DP como seu complemento. Nessa análise, o quantificador fica encahado quando o DP se move para uma posição mais alta, o especificador do QP. Mais recentemente, Bošković (2004) tentou solucionar os problemas surgidos na proposta de Sportiche.

A seguir, apresento algumas dessas análises mais detalhadamente.

1.3.1.1. Sportiche (1988)

A análise de encahamento³ de Sportiche (1988) postula que o DP modificado se move, deixando o quantificador encahado na posição de base. Conforme essa proposta, os quantificadores flutuantes indicam vestígios de argumentos, só ocorrendo em posições adjacentes àquelas ocupadas pelo DP movido. Desta forma, pressupõe-se que, se o quantificador não puder ocorrer em uma dada posição, então não há uma posição de DP vazia adjacente a ele.

Nesta proposta, o deslocamento – ou flutuação – para a direita é uma ilusão de ótica. Sportiche assume que os quantificadores flutuantes aparecem adjungidos à esquerda do nome que modificam (ou de seu vestígio) na seguinte estrutura:

(15) [NP Q NP]

(SPORTICHE, 1988, p. 109. Ex. (13).)

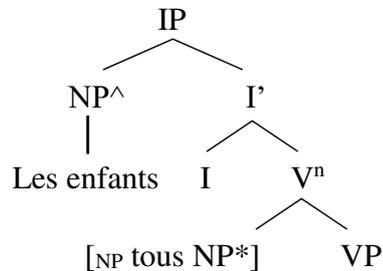
Segundo o autor, os quantificadores flutuantes são resultado do movimento do NP/DP para fora do constituinte contendo o quantificador, para receber Caso. Desta forma, o

³ O termo “encahamento” se refere ao termo “stranding”, do inglês.

quantificador fica ‘encalhado’ na posição em que foi gerado, dentro do NP/DP. Assim, há um NP/DP vazio à direita do quantificador em todos os casos.

(16) a. Les enfants ont tous vu ce film

b.



(SPORTICHE, 1988, p. 428. Ex. (2b).)

A relação anafórica estabelecida entre o Q e o NP é explicada pelo fato de que (i) Q é c-comandado pelo NP na posição de sujeito e (ii) a relação entre o quantificador e o NP movido é local. Em (16b), o NP é o vestígio do NP na posição sujeito, respectivamente, NP* e NP^.

Ao tentar estender a proposta para o inglês, Sportiche (*op. cit.*, p. 444) encontrou um problema: quantificadores flutuantes são agramaticais na posição pós-verbal em construções passivas e inacusativas, posição em que os sujeitos dessas sentenças são gerados.

(17) *The children were seen all.

*The children have arrived all.

Sportiche sugere que, nas passivas, um papel- θ que seria atribuído a um objeto passa a ser atribuído ao NP na posição [Spec,VP]. No inglês, portanto, sujeito de passivas e inacusativas seria gerado em [Spec,VP]. Assim, não havendo o vestígio pós-verbal, os quantificadores flutuantes não podem aparecer nessa posição.

1.3.1.2. Bošković (2004)

Bošković (2004) tenta resolver o problema surgido da análise de Sportiche: o fato de que quantificadores flutuantes não são permitidos na posição de objeto de verbos passivos e ergativos, como visto em (18):

- (18) a. *The students arrived all.
 b. *The students were arrested all.
 c. *Mary hates the students all.

(BOŠKOVIĆ, 2004, p. 682. Ex. (3).)

Bošković adota a proposta de Sportiche (1988)/Benmamoun (1999) de que FQs são adjungidos ao NP que eles modificam, argumentando que, em (18a-c), *all* é adjungido aciclicamente ao sujeito da oração encaixada depois que o sujeito se move da sua posição- θ , já que a adjunção de Q a NPs em posição- θ não é permitida. Bošković (2004, p. 685) propõe a seguinte generalização:

- (19) Quantificadores não podem flutuar em posições- θ .

Os FQs em (18) estão localizados na posição- θ de objeto e, por isso, caem na generalização em (19), reforçada pelo fato de que a flutuação do quantificador é impossível não só na posição- θ de objeto, mas também na posição- θ de sujeito.

Desta forma, (20) pode ser derivada como em (21). Sendo um adjunto, *all* pode ser adicionado aciclicamente depois de *the students* ter se movido da posição em que é θ -marcado. A adjunção de *all* então não interfere na atribuição de papel- θ a *the students*, como em (18).

- (20) The students were all arrested.
 (21) a. [_v, arrested the students]
 b. the students [_v, arrested t]
 c. all the students [_v, arrested t]
 d. The students were all t [_v, arrested t]

(BOŠKOVIĆ, 2004, p. 692. Ex. (24), (25).)

Para Bošković, a flutuação do quantificador é obrigatória. Consequentemente, construções de quantificador flutuante, em (22b), e construções de quantificador não flutuante, em (22a), têm estruturas diferentes.

- (22) a. All the students were failed by Mary.
 b. The students were all failed by Mary.

(BOŠKOVIĆ, 2004, p. 696. Ex. (36).)

A obrigatoriedade da flutuação do quantificador em (22b) é explicada por Bošković pela condição de Chomsky (1995) de que um traço F que precisa ser checado carrega consigo apenas material suficiente para convergência, o que proíbe *pied-piping* supérfluo. Como na derivação de flutuação o movimento carrega menos material que na derivação de não flutuação (*the students* vs. *all the students*) e ambas convergem (isto é, ambos *the students* e *all the students* podem se mover para [Spec,IP]), a flutuação do quantificador é obrigatória.

Já a ausência de flutuação em (22a) é explicada do mesmo modo que o *pied-piping* sob movimento *wh* em (23):

(23) Whose book did Mary buy?

(BOŠKOVIĆ, 2004, p. 699. Ex. (45))

A checagem do traço [+wh] de C pelo movimento de *whose* deveria ser preferido à checagem por movimento de *whose book*. Entretanto, a proibição de *pied-piping* bloqueia apenas *pied-piping* supérfluo, não *pied-piping* necessário. O movimento de *whose* sozinho não é uma opção, pois o inglês não permite extração à esquerda. A única opção disponível é mover *whose book*, ou seja, o *pied-piping* de *whose book* é necessário.

Em (22a), a estrutura de uma construção de quantificador não flutuante não permite a flutuação, isto é, o movimento do NP sem o Q é impossível, assim como o movimento de *whose* sozinho em (23). Ambas as estruturas de flutuação (adjunção) e não flutuação (não adjunção) então estão disponíveis para o sintagma quantificado em (22a), desde que o NP se mova da sua posição- θ), enquanto na construção de flutuação em (22b) apenas a estrutura de adjunção está disponível.

1.3.2. A abordagem adverbial

Segundo esta abordagem, os quantificadores flutuantes são elementos adverbiais adjungidos diretamente na posição em que ocorrem (cf. Dowty & Broady (1984), Bobaljik (1995), Baltin (1995), Beghelli (1996), Doetjes (1997), Brisson (2000), entre outros.). Duas dessas análises são apresentadas nas próximas seções.

1.3.2.1. Bobaljik (1995)

Bobaljik (1995) argumenta que quantificadores flutuantes são advérbios que ocorrem em posições adverbiais típicas, adjungidos à margem esquerda de algumas projeções máximas, particularmente do tipo predicativa. Adaptando a proposta de Dowty & Brodie (1984), Bobaljik sugere que quantificadores flutuantes como *all* não modificam diretamente um DP, mas sim modificam o predicado de um modo previsível em relação a algum DP. O autor expressa a relação entre o quantificador e o predicado da seguinte forma:

(24) Construção de quantificador flutuante⁴

All adverbial adjungido a um predicado faz com que o predicado seja máximo em relação a um argumento coletivo (ou massivo) do predicado que está em uma posição A e que c-comanda o advérbio.

(BOBALJIK, 1995, p. 194.)

O autor observa que, nas principais abordagens de quantificação flutuante, as possíveis posições de superfície de *all* em (25) são a periferia esquerda de alguma projeção de VP:

- (25) a. The linguists have [_{VP} all left]
 b. The linguists may [_{VP} all have left]
 c. The linguists may [_{VP} all seem to have left]

(BOBALJIK, 1985, p. 203. Ex. (16).)

Nos exemplos em (25), o argumento ocupa uma posição A e c-comanda o quantificador *all*. O autor argumenta que o quantificador não pode ocupar uma posição de argumento – a posição de base do sujeito, como na proposta de Sportiche –, pois:

(i) embora a posição pós-verbal de construções passivas e inacusativas seja atestada como uma posição de vestígio de DP, como em (26), os quantificadores flutuantes são excluídos dessas posições, como mostra (27):

⁴ Tradução do original: “Adverbial *all* adjoined to a predicate causes that predicate to be maximal with respect to a group (or mass) argument of that predicate which is in an A-position and which c-commands the adverb” (Bobaljik, 1995, p. 194.).

- (26) a. The magicians_i have arrived *trace_i*
 b. The votes_i have been counted *trace_i*

- (27) a. * The magicians have arrived all
 b. * The votes have been counted all

(BOBALJIK, 1995, p. 205-206. Ex. (18) e (19).)

(ii) quantificadores flutuantes podem aparecer na margem esquerda de outros constituintes que não seja o VP, posição em que vestígios (de sujeito) não seriam possíveis:

- (28) a. The magicians disappeared all [PP at the same time]
 b. The voters arrived all [PP exactly at six]
 c. The votes were cast all [PP in alphabetical order]

(BOBALJIK, 1995, p. 214. Ex. (33).)

(iii) *all* não pode ser sempre parte de um vestígio, conforme a análise de Sportiche. Essa abordagem, entretanto, é incompatível com as interpretações geradas pelos quantificadores flutuantes, como mostra o exemplo abaixo:

- (29) a. All (the) students and professors came to the show.
 b. Students, professors and clowns *all* came to the show.

(*id. ib.*, p. 226. Ex. (49).)

Em (29a), *all* quantifica ou sobre *students* ou sobre *students and professors*. Em (29b), por sua vez, a interpretação preferida é a de quantificação existencial sobre os DPs nus: alguns estudantes vieram, alguns professores vieram e alguns palhaços vieram. Bobaljik argumenta que uma abordagem em termos de vestígios deveria produzir a mesma força quantificacional em (29a) e (29b), já que em ambos os casos o quantificador quantifica sobre o DP sujeito. Já a força de *all* é redundante em (29b) na teoria de adjunção a XP, que produz quantificação sobre o predicado.

Em suma, Bobaljik adota uma análise adverbial para o quantificador flutuante *all* porque ele aparece exatamente nas posições em que não são esperados vestígios de DP (como a margem esquerda de adjuntos que são predicados de algum argumento c-comandado). Em oposição a outros advérbios, porém, ele está sujeito à condição de ser c-comandado por um antecedente na posição A.

1.3.2.2. Doetjes (1997)

Doetjes (1997) defende que quantificadores flutuantes (FQs) se comportam como quantificadores adnominais, que podem ser ligados tanto à direita quanto à esquerda do sintagma nominal com o qual é associado. No exemplo (30), o FQ está à direita do DP sujeito *les enfants* em relação ao qual é interpretado, um caso de R-*Tous*. No exemplo (31), considerado um caso de L-*Tous*, o FQ está à esquerda do clítico objeto *les* ‘them’ com o qual é associado:

(30) Les enfants ont **tous** dormi

the children have all slept

‘The children all slept’

(31) J’ai **tous** voulu **les** voir

I-have all wanted them see

‘I wanted to see them all’

(DOETJES, 1997, p. 202. Ex. (3) e (4).)

Doetjes propõe uma *análise L-Tous generalizada* para os dois casos de quantificação: FQs são gerados em uma posição adverbial e ligam uma categoria vazia em uma posição de argumento, como o vestígio do sintagma nominal ao qual o FQ é associado do ponto de vista interpretativo. A configuração básica que licencia FQ é dada em (32):

(32) [_{XP} FQ_i [_{XP} ... *eci* ...]]

(DOETJES, 1997, p. 202.)

A autora argumenta que um FQ padrão como *tous* ‘all’ é um sintagma nominal quantificado, contendo um elemento pronominal não pronunciado representando o domínio da quantificação. O FQ *tous*, por exemplo, tem a seguinte estrutura:

(33) [_{QP} *tous* [_{DP} *pro*]]

(*id. ib.*, p. 203.)

O XP, que é um VP ou alguma projeção dele, funciona como o escopo do quantificador. A configuração em (33) é presente em sentenças L-*Tous* como (31), cuja estrutura (simplificada) é dada em (34):

(34) a. J'ai **tous** voulu **les** voir

b. J'ai [VP **tous**_i [VP voulu **les**_i voir *t_i*]]
I-have all wanted them see

(DOETJES, 1997, p. 203. Ex. (6).)

Essa análise pode ser generalizada aos casos conhecidos por R-*Tous* como (30). O sujeito *les enfants* se origina na posição de sujeito interna ao VP, onde deixa um vestígio. A estrutura atribuída a (30) é dada em (35):

(35) a. Les enfants ont **tous** dormi

b. **les enfants**_i ont [VP **tous**_i [VP *t_i* dormi]]
the children have all slept

(*id.*, *ib.*, p. 203.)

Desta forma, o FQ padrão depende da presença de um DP e um vestígio de DP na sentença. Se não há DP apropriado na sentença ou se o DP estiver muito longe, o FQ não pode ser interpretado e a sentença se torna agramatical.

(36) *Il faut **tous** voir *ei*

it must all see

'it is necessary to see (them) all'

(*id.*, *ib.*, p. 205.)

Segundo Cinque (1990), a autora sugere que os DPs contêm um elemento pronominal que os impedem de licenciar uma categoria vazia como uma variável.

O FQ *tous* 'all' concorda com o DP. (37a) mostra que o FQ e o DP concordam em número e (37b) mostra que o FQ e o DP concordam em gênero:

- (37) a. ***Le garçon** est **tous** allé à la plage
the boy SG is all PL gone to the beach
 ‘The boy all went to the beach’
- b. **Elles** sont **toutes/*tous** allées à la plage
they F are all F/all M gone to the beach
 ‘They (the women) all went to the beach’

(DOETJES, 1997, p. 205)

Doetjes sugere que os fatos de concordância são um reflexo da relação de ligação entre o FQ e o vestígio do DP.

Assim, Doetjes propõe que os FQs são adjungidos a VP ou a uma projeção que domina VP e liga uma categoria vazia em uma posição de argumento. Essa análise torna possível generalizar todos os casos em que FQ está à direita do DP ao qual é associado, como em (30), e aqueles casos em que FQ está posicionado à esquerda do DP, como em (31). Isso é possível porque a análise de *L-Tous* generalizada não postula uma relação direta entre o DP e o FQ, mas entre o FQ e o vestígio do DP.

1.3.3. Abordagem híbrida

Uma abordagem mais recente assume que os quantificadores flutuantes apresentam ambiguidade estrutural, sendo necessárias as duas abordagens clássicas discutidas acima (cf. Ishii (1998), Kang (2002), Ko (2005, 2007), Fitzpatrick (2006), Cirillo (2009).). A seguir, apresento a análise de Fitzpatrick (2006).

1.3.3.1. Fitzpatrick (2006)

Fitzpatrick (2006) argumenta que certos quantificadores flutuantes (FQs) são relacionados ao seu associado nominal por uma transformação sintática (a abordagem de encaimento) e que outros são relacionados ao associado apenas semanticamente (a abordagem adverbial).

1.3.3.1.1. Quantificadores adverbiais

Conforme Fitzpatrick, os quantificadores adverbiais são os quantificadores exaustivos (quantificadores universais ou máximos): *all*, *both*, *each*, do inglês; *tous* ‘all’, *chacun* ‘each’, do francês. O FQ adverbial é gerado como um adjunto a um sintagma verbal, como em (38).

(38) [DP The students] will have [VP all [VP had lunch]].

(FITZPATRICK, 2006, p. 35. Ex. (26).)

Esses elementos têm distribuição adverbial, impõem uma restrição de movimento A ao seu nominal associado e não são derivados por movimento ou encalhamento do quantificador.

(39) The children have all had their lunch.

(40) Les enfants ont tous dansé.

the children have all danced

‘The children all danced.’

(FITZPATRICK, 2006, p. 41-42. Ex. (1), (2))

Fitzpatrick aponta algumas evidências do comportamento adverbial desses FQs, como a impossibilidade de FQs *all* do inglês em posições argumentais mais baixas em sentenças intransitivas (já discutida por Bošković); a possibilidade de repetição de quantificadores flutuantes, em (41), e a coocorrência de FQs e elementos não FQs, em (42):

(41) a. [All the students] have each been asked to fill out the form in pencil.

b. [Both of the times] have all been asked to turn their projects in tomorrow.

(42) a. The students each will have all received their degree by the summer.

b. The students will each have all received their degree by the summer.

(FITZPATRICK, 2006, p. 54-56. Ex. (26a,c) e (31).)

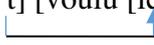
Outra evidência é a distribuição do *tous* flutuante. O francês *tous* não pode aparecer em posição- θ , assim como o inglês *all*, e apresenta o fenômeno L-*tous* (KAYNE, 1975), que

não é encontrado no inglês. Em (43), por exemplo, *tous* é associado a um pronome a sua direita (um clítico objeto em (43a) e um sujeito em (43b)):

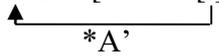
- (43) a. J'ai tous voulu [les] lire.
 I-have all-PL wanted [them] to-read
 'I wanted to read them all.' (Objeto)
- b. ?Il a tous fallu qu'[ils] viennent
 it has all must that-[they] come
 'They all had to come.' (Sujeito)
- (FITZPATRICK, 2006, p. 61. Ex. (50))

Uma abordagem de encaimento de *L-tous* é impossível, pois determina o movimento de um constituinte de NP/DP de um elemento quantificacional, em (44a), mas *L-tous* exigiria movimento desse elemento para a direita, em (44b):

- (44) a. [_{DP} Les étudiants] ont [_{DP} tous t] dansé.

 'The students have all danced.'
- b. J'ai [[_{DP} tous t] [voulu [les lire]]].

 'I wanted to read them all.'
- (FITZPATRICK, 2006, p. 62. Ex. (52))

FQs em francês são incompatíveis com movimento-A'. Isto é, um dado associado nominal de um FQ não pode cruzar aquele FQ diretamente por movimento A':

- (45) DP₁ ... [tous ... [t]]

 *A'
- (FITZPATRICK, 2006, p. 71. Ex. (71))

Uma das propriedades dos FQs adverbiais é a concordância entre o quantificador e o sintagma nominal, como ocorre no francês:

- (46) a. [Tous les étudiants] sont arrivés.
all-MASC.PL the students] are arrived
'All the students are arrived.'
- b. *[Toutes les étudiants] sont arrives.
all-FEM.PL the students] are arrived
intenção: 'All the students arrived.'
- c. [Les étudiants] sont tous arrivés.
[the students-MASC] are all-MASC.PL arrived
'The students all arrived.'
- d. *[Les étudiants] sont toutes arrivés.
[the students-MASC] are all-FEM.PL arrived
Intenção: 'The students all arrived.'

(FITZPATRICK, 2006, p. 73-74. Ex. (75) e (76).)

Se a concordância vista em (46) só pode ocorrer dentro de DP, não é possível admitir uma análise de quantificação flutuante que não assuma uma ligação sintática entre um FQ e seu associado nominal. Fitzpatrick (*op. cit.*, p. 76) afirma, entretanto, que a concordância não ocorre apenas internamente ao DP; concordância em número, gênero e até mesmo Caso pode ser observada entre elementos que não são sintaticamente relacionados, por exemplo, pronomes ligados e pronomes em geral e predicados secundários.

Seguindo Doetjes (1997), Fitzpatrick propõe que FQs adverbiais contém um pronominal (possivelmente nulo):

- (47) [The studensts] have [all *pro*] arrived.

(FITZPATRICK, 2006, p. 80. Ex. (89).)

O autor sugere que [all *pro*] se comporta essencialmente como um sintagma quantificacional completo, isto é, [all *pro*] é semelhante a [all of them] na semântica. Se isso é verdadeiro, [all *pro*] deve se ligar a uma variável sobre a qual ele pode quantificar, para criar uma conexão com o seu associado nominal:

- (48) [The students] have [_{VP} [all *pro*]₁ [_{VP} arrived t₁]].

(FITZPATRICK, 2006, p. 76. Ex. (80).)

Essa proposta explica a restrição a movimento A e os padrões de comportamento dos FQs, como a concordância, estabelecida por uma relação correferencial com o associado nominal, exemplificada no exemplo abaixo:

- (49) [Les étudiants]₁ sont [VP [tous pro₁] [VP arrivés]].
 [the students] are [VP all] [VP arrived]]
 ‘The students have all arrived.’

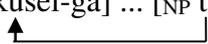
(FITZPATRICK, 2006, p. 76. Ex. (81).)

Também ajuda a explicar a ausência de diferença de sentido entre quantificadores flutuantes e não flutuantes e as restrições de localidade e c-comando entre FQ e seu associado.

1.3.3.1.2. Quantificadores adnominais encahados

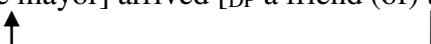
Os quantificadores adnominais encahados (FNQs) formam um constituinte com seu associado nominal e podem aparecer separados dele quando o nominal se move e deixa o quantificador encahado na posição de base. São os quantificadores não exaustivos (existencial ou não máximo): os numerais do japonês e coreano (ex.: *san* ‘three’).

O quantificador numeral japonês *san-nin* ‘3-CL(assifier)’, por exemplo, pode se tornar FQ encahado:

- (50) [NP gakusei-ga] ... [NP t san-nin]

 Movimento A’

(FITZPATRICK, 2006, p. 91. Ex. (1).)

O encahamento do quantificador só pode surgir através de movimento A’ do NP associado, pois a extração de um NP/DP de dentro de outro NP/DP é impossível através de movimento A:

- (51) *[DP The mayor] arrived [DP a friend (of) t].

 Movimento A

(*op. cit.*, p. 93. Ex. (3).)

Por outro lado, extração sub-oracional é comum no caso de movimento A’:

(52) [DP Which student] did you see [DP a picture of ___]?

Movimento A'

(FITZPATRICK, 2006, p. 98. Ex. (20).)

Além disso, FNQs do japonês têm distribuição de nominal, como mostra (53). Se esses elementos fossem adverbiais, seria esperado um comportamento invariante, como no inglês e no francês.

(53) a. [Gakusei-ga] ano otoko-ni huta-ri korosareta.

[student-NOM] that man-by 2-CL were.killed

‘Two students were killed by that man.’ (passiva)

b. [Gakusei-ga] ofisu-ni huta-ri kita.

[student-NOM] office-to 2-CL came

‘Two students came to the office.’ (inacusativa)

c. *[Gakusei-ga] geragerato huta-ri waratta.

[student-NOM] loudly 2-CL laughed

Pretendido: ‘Two students laughed loudly.’ (inergativa)

(Miyagawa, 1989 *apud* Fitzpatrick, 2006, p. 101. Ex. (26).)

A derivação de (54) está em (55). O sintagma *hon-o san-satu* é movido para o CP intermediário em (55a). Daí, *hon-o* se move para o CP mais alto, deixando o quantificador numeral encajado (55b).

(54) [CP Hon-o John-ga [CP san-satu Mary-ga [CP gakusei-ga yonda-to]
[CP book-ACC John-NOM [CP 3-CL Mary-NOM [CP student-NOM read C
itta to] omotteiru].

said C] thinks

‘John thinks that Mary said that the students read three books.’

(55) a. [CP John-ga [CP [[hon-o san-satu] Mary-ga [CP gakusei-ga t yonda-to itta to]
omotteiru].

b. [CP Hon-o John-ga [CP [t san-satu] Mary-ga [CP gakusei-ga t yonda-to itta to]
omotteiru].

(FITZPATRICK, 2006, p. 103. Ex. (29), (30).)

Por sua distribuição além do CP de origem, o autor conclui que FNQs do japonês não são adverbiais.

Descritas as principais abordagens para a quantificação flutuante, apresento algumas análises sobre o quantificador universal no PB.

1.4. O quantificador universal no PB

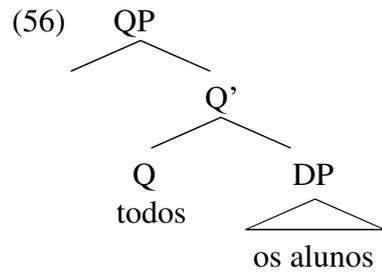
Os trabalhos sobre quantificação universal no PB se dividem entre os que abordam o quantificador plural, os que tratam do quantificador singular e aqueles que analisam ambas as formas. Entre os que abordam o quantificador plural, estão Vicente (2006), Sedrins (2011) e Lacerda (2012), que fazem uma análise sintática de *todos* e propõem uma estrutura subjacente. Já as análises que focalizam o quantificador singular geralmente são de perspectiva semântica e consideram que as diferentes interpretações do *todo* são resultantes de tipos diferentes de quantificação, nominal e adverbial. Pires de Oliveira (2003), por exemplo, defende que há dois quantificadores *todo*, um adnominal e outro adverbial, com função de intensificador.

Quanto aos que tratam de ambas as formas, singular e plural, há aqueles que propõem uma abordagem unificada. Müller, Negrão & Gomes (2007) argumentam que, do ponto de vista semântico, o quantificador universal é um único elemento que realiza a mesma operação, independentemente do material quantificado. Já Vicente & Gomes (2013) propõem uma análise sintática que explica as diferenças semânticas do quantificador: *todo* é um modificador sentencial que atua tanto no domínio nominal quanto no domínio verbal.

Essas análises serão detalhadas a seguir.

1.4.1. O quantificador plural

Vicente (2006), Sedrins (2011) e Lacerda (2012) concordam quanto ao estatuto sintático do quantificador plural: *todos* é um núcleo funcional que seleciona um sintagma nominal como seu complemento, formando um constituinte. A estrutura proposta por Vicente para um sintagma universalmente quantificado, como *todos os alunos*, é a seguinte:

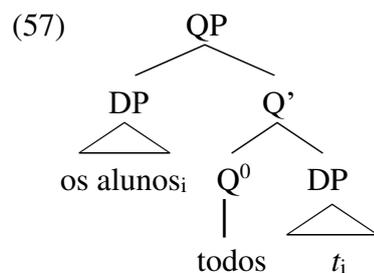


(VICENTE, 2006, p. 99. Ex. (42))

Essa é a mesma estrutura assumida por Lacerda e Sedrins. Os autores divergem, entretanto, quanto a derivação da ordem com o quantificador posposto ao sintagma nominal e quanto à flutuação.

1.4.1.1. A ordem [DP Q]

Vicente (2006) assume que a ordem [DP Q] é resultante de um movimento interno do DP, motivado por um traço EPP não interpretável em Q que precisa ser checado/valorado. Se a sonda em Q é selecionada do léxico com um traço EPP, a checagem/valoração tem necessariamente de ocorrer por meio de movimento do DP para a posição de especificador do QP. Assim, um sintagma como *os alunos todos* tem a seguinte estrutura:



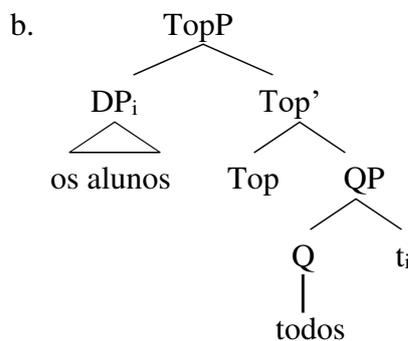
(VICENTE, 2006, p. 98. Ex. (41))

Vicente (*op. cit.*, p. 93) argumenta que a forma neutra *tudo* é uma variação de *todos* pelo fato de estarem em distribuição complementar quando “flutuados” e só pode ocorrer na ordem [DP Q], com movimento de DP:

- (58) a. Todos os meninos
 b. Os menino tudo/todo
 c. *Tudo/todo os menino

A derivação da ordem [DP Q] por movimento interno é contestada por Lacerda e Sedrins. Lacerda (2012, p. 85) afirma que o movimento interno contraria a hipótese de antilocalidade, que diz que o movimento não pode ser muito local (cf. Grohmann, 2003), e a proibição de movimento de complemento para especificador (cf. Grohmann, 2011). A proposta do autor é a de que o PB apresenta uma camada informacional que pode estar presente acima do QP. Assim, a ordem [DP todos] é derivada pelo movimento do DP para a posição de especificador de TopP:

(59) a. Os alunos todos



(LACERDA, 2012, p. 86. Ex. (75))

Ao propor uma projeção de tópico acima do QP, Lacerda evita o movimento local e capta as nuances interpretativas: DP + *todos* indica referencialidade ou resumitividade, observadas por Vicente (2006).

Lacerda assume que o quantificador *tudo*, assim como *todos*, pode selecionar um DP como complemento e pode flutuar, como mostra (60):

(60) a. Os aluno tudo fizeram prova.

b. Os aluno fizeram tudo a prova.

(LACERDA, 2012, p. 52. Ex. (32).)

Assim como Vicente (*op. cit.*), Lacerda defende que as construções com o quantificador *tudo* só podem ocorrer na ordem [DP Q]. Para explicar a agramaticalidade da ordem *tudo* + DP na posição de sujeito, em (61), já apontada por Vicente, Godoy (2005) e Cançado (2006), Lacerda sugere a hipótese de que *tudo* não tem traços- ϕ e, por isso, é incapaz de estabelecer concordância com a flexão verbal em T⁰. Nem mesmo a morfologia default de singular, em (62), salva a sentença; se a concordância fracassa, a sentença é excluída:

(61) *Tudo os aluno fizeram a prova.

(62) a. *Tudo os aluno fez a prova.

b. * $[_{TP} T_{\phi} + \text{fazer } [_{VP} [_{QP} \text{tudo}_{[\phi-]}] [_{DP} \text{os alunos}]]] [_{VP} \text{a prova}]]]$


(LACERDA, 2012, p. 52-53. Ex. (33), (35).)

Conforme Lacerda, não se trata apenas de concordância, pois *tudo* também não poderia ser licenciado com o DP associado à sua direita na posição de objeto, como mostra o contraste em (63). Se *tudo* for focalizado, a ordem *tudo* + DP é gramatical, como em (64a):

(63) a. *Eu já comprei [tudo os Livro].

b. Eu já comprei [os livro TUDO].

(64) a. Eu dei [TUDO os livro] ontem pra Maria.

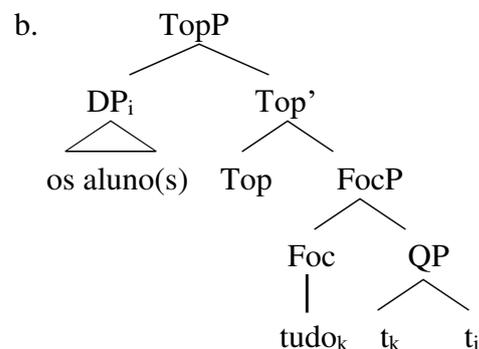
b. *Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.

(*id. ib.*, p. 53. Ex. (36), (37).)

A agramaticalidade de (64b) mostra que a focalização de outro elemento na sentença bloqueia a ordem *tudo* + DP, sugerindo que o quantificador flutuante *tudo* é inerentemente marcado para o valor informacional de foco e, portanto, deve se mover para [Spec,FocP]. Assim, na estrutura do quantificador *tudo*, Lacerda propõe que, além de uma projeção de tópico acima de QP, também está presente uma projeção de foco:

(65) a. Os aluno(s) tudo

b.



(LACERDA, 2012, p. 87. Ex. 87.)

Em (65), *tudo* se move para o especificador de FocP e o DP se move para o especificador de TopP. O movimento do DP licencia o quantificador e, portanto, é obrigatório.

Sedrins (2011), por outro lado, argumenta que a derivação por um movimento interno tão curto, como sugerida por Vicente (2006), além de problemas de minimalidade, violaria a constituência em sentenças com genitivo, como:

(66) Os alunos **todos** [GENITIVO da Maria] fizeram o dever de casa.

(SEDRINS, 2011, p. 153. Ex. (7).)

Em (66), o movimento teria se aplicado a um constituinte parcial, *os alunos*, deixando o genitivo *da Maria* encalhado, o que violaria a constituência. Além disso, a extração de constituintes de dentro de um sujeito é agramatical (cf. Condição sobre Domínio de Extração, Huang (1982).).

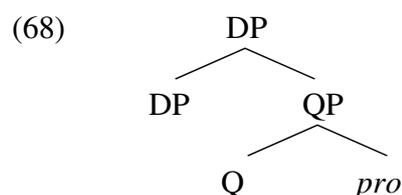
Sedrins (*op. cit.*) sugere que a ordem [DP Q] é um constituinte sintático distinto da ordem [Q DP]. Nesta, o quantificador seleciona um DP, enquanto a ordem [DP Q] é resultado da adjunção do quantificador à projeção do DP, semelhante à adjunção de adjetivos à construção nominal. Uma evidência para a adjunção de Q é a concordância aparente do quantificador flutuante dentro da ilha com o DP da sentença matriz, em sentenças como (67):

(67) a. Vou salvar *os capítulos* [antes que *todos* sejam apagados].

b. Dei chocolate para *as meninas* [depois que *todas* fizeram o dever de casa].

(SEDRINS, 2011, p. 159. Ex. (22).)

Segundo Sedrins, em (67), não é possível assumir que o DP da sentença matriz tenha sido gerado dentro da ilha e foi alçado em seguida, pois não é permitida a extração de constituintes a partir de ilhas de adjunto (cf. Ross, 1967). Para explicar a concordância nesses casos, o autor assume a análise de Benmamoun (1999) para o árabe: existe um pronome nulo gerado com Q dentro da sentença encaixada. Desta forma, a concordância visível que o quantificador apresenta na configuração [DP Q] é um reflexo da concordância entre Q e *pro* dentro da projeção QP. A estrutura é dada em (68):



(SEDRINS, 2011, p. 160. Ex. (24).)

Nessa configuração, os quantificadores concordam com um pronome nulo, que toma como antecedente o DP foneticamente realizado na sentença matriz. Existe, portanto, a possibilidade de uma concordância parcial de Q com o DP: Q pode concordar com o pronome nulo *pro*, mas não exatamente com os traços do DP. Desta forma, Q checaria seus traços de concordância com *pro* e não com DP.

Assim, nos exemplos em (67) acima, repetidos em (69), o quantificador está concordando com *pro* dentro da ilha e não com o DP na sentença matriz, e a correspondência entre o quantificador e o DP se deve a uma estratégia de pronome resumptivo.

- (69) a. Vou salvar os capítulos [antes que todos *pro* sejam apagados].
 b. Dei chocolate para as meninas [depois que todas *pro* fizeram o dever de casa].

(SEDRINS, 2011, p. 160. Ex. (27).)

Essa proposta explicaria a possibilidade de variação de *todo(s)/tudo*, só permitida na ordem [DP Q], conforme Sedrins. O quantificador assume a forma neutra nos casos em que *pro* não é completamente especificado para traços- ϕ ; o quantificador concorda com esse *pro* deficiente, como nos exemplos a seguir:

- (70) a. Vou salvar *os* capítulos [antes que *tudinho* seja apagado].
 b. Dei chocolate para *as* meninas [depois que *tudinho* fizeram o dever de casa].

(*id. ib.*, p. 161. Ex. (28).)

De acordo com a análise de Sedrins, portanto, Q precisa checar seus traços- ϕ com a categoria que seleciona. Na ordem [Q DP], o quantificador seleciona um DP e checa com este seus traços- ϕ , o que explica a agramaticalidade de sentenças em que o quantificador possui marcas de concordância diferentes das apresentadas pelo DP que ele seleciona (ver (58c)). Já na ordem [DP Q], Q seleciona *pro* e checa seus traços- ϕ com o pronome nulo. A concordância visível entre Q e DP, portanto, pode não ser completa.

As ordens pré e pós-nominal do quantificador são representadas, respectivamente, pelas estruturas em (71a) e (71b):

- (71) a. [QP [DP ... [NP [N PP]]]]
 b. [DP ... [NP QP [NP [N PP]]]]

As duas estruturas acima permitem, conforme Sedrins, capturar diferenças de interpretação, de acordo com a ordem do quantificador:

- (72) a. Maria riscou todas as duas páginas. (leitura não exaustiva)
 b. Maria riscou as duas páginas todas. (leitura exaustiva – riscou por inteiro)

O contraste entre as leituras possíveis nos exemplos de (72) mostra que o quantificador se comporta como um adjetivo quando posposto, como já verificado por Galves (2001, p. 107). Na forma singular, o comportamento de adjetivo do quantificador é mais evidente do que na forma plural:

- (73) a. **Todo** (o) dia ela faz tudo sempre igual.
 b. Eu passei o dia **todo** procurando uma solução.

(GALVES, 2001, p. 107. Ex. (45) e (46).)

Segundo Galves (*op. cit.*), em (73a), o quantificador gera uma leitura de quantificador universal, como em *todos os dias*, enquanto em (73b), *todo* constitui um atributo do dia, da mesma forma que o adjetivo *inteiro*, como em *dia inteiro*. Para Sedrins, a proposta de adjunção ao DP na configuração [DP Q] é mais vantajosa que a proposta de movimento do DP para [Spec, QP], pois permite capturar os contrastes de leitura que o quantificador apresenta dependendo da posição em que é gerado.

1.4.1.2. Flutuação do quantificador

Na proposta de Vicente (2006), semelhante à ideia de Shlonsky (1991), o fenômeno de flutuação é resultante do movimento do DP associado para a posição de especificador de QP, para checar/valorar um traço EPP em Q. Esse movimento permite ao DP um *scape hatch* para fora do domínio de c-comando de *todos*. Logo, o DP pode se mover para posições mais altas da sentença, deixando o quantificador encalhado.

Ao contrário do que propõe Vicente, para Lacerda (2012), a flutuação não depende de movimento interno ao DP. Segundo o autor, a flutuação está relacionada ao conteúdo informacional da sentença, resultante do *mismatch* informacional entre os valores de tópico, foco ou neutro do quantificador e seu associado.

Lacerda argumenta que um quantificador focalizado, em seu movimento para [Spec,FocP], obrigatoriamente leva consigo um associado que não seja especificado para um valor informacional diferente. No PB, a posição de sujeito pré-verbal pode ser neutra ([Spec,TP] é uma posição A), ou seja, expressa um tópico familiar. A separação entre um quantificador focalizado e um associado neutro é possível:

(74) a. Os alunos_{neutro} fizeram todos_{Foc} a prova.

b. [_{VP} [_{QP} todos [_{DP} os alunos]] fazer [_{VP} a prova]]

c. movimento do QP para a periferia baixa (licenciamento A’):

[_{FocP} [_{QP} todos [_{DP} os alunos]]]_q fazer [_{VP} t_q [_{VP} a prova]]]

d. sondagem da flexão em T⁰:

[_{T'} T_φ+fazer [_{FocP} [_{QP} todos [_{DP} os alunos]]]_q [_{VP} t_q [_{VP} a prova]]]

e. movimento do DP para Spec,TP:

[_{TP} [_{DP} Os alunos]_d fizeram [_{FocP} [_{QP} todos t_d]_q [_{VP} t_q [_{VP} a prova]]]]

(LACERDA, 2012, p. 59. Ex. (4))

Em (74c), o QP (marcado para foco) se move para [Spec,FocP] na periferia baixa, levando seu DP complemento. Nessa posição A’, o QP é licenciado. No momento em que a derivação atinge o ponto (74d), o DP *os alunos* ainda não está licenciado e, portanto, ainda está ativo para o sistema; assim, a concordância DP e T⁰ é bem sucedida. Minimalidade relativizada não intervém porque, neste ponto, o QP já está licenciado e congelado em uma posição A’ e, portanto, não bloqueia o movimento A realizado pelo DP (que ainda está ativo e precisa checar seu Caso).

Na análise de Sedrins, por sua vez, não há flutuação do quantificador. Quando o quantificador aparece à esquerda do sintagma nominal associado, o quantificador é adjungido à estrutura e relaciona-se ao seu antecedente nominal por coindexação.

1.4.2. O quantificador singular: Pires de Oliveira (2003)

Pires de Oliveira (2003) afirma que *todo* em sentenças com um sintagma nominal definido singular pode ser tanto um quantificador nominal (quantificação-D) quanto um quantificador adverbial (quantificação-A). Nas sentenças abaixo, *todo* é um quantificador nominal em (75) e um advérbio em (76):

(75) O menino todo tá machucado.

(76) O menino tá todo triste.

(PIRES DE OLIVEIRA, 2003, p. 198. Ex. (16) e (17).)

Uma das evidências apontadas pela autora é a flutuação, que é possível se o sintagma for encabeçado por um artigo definido, mas não é possível com o sintagma nu:

(77) a. Todo o menino está machucado.

b. O menino todo está machucado.

c. O menino está todo machucado.

(78) a. Todos os meninos estão machucados.

b. Os meninos todos estão machucados.

c. Os meninos estão todos machucados.

(79) a. Todo menino é feliz

b. *Menino todo é feliz.

(PIRES DE OLIVEIRA, 2003, p. 199. Ex. (18), (19) e (20).)

A flutuação do quantificador não tem o mesmo comportamento nos exemplos em (80) e (81). Há um contraste de aceitabilidade entre (76) e as sentenças abaixo:

(80) *Todo o menino tá triste.

(81) *O menino todo tá triste.

(*id. ib.*, ex. (21) e (22).)

A sentença em (76) é ótima, enquanto as sentenças (80) e (81) são, no mínimo, estranhas. Esse contraste não ocorre com a sentença em (75), como é possível verificar em (77), embora a posição preferencial pareça ser pós-nominal. A explicação da autora para esse fato é a de que *todo* é um determinante em (75) e um advérbio que atua no sintagma verbal em (76).

Quanto à interpretação, Pires de Oliveira (2003, p. 200) sugere que, em sentenças em que o sintagma quantificado é encabeçado por um artigo definido singular, o artigo definido indica que a expressão nominal se refere a um indivíduo em particular. A interpretação de (75), portanto, é a de que o menino está machucado em todas as suas partes. Nesse caso, o

quantificador indica uma inclusão de conjunto: o conjunto das partes está incluído em um outro conjunto.

Essa análise explica não apenas os sintagmas universais definidos singulares no PB, mas também as sentenças como (82), que usualmente expressam quantificação no PE e em certos dialetos do Brasil:

(82) Toda a mulher tem útero.

(PIRES DE OLIVEIRA, 2003, p. 200. Ex. (24).)

Nesse caso, *mulher* deve ser considerado um indivíduo, talvez um indivíduo espécie como sugere Müller (2001), e recebe a mesma interpretação de (75).

Essa interpretação, porém, não pode ser aplicada a sentenças como (76), já que não se pode afirmar que todas as partes do menino estão tristes; o predicado *ser triste* não se aplica a partes de um indivíduo, mas indica estados em que seres animados podem estar. A sentença em (76) pode ser parafraseada por (83), mas (84) não é paráfrase de (76):

(83) Todas as partes do menino estão machucadas.

(84) *!Todas as partes do menino estão felizes.

(PIRES DE OLIVEIRA, 2003, p. 201. Ex. (26) e (27).)

A sentença em (76) faz uma afirmação sobre a intensidade do estado de tristeza em que o menino se encontra. Logo, o quantificador não estaria atuando no sintagma nominal, mas teria um uso adverbial.

A posição do quantificador, segundo a autora, é determinante para a distinção entre quantificação nominal e adverbial, como é possível perceber no contraste entre as sentenças abaixo:

(85) O centro todo está agitado.

(86) O centro está todo agitado.

(*id. ib.*, ex. (32) e (33).)

Em (85), o quantificador está dentro do sintagma nominal (na posição pós-nominal, que parece ser a preferencial no PB) e em (86), está no sintagma verbal. Em (85), o quantificador se refere às partes que compõem o centro e atribui a cada uma delas a propriedade

de estar agitada, enquanto em (86), além dessa interpretação, é possível afirmar que a agitação do centro é grande, embora não precise ocorrer em todas as suas partes.

Assim, o quantificador *todo* adverbial, em (76) e (86), não incide sobre o sintagma nominal, mas sobre a propriedade que aparece no sintagma verbal, marcando sua intensidade. Nesse caso, *todo* estabelece uma relação paradigmática com advérbios e expressões adverbiais como *muito*, *meio*, *um pouco*, *totalmente* (PIRES DE OLIVEIRA, 2003, p. 204.).

1.4.3. *Todos* e *todo*: uma análise unificada

1.4.3.1. Müller, Negrão & Gomes (2007)

Conforme Müller, Negrão & Gomes (2007), o quantificador *todo* em PB pode tomar como argumento tanto um sintagma nominal nu (NP), em (87), quanto um sintagma nominal singular, em (88), ou plural, em (89); os dois últimos constituem descrições definidas. A interpretação semântica, contudo, não é a mesma nos três casos. A sentença (87) tem apenas uma interpretação distributiva: uma jangada por família. Já as sentenças (88) e (89) são ambíguas; podem receber ambas as interpretações coletiva e distributiva.

Nas leituras coletivas, há uma única jangada para uma família inteira em (88), e há somente uma jangada para o grupo de famílias em (89). Nas leituras distributivas, a sentença (88) significa que cada membro da família construiu sua própria jangada, enquanto a sentença (89) significa que cada família construiu separadamente uma jangada para si.

(87) Toda família construiu uma jangada.

(88) Toda a família construiu uma jangada.

(89) Todas as famílias construíram uma jangada.

(MÜLLER, NEGRÃO & GOMES, 2007, p. 72. Ex. (1) a (3).)

Na sentença (87), *todo* parece equivaler ao quantificador universal distributivo do inglês *every*. O comportamento de *todo* em (88) e (89), entretanto, é mais parecido com o do quantificador *all* do inglês. *All* pode ser distributivo, mas também permite leituras coletivas (capaz de distribuir partes de um evento). A diferença entre *all* e *every* é atribuída ou ao seu significado no léxico ou ao tipo de predicado que *all* seleciona.

Müller, Negrão e Gomes (*op. cit.*, p. 73) defendem que *todo* em PB não é ambíguo e faz a mesma operação em qualquer evento em que ocorra. A fonte das diferentes

interpretações é a variedade de argumentos nominais que *todo* toma. As diferentes interpretações de sentenças com *todo* decorrem das diferenças entre as denotações de seus argumentos em cada caso. As autoras assumem que *todo* é um quantificador universal distributivo que quantifica sobre partes tanto da sua restrição quanto de seu escopo nuclear. Diferentemente de *every*, *todo* pode tomar uma descrição definida como argumento, o que afeta a participação em átomos ou eventualidades das denotações em sua restrição e em seu escopo nuclear.

1.4.3.2. Vicente & Gomes (2013)

Vicente & Gomes (2013) consideram *todo* um modificador sentencial disfarçado de determinante exercendo funções aparentemente desconexas no domínio nominal (quantificação nominal) e no domínio verbal (quantificação adverbial).

A proposta é a de que *todo* é gerado como um especificador de um sintagma de grau (DegP, em inglês), cujo núcleo é um operador de grau não pronunciado (d), que toma como complemento um nó que contém o argumento nominal e o predicador que o selecionou. Para as autoras, *todo* quantificador distributivo universal flutuante e *todo* advérbio intensificador é um item lexical único, em uma mesma configuração sintática, como em (90). A estrutura em (90), de estrita adjacência entre Q e seu argumento nominal, é a única possível para a intensificação.

(90) Os avós estão todos bobos [com o nascimento do neto].

(90a) ‘Todos os avós estão bobos’.

[Q-float: todo = ‘cada’ — ‘cada avô está bobo’/‘ambos os avós estão bobos’;
opera sobre o sintagma nominal sujeito]

(90b) ‘Os avós estão completamente bobos’

[Adv = ‘inteiramente’; opera sobre o núcleo do sintagma adjetival]

(VICENTE & GOMES, 2013, p. 113-114. Ex. (3) e (4).)

As autoras assumem que *todo* é inserido na sentença em uma das duas posições possíveis para a flutuação: o nó VP, em que o verbo é saturado com o argumento interno, e o vP, em que o VP se junta com o argumento externo. Assumindo que *todo* ocupa um sintagma de grau, uma projeção DegP é introduzida sobre o nó em que ocorre a predicação. Em (91), um DegP é inserido sobre o nó vP, que se bifurca em DP (SPEC) e v’:

(91) Todos os meninos comeram a pizza.

Em (91), a interpretação é a de que 100% dos componentes a que *os meninos* se refere participaram no evento de comer. A derivação de (91) está em (92):

- (92) a. [_{DegP} todos [_{Deg'} **d** [_{VP} [_{DP} os meninos] _{v'} [_{VP} comer [_{DP} a pizza]]]]]
 b. [_{IP} [_{DegP} todos [_{Deg'} d [_{DP} os meninos]]]_i [_{I'} comeram_k [_{VP} t_i [_{v'} t_k [_{DP} a pizza]]]]]
 (*id. ib.*, p. 123-124. Ex. (18) e (19).)

As outras posições possíveis do quantificador flutuante são derivadas pelo movimento do sintagma nominal associado: topicalização da sentença, em (93), e movimento do argumento externo, em (94):

- (93) [_{TOP}[os meninos comeram a pizza]_j [_{IP} [_{DegP} todos [_{Deg'} d [_{t_j}]]]
 (94) [_{IP} [_{DP} os meninos]_i [_{I'} comeram_k [_{VP} [_{DegP} todos [_{Deg'} **d** [_{DP} t_i]]]_{v'} t_k [_{DP} a pizza]]]]]
 (VICENTE & GOMES, 2013, p. 124. Ex. (20) e (21).)

A outra possível inserção de *todo* é sobre o nó VP, em (95). A derivação, em (96), é da seguinte forma: o sintagma de grau seria projetado pela relação predicativa contida no nó em que o argumento interno se funde com o predicador verbal, em (96a). Em seguida, ocorreriam os movimentos necessários, resultando em (96b). Pode haver ainda um movimento não obrigatório, com o argumento interno acompanhando o verbo até seu primeiro pouso, em (96c). O próximo movimento cíclico do verbo, para juntar-se à flexão, deixará o argumento interno na vizinhança da posição intermediária do verbo, em (96d).

- (95) Os meninos comeram toda a pizza.
 (96) a. [_{DegP} todo [_{Deg'} d [_{VP} [_{v'} comer [_{DP} a pizza]]]]]
 b. [_{IP} [_{DP} os meninos]_i [_{I'} comeram_k [_{VP} t_i [_{v'} t_k [_{DegP} toda [_{Deg'} **d** [_{DP} a pizza]]]]]]]
 c. _{VP}[comer a pizza]_{v+DP} [_{DegP} toda [_{Deg'} [_{Deg} **d** _{VP}[t_{v+DP}]]]
 d. [_{IP} [_{DP} Os meninos]_i [_{I'} comeram _v [_{VP} t_i _{v'} _{VP}[t_v _{DP} a pizza]_{v+DP}] [_{DegP} toda [_{Deg'} [_{Deg} **d** _{VP}[t_{v+DP}]]]
 (VICENTE & GOMES, 2013, p. 124. Ex. (22)-(25).)

A interpretação de (95) é a de que 100% dos componentes a que *a pizza* se refere foram consumidos no evento de comer.

Já o *todo* intensificador só tem uma posição possível porque o sintagma de grau de que o marcador de grau é o especificador é uma camada funcional do adjetivo de grau que o projetou; não pode haver separação entre *todo* MG e *d* mais o adjetivo de grau, no momento da marcação da escala com grau máximo. O adjetivo jamais se move, já que não tem traços-phi para checar, com ou sem *todo* na sentença, o que gera a aparente fixidez de *todo*.

Essa imobilidade do intensificador também é observada no quantificador universal distributivo quando o sintagma nominal é nu, como em (97). A derivação é sugerida na sequência abaixo.

(97) a. Toda laranja é redonda.

- b. [VP[VP [NP laranja]_i] [V' ser]][SC [DegP toda [Deg' d [DP [D' ec]_i]]]][AP redonda]]
- c. [VP[VP [DegP toda_m [Deg' d [NP laranja]_i]]] [V' ser]][SC [DegP t_m [Deg' d [DP [D' ec]_i]]]][AP redonda]]
- d. [IP [toda laranja]_z [I' é_k [VP[VP [t_z] [V' t_k]]][SC [DegP t_m [Deg' d [DP [D' ec]_i]]]][AP redonda]]]]

(VICENTE & GOMES, 2013, p. 126. Ex. (26).)

Quando o nome nu, que é o argumento do adjetivo na *Small Clause*, se move para a posição de sujeito, *todo* é arrastado com ele, derivando a única posição possível na forma superficial da sentença (97c). O operador *d* está ensanduichado entre dois itens lexicais, o especificador do Sintagma de Grau e o item lexical pronunciado que abre o nó bifurcado, ocupando seu complemento. Para satisfazer a necessidade de ocupar a posição de sujeito sentencial, o SN é obrigado a se mover, sem desmanchar esse sanduíche, isto é, dado o caráter local da marcação de grau, *todo* e *d* precisam mover-se junto com o nome nu (VICENTE & GOMES, 2013, p. 126.).

A extração do primeiro constituinte da SC, ilustrada em (98), é agramatical por desfazer a localidade estrita entre o marcador de grau e o primeiro item pronunciado da expressão lexical de grau que projetou a DegP. A ordem *todo d* redonda (98) não é possível porque 'redonda', um adjetivo sem grau, não acionou a projeção do sintagma de grau; foi a relação predicativa estabelecida pela *Small Clause* quem projetou essa camada funcional. Mas

uma sentença como (99) é possível porque o adjetivo de grau ‘simpática’ projeta essa estrutura funcional:

(98) *[IP [NP laranja]_i [I' é_k [VP[VP t_i [V' t_k]]][SC [DegP toda [Deg' d [DP [D' e_{ci}]]]]][AP redonda]]]]]

(99) [IP [NP Maria]_i [I' é_k [VP[VP t_i [V' t_k]] [SC [DP e_{ci}] [DegP toda [Deg' d [AP simpática]]]]]]]]]

(VICENTE & GOMES, p. 127. Ex. (27) e (28).)

Em (99), o argumento da *Small Clause* (Maria) continua se movendo para especificador de IP para satisfazer EPP. Para que o grau máximo seja marcado na relação entre o marcador de grau e o adjetivo, **d** precisa ser ensanduichado entre *todo* e *simpática*. A ordem **É toda Maria simpática* não é permitida porque nada pode intervir entre o marcador de grau e o primeiro nó lexicalmente preenchido da escala que ele modifica.

A interpretação de *todo* como intensificador ou quantificador flutuante em uma sentença como (99) é determinada pelo escopo que o falante dá ao quantificador: se assumir que o sintagma lexical que projetou a camada funcional alojando *todo* é o sintagma adjetival, a leitura é de intensificação; porém, se assumir que o sintagma lexical que projetou o sintagma de grau de que *todo* é especificador é a *Small Clause*, a leitura gerada será de distribuição.

1.5. Considerações finais

Neste capítulo, apresentei as principais análises para os quantificadores flutuantes na literatura. As duas linhas principais são a análise de enclivamento e a análise adverbial. A primeira abordagem associa o quantificador com o DP sintaticamente: o DP quantificado é gerado como um constituinte e o quantificador é enclivado quando o DP se movimenta para uma posição mais alta. Na segunda abordagem, assume-se que os quantificadores flutuantes são elementos adverbiais gerados em posições independentes (adjunção a VP etc.) e é associado ao DP em termos interpretativos. Uma terceira via propõe que as duas análises são necessárias: alguns quantificadores flutuantes são adverbiais, enquanto outros são derivados por enclivamento.

Em relação à quantificação universal do PB, a maioria das análises assume que o quantificador é um núcleo que projeta um QP e seleciona um DP como complemento. Em algumas análises, a ordem com o quantificador posposto é derivada por movimento interno,

como propõem Vicente (2006) e Lacerda (2012), mas Sedrins (2011) assume que se trata de uma construção sintática diferente, em que o quantificador é adjungido a um sintagma nominal, como um adjetivo.

Quanto ao quantificador *tudo*, a maioria dos trabalhos assume que se trata de uma variante da forma flexionada *todos*. O único que propõe uma estrutura sintática para *tudo* é Lacerda (2012), que assume projeções de foco e tópico na estrutura subjacente. Não há menção quanto à possibilidade de *tudo* ocorrer em contextos da forma singular *todo* nem quanto à interpretação semântica do quantificador.

No próximo capítulo, descrevo as propriedades do quantificador *tudo* no PB, a partir das análises expostas aqui.

2

A natureza de *tudo* no PB

No capítulo anterior, apresentei algumas abordagens teóricas sobre a quantificação universal para o português brasileiro (PB). A maioria das análises assume a forma neutra *tudo* como uma variante do quantificador universal *todos*. O foco deste capítulo é o uso de *tudo* nos contextos sintáticos da forma variável *todo(s)*. O objetivo é descrever o comportamento sintático-semântico de *tudo* no PB, em comparação com *todo(s)*, a partir das análises encontradas na literatura. Os objetivos específicos são: (i) identificar os contextos sintáticos em que *tudo* ocorre e (ii) determinar a interpretação de *tudo* nessas sentenças.

O capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, exponho algumas considerações sobre o *corpus* e, na segunda seção, apresento os procedimentos metodológicos. Na terceira seção, apresento a descrição dos dados e, em seguida, a quantificação. Na seção 5, apresento uma descrição das gramáticas de *tudo* e, por fim, seguem as considerações finais.

2.1. Sobre o *corpus*

O foco desta pesquisa são as sentenças em que *tudo* ocorre nos mesmos contextos de uso do quantificador universal *todo(s)*. Por ser um fenômeno coloquial, optei pela coleta de dados no *twitter*, rede social caracterizada por uma escrita espontânea, em tempo real. Essa é a fonte primária dos dados.

Ao comparar os *tweets* coletados com as sentenças discutidas na literatura, percebi que há uma variação quanto ao uso informal de *tudo*: alguns dados encontrados com certa frequência no *twitter* contradizem o que é tratado como agramatical nos trabalhos publicados. Isso me levou a cogitar a hipótese de que está em jogo não apenas uma gramática, mas que duas gramáticas estivessem envolvidas nesse fenômeno, uma gramática mais liberal e outra, mais restritiva.

Na tentativa de descrever essas possíveis gramáticas, elaborei um teste de aceitabilidade e interpretação com falantes nativos, de diferentes idades, localidades e níveis de escolaridade, a fim de estabelecer as propriedades sintático-semânticas de cada gramática,

descobrir a natureza da variação observada e, caso constatada uma variação geográfica, verificar uma possível influência do português afro-brasileiro na origem desse fenômeno.

As sentenças usadas nos experimentos foram baseadas nos *tweets* selecionados, além de sentenças discutidas na literatura e frases ditas e ouvidas por mim em situações cotidianas. Os dados aqui analisados são, portanto, provenientes de quatro fontes diferentes: os trabalhos publicados sobre o assunto, o *twitter*, os resultados dos testes aplicados e as sentenças construídas a partir da minha intuição.

2.2. Procedimentos metodológicos

2.2.1. A coleta dos dados

Os dados do *twitter* foram coletados por meio de uma ferramenta de busca, disponibilizada no site. A coleta foi feita no período de agosto de 2012 a maio de 2015, totalizando 327 ocorrências. Foram consideradas todas as frases em que *tudo* ocorria nos mesmos contextos da versão flexionada, como elemento único do sintagma ou associado a material nominal, se referindo tanto a coisas quanto a pessoas.

Os dados de fala espontânea, por sua vez, constituem 15 sentenças que foram ditas e ouvidas por mim em situações cotidianas e então transcritas. A lista com as sentenças está anexada no fim do trabalho (Anexo A). Já as sentenças elaboradas para a realização dos testes basearam-se em *tweets* coletados e frases discutidas na literatura.

2.2.2. A aplicação de testes de aceitabilidade e interpretação

A etapa seguinte foi a aplicação de testes de aceitabilidade e interpretação das sentenças com *tudo*, que estão anexados no fim do trabalho (Anexo B). O primeiro experimento tinha como objetivo testar as sentenças ditas agramaticais na literatura e julgar a aceitabilidade de frases encontradas no *twitter*. O teste, elaborado na plataforma *surveygizmo*⁵, uma ferramenta de construção de pesquisa, foi aplicado a falantes nativos de PB de diferentes regiões, idades e formação escolar, entre maio de 2014 a abril de 2015.

Esse primeiro experimento aplicado era constituído por três partes. Na primeira delas, o participante deveria ouvir uma frase⁶ e escolher entre as opções: (i) *ouço e falo*; (ii)

⁵ Disponível em <<http://www.surveygizmo.com/>>.

⁶ As sentenças foram todas gravadas por mim.

ouço, mas não falo; (iii) *não ouço e não falo*. A primeira opção era uma declaração de reconhecimento da existência da frase, que o falante aceita perfeitamente e considera gramatical. A segunda opção é dúbia: pode indicar tanto que o falante não admite a existência da frase (e, portanto, seria agramatical) ou ainda que o falante não reconhece a construção como parte do seu dialeto. A opção (iii), por fim, corresponde ao que foi considerado agramatical.

O objetivo do experimento era testar a aceitabilidade do quantificador em diferentes posições no sintagma – pré e pós-nominal –, nas funções de sujeito e objeto, e as possíveis posições ocupadas na oração – pré-verbal, pós-verbal, fim de oração. Foram testadas 18 sentenças (3 delas eram preenchedores, frases com *todo(s)/tudo* que não tinham como foco o fenômeno estudado), dos tipos predicativas, passivas, inacusativas, inergativas e transitivas, com ou sem concordância nominal e verbal. Seguem alguns exemplos das frases testadas:

- (1) a. Os médicos tão tudo atrasado.
- b. As crianças comeram tudo os pão.
- c. Tudo as meninas usam saia curta.

Na segunda parte do experimento, o participante deveria ler um conjunto de sentenças semelhantes em que o quantificador ocupava diferentes posições e escolher a alternativa que achasse melhor. Era possível escolher mais de uma alternativa; nesse caso, havia uma caixa de comentários disponível para que o falante dissesse se as frases escolhidas tinham ou não o mesmo sentido. O objetivo era testar a aceitabilidade de *tudo* em diferentes posições de sintagmas – pré-nominal, pós-nominal e posição final –, com adjuntos e pronomes. Foram testadas 9 sentenças, em paradigmas como este exemplificado a seguir:

- (2) a. Já peguei tudo os lenço de papel.
- b. Já peguei os lenço de papel tudo.
- c. Já peguei os lenços tudo de papel.

Na terceira parte, o participante deveria ouvir uma frase e escolher a melhor descrição para ela. O objetivo era testar a interpretação do quantificador *tudo* em diferentes posições da oração para descobrir se *tudo* gera leitura coletiva ou distributiva ou ainda se poderia ter um sentido adverbial. Foram testadas 9 sentenças, como o exemplo a seguir:

- (3) Os menino tudo compraram um carro.
- () Todos os meninos compraram um único carro.
- () Cada menino comprou um carro diferente.

Para testar a possível ambiguidade de leituras de algumas sentenças, deveria ser permitido escolher mais de uma alternativa. No entanto, houve um erro na configuração das respostas e apenas uma opção estava disponível. Esses resultados, portanto, não foram considerados. Por fim, foi pedido ao participante para declarar sua idade, localidade e escolaridade, para identificar se há diferenças no uso de *tudo* em relação a essas variáveis.

No primeiro teste, foram obtidas 92 respostas, entre elas, 18 respostas parciais que foram desconsideradas. Assim, os resultados abarcam 74 respostas completas, de falantes nativos de idades entre 17 e 58 anos, desde estudantes do ensino fundamental a profissionais pós-graduados, de diferentes regiões do país. Esses aspectos são detalhados nas tabelas abaixo:

Tabela 1: Total de participantes por região (Teste I).

Local	Quantidade
São Paulo (SP)	27
Mato Grosso do Sul (MS)	26
Bahia (BA)	8
Rio de Janeiro (RJ)	3
Santa Catarina (SC)	3
Paraná (PR)	2
Ceará (CE)	1
Minas Gerais (MG)	1
Paraíba (PB)	1
Piauí (PI)	1

Tabela 2: Total de participantes por faixa etária (Teste I).

Faixa etária	Quantidade
10-20 anos	17
21-30 anos	23
31-40 anos	28
41-50 anos	5
51-60 anos	1

Tabela 3: Nível de escolaridade dos participantes (Teste I).

Nível de escolaridade	Quantidade
Ensino fundamental incompleto	7
Ensino fundamental completo	1
Ensino médio incompleto	3
Ensino médio completo	6
Superior incompleto	13
Superior completo	29
Pós-graduação incompleta	2
Pós-graduação completa	13

Uma nova versão do teste foi elaborada e aplicada para corrigir aspectos metodológicos e esclarecer questões levantadas pela versão anterior. O segundo experimento era composto por duas partes. A primeira parte era semelhante à do primeiro experimento: as pessoas deveriam ouvir uma frase e escolher entre as opções (i) *ouço e falo*; (ii) *ouço, mas não falo*; e (iii) *não ouço e não falo*. O objetivo era testar a aceitabilidade do quantificador em diferentes posições no sintagma e na oração, associado a nomes com diferentes marcas de número e gênero. O propósito era saber se há diferenças na aceitação de *tudo* quando associado a nome masculino ou feminino, singular ou plural. Nos resultados, as opções (i) e (ii) foram consideradas gramaticais.

Na segunda parte, o participante deveria ouvir uma sentença e escolher a alternativa que representasse a melhor descrição dela. Era possível escolher entre duas opções – uma leitura coletiva e outra distributiva; uma leitura quantificacional e outra leitura adverbial – ou ainda optar pela alternativa “não se aplica/não falo”, se o falante achasse que a interpretação não era adequada ou se não falasse sentenças do tipo. O objetivo era testar a interpretação semântica do

quantificador *tudo* em posições diferentes da oração, em interação com objetos definidos e indefinidos.

Nesse experimento, foram obtidas 112 respostas, dentre elas, 25 parciais que foram descartadas. Foram consideradas, portanto, 87 respostas completas. A idade, a escolaridade e o local dos participantes são detalhados nas tabelas a seguir.

Tabela 4: Total de participantes por região (Teste II).

Local	Quantidade
São Paulo (SP)	43
Mato Grosso do Sul (MS)	11
Bahia (BA)	6
Rio de Janeiro (RJ)	6
Minas Gerais (MG)	6
Santa Catarina (SC)	5
Rio Grande do Sul (RS)	3
Paraíba (PB)	2
Piauí (PI)	1
Distrito Federal (DF)	1
Pernambuco (PE)	1
Amazonas (AM)	1
Tocantins (TO)	1

Tabela 5: Total de participantes por faixa etária (Teste II).

Faixa etária	Quantidade
10-20 anos	22
21-30 anos	28
31-40 anos	28
41-50 anos	5
51-60 anos	4

Tabela 6: Nível de escolaridade dos participantes (Teste II).

Nível de escolaridade	Quantidade
Ensino fundamental incompleto	16
Ensino fundamental completo	---
Ensino médio incompleto	6
Ensino médio completo	4
Superior incompleto	10
Superior completo	34
Pós-graduação incompleta	1
Pós-graduação completa	16

Os resultados dos dois testes serão apresentados juntamente com a descrição e discussão dos dados.

2.3. Classificação dos dados

As sentenças coletadas foram classificadas a partir de dois aspectos: sintático e semântico. Quanto ao aspecto sintático, foram considerados, na classificação, (a) o tipo de material quantificado; (b) a posição do quantificador no sintagma nominal; (c) a posição do quantificador na sentença. Em relação à semântica, o aspecto considerado foi a interpretação do quantificador conforme o material quantificado e a sua posição na sentença.

2.4. Descrição dos dados

Nas próximas seções, apresento uma descrição dos dados coletados, juntamente com os resultados encontrados nos testes.

2.4.1. Aspectos sintáticos

Em relação ao tipo de material quantificado, *tudo* pode estar associado a uma descrição definida (DP) – lexical ou pronominal – ou a um nome nu.

2.4.1.1. *Tudo* associado a DP lexical

A construção em que *tudo* aparece quantificando um sintagma nominal plural com um determinante é a mais frequente nos dados. Na posição de sujeito da sentença, a ordem predominante é [DP Q], com o quantificador na posição pós-nominal, exemplificada abaixo:

(4) Oloko, os bar **tudo** discutindo futebol.

(<https://twitter.com/carolinamendes/status/223108782023127040>)

(5) Cheguei e os pobre **tudo** tão comendo pão com mortadela na sala chorei

(<https://twitter.com/lothbrook/status/350642634731175937>)

(6) As criança do lixão **tudo** se deram bem na vida!

(<https://twitter.com/bicmuller/status/186982632012259328>)

Na literatura, as sentenças com *tudo* na posição pré-nominal em um sintagma com a função de sujeito são consideradas agramaticais (GODOY (2005), CANÇADO (2006), VICENTE (2006)). Nos dados coletados, entretanto, essas construções são recorrentes, como mostram os exemplos a seguir.

(7) **tudo** os cigarro que eu compro só fala sobre impotência sexual eu to começando a ficar ofendido

(<https://twitter.com/liuizzz/status/267260762098110464>)

(8) Fim do calendáreo maia, **tudo** os burro acreditão.

(https://twitter.com/RaUL_AMDERLAINE/status/248021415473860609)

(9) Cês são maldosos, tão me falando que **tudo** os jogador não tão se destacando.

(<https://twitter.com/pdralex/status/346006938443722752>)

(10) se sou eu no safety car jogo um pacote de omo pela janela aí **tudo** os piloto tem que escorregar na ladeira no sabão mt mais emocionante

(<https://twitter.com/donafernanda/status/272749896178745344>)

No experimento I, apenas 5.48% admitem o uso de frases como *Tudo as meninas usam saia curta*, enquanto 39.73% admitem ouvi-la. Quando há um advérbio em posição inicial, como em *Agora tudo as coisa é cara*, 13.70% dos participantes admitem que falam e 67.12% admitem ouvir.

Tabela 7: [tudo DP] em posição sujeito vs. [Adv tudo DP] em posição de sujeito.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Tudo as meninas usam saia curta ⁷ .	5.48%	39.73%	54.79%
Agora tudo as coisa é cara.	13.70%	67.12%	19.18%

A questão que surge é se a presença de um advérbio precedendo *tudo* na posição pré-nominal aumenta a aceitabilidade da sentença. É preciso considerar também o uso desse quantificador quanto à concordância verbal. Assim, no segundo experimento, foram testadas sentenças na configuração [tudo DP] com e sem concordância nominal e verbal, além da presença e ausência de advérbio na frase. A tabela abaixo mostra os resultados:

Tabela 8: [tudo DP] sem concordância vs. [tudo DP] com concordância.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Tudo as coisa é cara.	18.60%	45.35%	36.05%
Tudo as roupas são novas	12.79%	27.91%	59.30%

Como mostra o quadro, o fenômeno parece ser mais bem-aceito quando não há concordância nominal ou verbal. Quando se observa a opção “ouço e falo”, há uma ligeira diferença: 18.60% admitem falar *Tudo as coisa é cara*, enquanto 12.79% aceitam *Tudo as roupas são novas*. Mas, quando se observa a alternativa “ouço, mas não falo”, a percentagem dos que reconhecem a sentença sem marcas de concordância é quase o dobro dos que admitem o uso da sentença com concordância nominal e verbal.

Quanto à presença de advérbio na sentença, os resultados são apresentados abaixo:

Tabela 9: [Adv tudo DP] com concordância vs. [Adv tudo DP] sem concordância.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Hoje tudo as meninas bebem muito.	8.14%	37.21%	54.65%
Agora tudo as criança usa o computador.	12.79%	52.33%	24.88%

Comparando com o quadro anterior, a aceitação da sentença com advérbio *hoje* é menor do que aquela apresentada pela sentença com concordância nominal e sem o advérbio: *Hoje tudo as meninas bebem muito* é falada por 8.14%, enquanto *Tudo as roupas são novas* é

⁷ Sentença adaptada de: *As menina tudo usa saia curtinha*. Em: CANÇADO, 2006, p. 162. Ex. (18).

falada por 12.79% dos participantes. A sentença com advérbio e sem concordância nominal, *Agora tudo as criança usa o computador*, é mais bem-aceita, mas um pouco menos do que a sentença sem advérbio e sem concordância verbal (ver tabela 8).

Quando se considera a opção “ouço, mas não falo” para as duas frases com advérbio, aquela que não apresenta marca de concordância no verbo é mais reconhecida do que aquela em que o verbo concorda com o sujeito. Isso parece indicar que a presença de um advérbio em posição inicial não influencia a aceitabilidade da sentença; o que parece ser um fator determinante para a ocorrência de *tudo* nessa posição é a ausência de concordância nominal e verbal.

Ainda em relação à posição, nos dados coletados, é comum a presença de *tudo* na posição de objeto, nas duas ordens, com o quantificador na posição pré-nominal, como em (11)-(13), e com o quantificador na posição pós-nominal, visto em (14)-(16):

(11) Se eu fosse papa eu ia anda de bicicleta e de cueca. Ia beber **tudo** os vinho e come **tudo** os pão

(<https://twitter.com/Sabrineaks/status/359386740575834112>)

(12) acho que eu errei **tudo** as concordancia

(<https://twitter.com/antesdascinco/status/333605471283982339>)

(13) vou levar um canetão pro protesto e corrigir **tudo** os cartaz errado

(<https://twitter.com/sabeacarol/status/347759996538335233>)

(14) Eu comi meus chocolates **tudo** já

(<https://twitter.com/bolhado/status/348551511397249024>)

(15) desisto de tentar entender as coisa **tudo**

(<https://twitter.com/gabscalise/status/349362485465325568>)

(16) Thiago contando as fofocas **tudo**.

(<https://twitter.com/tamujuntas/status/446121723801661440>)

O quantificador *tudo* também foi encontrado modificando sintagmas nominais singulares com determinante, na posição de sujeito, em (17), e na posição de objeto, em (18):

(17) domingo a família **tudo** vai assistir jogo aqui em casa, quero só ver rs

(https://twitter.com/annahelenag_/status/350370563258187778)

(18) Pegou um vidro de esmalte e pintou **tudo** o chão

(https://twitter.com/pq_anny/status/462026773421518848)

No experimento I, foram testadas uma sentença com *tudo* em posição pré-nominal e outra com *tudo* na posição pós-nominal (a sentença em (18) acima adaptada), em sintagmas na posição de objeto:

Tabela 10: [tudo DP] em posição objeto vs. [DP tudo] em posição objeto.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
As crianças comeram tudo os pão.	12.33%	49.32%	38.36%
O menino pegou o vidro de esmalte e pintou o chão tudo.	26.03%	42.47%	31.51%

Pelos resultados acima, parece que a sentença é mais bem-aceita quando *tudo* ocorre depois do nome, como em *pintou o chão tudo*. Há, entretanto, a questão do número que não foi considerada: trata-se de uma sentença com um nome no plural – *os pão* – e uma sentença com nominal singular – *o chão*. Para determinar se há alguma relação entre o uso do quantificador e a marcação de número no sintagma nominal, no experimento II, foram testadas sentenças com nomes no singular e no plural, com *tudo* em posição pré e pós-nominal em sintagmas com função de objeto da sentença. Os resultados seguem abaixo.

Tabela 11: [tudo DP_{singular}] vs. [tudo DP_{plural}] em posição de objeto.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Os guris comeram <i>tudo</i> o pão.	19.77%	36.05%	44.19%
Meu irmão comeu <i>tudo</i> os pão.	15.12%	36.05%	48.84%

Com *tudo* na posição pré-nominal, a sentença é mais bem-aceita quando o nome é singular, considerando apenas a opção “ouço e falo”. Quando considerada a opção “ouço, mas não falo”, entretanto, as duas sentenças têm a mesma percentagem.

Tabela 12: [tudo DP_{singular}] vs. [tudo DP_{plural}] em posição de objeto.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Meu pai pintou <i>o portão tudo</i> .	16.28%	25.58%	58.14%
Meu vizinho quebrou <i>os portão tudo</i> .	17.65%	52.94%	29.41%

Com *tudo* na posição pós-nominal, as sentenças têm aceitação semelhante, com nome singular e nome plural, quanto à opção “ouço e falo”. Mas, quando se olha para a opção

“ouço, mas não falo”, a sentença com nome plural é mais reconhecida do que a versão com nome singular. Comparada com a sentença em que *tudo* é pré-nominal, a versão com nome plural e *tudo* pós-nominal também tem maior aceitação. Os resultados parecem indicar que *tudo* é mais natural quando associado a sintagmas nominais no plural, mas também pode ser um problema de norma.

Resta saber se a questão de gênero influencia a aceitabilidade de *tudo*. No experimento II, também foram testadas sentenças em que o nome quantificado é feminino, no singular e no plural, com *tudo* nas duas posições no sintagma. Os resultados são mostrados no quadro abaixo.

Tabela 13: *tudo* pós-nominal com feminino singular vs. feminino plural.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Ontem eu gravei <i>a novela tudo</i> .	8.14%	25.58%	66.28%
Eu gosto de assistir <i>essas novela tudo</i> .	16.28%	61.63%	22.09%

Com *tudo* pós-nominal, a sentença com nome quantificado no feminino plural teve mais aceitação que a sentença com nome quantificado no feminino singular, considerando a alternativa “ouço e falo”. Quando se olha para a opção “ouço, mas não falo”, a aceitação da sentença com objeto quantificado plural tem uma aceitação muito maior do que a versão singular.

Tabela 14: *tudo* pré-nominal com feminino singular vs. feminino plural.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Semana passada a globo reprisou <i>tudo a série</i> .	5.88%	30.59%	63.53%
Eu parei de ver <i>tudo essas série</i> .	10.47%	25.58%	63.95%

Com *tudo* pré-nominal, o nome quantificado feminino plural teve maior aceitação que a versão feminina singular. Assim, parece que o traço de número é um aspecto importante no uso do quantificador *tudo*: sentenças com nomes quantificados no plural têm uma aceitação maior entre os falantes. Quanto ao gênero, sentenças com nomes quantificados masculinos parecem ser mais naturais para os participantes.

Ainda na questão da ordem no interior do sintagma, quando há um adjunto no sintagma nominal quantificado, as duas configurações – o quantificador na posição pré-nominal

e o quantificador na posição pós-nominal – são possíveis. A preferência, no entanto, parece ser pela ordem [Q DP], mais comum e mais frequente nos dados, como os exemplos a seguir:

(19) comprei **tudo** meus livros da faculdade no sebo

(<https://twitter.com/bicmuller/status/190472992470478850>)

(20) tem uma mina lá que o pessoa idolatra mas ela pega **tudo** as respostas do tumblr que eu sei (<https://twitter.com/gabistew/status/186961609741172737>)

(21) Acabei com a bolacha da minha mãe tb, não tenho culpa se o Matheus comeu **tudo** meus pingo de chocolate branco

(https://twitter.com/kacamargo_/status/350117901119930368)

Essa preferência por *tudo* na posição inicial do sintagma é confirmada nos resultados do teste I:

Tabela 15: Posição de *tudo* em sentenças com adjunto.

Sentença	%
Já peguei tudo os lenço de papel.	53.62
Já peguei os lenço de papel tudo .	43.48
Já peguei os lenço tudo de papel.	14.49
O futebol atrai tudo essa paixão de todo mundo.	61.04
O futebol atrai essa paixão tudo de todo mundo.	42.11
Eles perderam tudo a plantação de maracujá deles.	72.31
Eles perderam a plantação de maracujá deles tudo .	32.31
Eles perderam a plantação de maracujá tudo deles.	7.69

Quando o sintagma nominal quantificado ocupa a posição de sujeito da sentença, o quantificador pode flutuar. As sentenças abaixo mostram as posições em que *tudo* pode aparecer na sentença:

- Posição pós-verbal:

(22) eu estava vendo um filme no telecine bem emocionada, mas daí a minha mãe veio e disse: ah, eles morrem **tudo** no final.

(<https://twitter.com/vavates/status/22337859683876864>)

(23) Coitada da Ally não deveria nem ter participado do desafio por ser de menor quase afogaram a mulher a água caiu **tudo** nela

(<https://twitter.com/jaureworld/status/500756797805056000>)

(24) Nossa, que gritaria. As crianças perderam **tudo** a esperança agora.

(<https://twitter.com/CalcinhasNoBox/status/500833059676360704>)

- À direita do objeto direto:

(25) Esse restaurante ai parece aqueles grill que tu leva os filhos e pede pros garçom cantar o parabéns **tudo** junto.

(<https://twitter.com/moskito/status/500089687848288257>)

- Posição final da sentença:

(26) as baleia vai começar a encalhar na praia **tudo**

(<https://twitter.com/bicmuller/status/476166389217390592>)

Quando *tudo* aparece na posição pós-verbal em sentenças transitivas com objeto direto, o quantificador é preferencialmente interpretado como modificando o sintagma objeto da oração, conforme os resultados do teste I:

Tabela 16: Interpretação de *tudo* precedendo objeto direto.

As criança comeram tudo o bolo ⁸ .	%
Todas as crianças comeram o bolo.	10.96
As crianças comeram o bolo inteiro.	82.19
Não se aplica/não falo.	6.85

Em posição final de sentença com adjunto, a leitura predominante também é a de que *tudo* modifica o sintagma nominal sujeito da oração, ainda conforme o teste I:

⁸ Adaptado de ?*Os menino comeram tudo o bolo*. In: CANÇADO, 2006, p. 167. Ex. (50b).

Tabela 17: Interpretação de *tudo* em posição final.

As baleia encalharam na praia tudo.	%
As baleias encalharam na praia inteira.	26.03
Todas as baleias encalharam na praia.	61.33
Não se aplica/não falo.	12.33

Quanto à flutuação, os resultados do teste I mostram que a sentença com o quantificador pós-verbal é mais bem-aceita do que quando o quantificador ocupa a posição pós-nominal, como mostra o quadro a seguir.

Tabela 18: *tudo* pós-verbal vs. *tudo* pós-nominal.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Os médico tão tudo atrasado.	35.62%	56.16%	8.22%
Os aluno tudo invadiram a reitoria.	12.16%	52.70%	35.14%

Para investigar melhor a questão da flutuação, foram testadas sentenças com o quantificador dentro do sintagma nominal e na posição de flutuação, após o verbo, com e sem concordância verbal. Os resultados seguem abaixo.

Tabela 19: *tudo* pós-nominal vs. *tudo* pós-verbal em sentenças com concordância.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
<i>Os aluno tudo</i> reprovaram na prova.	24.42%	38.37%	37.21%
<i>Os aluno</i> tão <i>tudo</i> atrasado.	37.65%	49.41%	12.94%

Tabela 20: *tudo* pós-nominal vs. *tudo* pós-verbal em sentenças sem concordância.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
<i>Os lixero tudo</i> tá em greve.	17.44%	56.98%	25.58%
<i>Os médico</i> tá <i>tudo</i> de plantão.	31.40%	58.13%	10.47%

Com *tudo* pós-nominal, a percentagem de participantes que admitem ouvir e falar é um pouco maior quando o verbo apresenta marcas de concordância, como em *Os aluno tudo reprovaram na prova*, do que quando o verbo não concorda com o sujeito, como em *Os lixero tudo tá em greve*. Como já apontava o teste I, porém, a sentença é mais bem-aceita com *tudo* pós-verbal, tanto na ausência de concordância verbal, quanto na sentença com marcas de concordância verbal.

Quando se considera a opção “ouço, mas não falo”, por outro lado, as maiores taxas de aprovação – nas duas posições – são das sentenças em que o verbo não concorda com o sintagma nominal na função de sujeito. Parece que a ausência de concordância verbal favorece a ocorrência de *tudo* em contextos do quantificador universal.

Também foram testadas sentenças com nomes quantificados femininos, com *tudo* pós-nominal e *tudo* pós-verbal, para saber se o gênero influencia a aceitação. O quadro abaixo mostra o resultado.

Tabela 21: *tudo* pós-nominal vs. *tudo* pós-verbal com nomes femininos.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
<i>As meninas tudo</i> dançaram na festa	27.91%	41.86%	30.23%
<i>As empregadas tão tudo</i> de folga hoje.	37.65%	51.76%	10.59%

Como se vê no quadro, a aceitação da sentença com *tudo* pós-verbal é maior nas duas opções, “ouço e falo” e “ouço, mas não falo”. A taxa de participantes que consideram a sentença agramatical é maior quando o quantificador é parte do sintagma nominal, como em *As meninas tudo*, do que quando o quantificador é pós-verbal, como em *As empregadas tão tudo de folga*.

Quando comparadas com as sentenças com nomes quantificados no masculino (ver tabelas 19 e 20 acima), não há muita diferença nas percentagens; as taxas de aceitação são semelhantes. Isso significa que o gênero não influencia na aceitação das sentenças, mas sim a posição do quantificador: as sentenças com *tudo* na posição pós-verbal parecem ser mais naturais para os falantes.

Resta ainda a dúvida se as sentenças com *tudo* fora do sintagma nominal teriam uma aceitação melhor. No experimento II, foram testadas sentenças em que *tudo* é separado do associado nominal por um advérbio. Os resultados são dados a seguir.

Tabela 22: aceitação de *tudo* separado do associado nominal por um advérbio.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
<i>Minhas amigas da minha idade</i> hoje <i>tudo</i> tão casada.	27.91%	47.67%	24.42%
As meninas da minha sala ontem <i>tudo</i> foram no show de forró.	12.79%	46.51%	40.70%

No que diz respeito à colocação, no primeiro experimento foram testadas sentenças com diferentes tipos de verbos e diferentes posições do quantificador. Com orações passivas, a aceitação é melhor quando o quantificador é pós-verbal, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 23: *tudo* pós-verbal vs. *tudo* final em sentenças passivas.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Os alunos foram <i>tudo</i> reprovado.	24.66%	57.53%	17.81%
Os problema foram resolvido <i>tudo</i> .	8.33%	56.95%	34.72%

Com verbos inergativos, do tipo *correr* e *viajar*, os testes mostram uma diferença em relação ao gênero do nome quantificado nas sentenças com *tudo* flutuado:

Tabela 24: *tudo* pós-verbal em sentenças inergativas.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Os menino correu <i>tudo</i> ⁹ .	21.92%	57.53%	20.55%
As meninas viajaram <i>tudo</i> .	17.81%	45.21%	36.99%

Com verbos inacusativos, como *chegar* e *encalhar*, a situação é inversa:

Tabela 25: *tudo* pós-verbal em sentenças inacusativas.

Sentença	ouço e falo.	ouço, mas não falo.	não ouço e não falo.
Os vizinho chegou <i>tudo</i> ¹⁰ .	13.70%	43.84%	42.47%
As baleias encalharam <i>tudo</i> .	19.18%	27.40%	53.42%

Dos quadros acima, o que se pode concluir é que, nas orações passivas, a preferência é pelo quantificador na posição pós-verbal. Com verbos inergativos, a aceitação do quantificador na posição de flutuação é ligeiramente superior à das sentenças com verbos inacusativos.

⁹ Fonte: CANÇADO, 2006, p. 170. Ex. (63a).

¹⁰ Adaptado de: ?Os menino chegou tudo. In: CANÇADO, 2006, p. 170. Ex. (64a).

2.4.1.2. *Tudo* associado a DP pronominal

O quantificador *tudo* também ocorre associado a pronomes pessoais – *eles*, *nós*, *vocês*. Na ordem [pronome + tudo], foram encontradas sentenças com o sintagma quantificado tanto na posição de sujeito, como em (27)-(29), quanto na posição de objeto, em (30) e (31):

- (27) **eles tudo** arrumaram namoradinho antes de mim tia
(<https://twitter.com/mabuzzolo/status/333724392171397120>)
- (28) O legal do twitter é que **nós tudo** ta falando sozinho achando que alguém vai ler isso
(<https://twitter.com/w4ntL4rry/status/332067634273189888>)
- (29) **Vocês tudo** sofrendo por amor, quero sofrer também poxa
(<https://twitter.com/Lrmcd0/status/501209739582504960>)
- (30) as pessoa sao tao burra que eu vo engoli **elas tudo**
(<https://twitter.com/jezebeles/status/349358744171331584>)
- (31) to na terceira cerveja e to amando **voces tudo**
(<https://twitter.com/erreoliveira/status/193148727186292737>)

Na ordem [*tudo* + pronome], a ocorrência mais frequente é a forma *nós/nóis/nois*, exemplificada em (32)-(34). Também foram encontrados exemplos com o pronome *eles(as)*, ilustrados em (35) e (36), e com *vocês*, exemplificados em (37) e (38).

- (32) Vamos, vai que ela não leve na brincadeira e atrole **tudo nois** kkkk
(<https://twitter.com/HmmBmx/status/500681788873003009>)
- (33) Se juntassem **tudo nós** daquele grupo q ja falaram uma vez de fazer isso.. eu fazia lasanha pra todo mundo
(https://twitter.com/Dbora_fabris/status/500644224480858112)
- (34) vai dar pneumonia em **tudo nós**
(<https://twitter.com/lisalwayss/status/501440006331068416>)
- (35) os captcha foram feitos para seres evoluídos não pra gente tapada igual eu erro **tudo eles**
(<https://twitter.com/murilonist/status/451194397733171200>)
- (36) da proxima vez ke aparecer aquela propaganda de ganhar 500 reais no itunes eu vo ligar e xingar **tudo eles**
(<https://twitter.com/CSPIDOR/status/501538917976637441>)

(37) Gente, lembra que em 2002 o Felipão falou que lia A arte da guerra e **tudo vocês** compraram e o livro virou best-seller no Brasil? Eu lembro.

(https://twitter.com/8th_floor/status/488041376651943936)

(38) "mas meu ídolo tem mais followers que o seu" idai cara beatles nem tinha twitter e humilha **tudo vocês**

(<https://twitter.com/fckslytherin/status/321101512032014336>)

Embora alguns falantes tenham optado pelas duas formas, a predominância pela ordem [pronome + tudo] foi confirmada nos resultados do teste I:

Tabela 26: [pronome + tudo] vs. [tudo + pronome].

Configuração	Sentença	%
DP _{pronominal} + tudo	Eu erro eles tudo.	70.31
tudo + DP _{pronominal}	Eu erro tudo eles.	39.06
DP _{pronominal} + tudo	Ele mandou um abraço pra vocês tudo.	81.82
tudo + DP _{pronominal}	Ele mandou um abraço pra tudo vocês.	25.76

Outra construção frequente nos dados é aquela em que *tudo* é associado à forma *cês*. Na ordem [cês + tudo], constam sentenças em que o quantificador aparece na posição de sujeito, em (39), na posição de objeto, em (40), e na posição de adjunto, como complemento de preposição, em (41):

(39) **Cês tudo** vendo jogo e eu trabaiano, sabe quem vai mudar o mundo? eu que não, pq eu vou estar trabaiano ainda!

(<https://twitter.com/biancarigler/status/453989429812924417>)

(40) A Holanda de novo invadindo a Bahia fica esperto eles vão escravizar **cês tudo** de novo

(<https://twitter.com/falaurubu/status/477527633845305344>)

(41) ai meu Deus e a vontade de ir lá agora **cocês tudo**?

(<https://twitter.com/erreoliveira/status/351771826017406977>)

Não há, nos dados coletados, sentenças com a configuração [tudo cês], o que deve estar relacionado ao fato de *cês* ser proclítico e se apoiar no material à sua direita, conforme

Vitral & Ramos (2006, p. 34). Como observou Vicente (2006, p. 104), *cês* deve estar cliciticizado no quantificador, e não no verbo.

A ocorrência mais comum é aquela em que *tudo* aparece em posição pós-verbal, tanto com pronomes quanto com o clítico, exemplificada a seguir.

(42) Governo sobe cigarro e nao sobe a uva passa que **ves** coloca **tudo** na farofa
(<https://twitter.com/RenatoCarvalho/status/187573368868974592>)

(43) **cês** tão **tudo** aprontando. tô vendo daqui.
(<https://twitter.com/nkaisa3/status/193831625228955648>)

(44) Cês são **tudo** urubu
(<https://twitter.com/luiszera100/status/172901900251955201>)

(45) eu estava vendo um filme no telecine bem emocionada, mas daí a minha mãe veio e disse: ah, **eles** morrem **tudo** no final.
(<https://twitter.com/vavates/status/22337859683876864>)

Essa preferência pelo *tudo* em posição pós-verbal observada no *corpus* se reflete nos resultados do experimento:

Tabela 27: Aceitação de sentenças com *tudo* associado ao clítico *cês*.

Sentença	%
Cês são tudo louco.	86.33%
Cês tudo são louco.	39.39%
Tudo cês são louco.	9.09%

2.4.1.3. *Tudo* associado a nome nu

Além das sentenças em que *tudo* quantifica um DP, também foram registrados casos em que o quantificador modifica um nome nu. Nessas construções, o sintagma nominal geralmente é singular e *tudo* ocupa a posição pós-verbal, como nos exemplos abaixo:

(46) sapatão tem **tudo** esse jeitinho meigo.
(<https://twitter.com/juycer/status/232891790968094720>)

(47) blogueiro é **tudo** babaca

(<https://twitter.com/tensoblog/status/137149561222348800>)

(48) Manifestante é **tudo** vagabundo

(https://twitter.com/The___Stranger/status/345333623874011136)

Com nome no plural, foi registrado um único exemplo:

(49) Floriculturas hoje tão **tudo** zuera.

(<https://twitter.com/mordomoeugenio/status/465507190997262336>)

Além disso, também foi encontrado um único exemplo com quantificador pré-verbal, na configuração [NP + *tudo*], a sentença em (50) abaixo:

(50) Japonês **tudo** tem cara de vendedor de pastel.¹¹

(<https://twitter.com/Spritediet/status/182247966629822464>)

No experimento I, foi testada uma sentença com *tudo* associado a nome no, conforme mostra o quadro a seguir.

Tabela 28: Aceitação de sentença com [nome no + *tudo*].

Jogador tudo gosta de mulher loura.	%
ouço e falo.	19.18
ouço, mas não falo.	45.21
não ouço e não falo.	35.62

Embora essa configuração não seja considerada em nenhum trabalho sobre o assunto, a sentença é gramatical para 64.39% dos falantes (levando em conta as opções “ouço e falo” e “ouço, mas não falo”) que participaram da pesquisa.

No experimento I, foram testadas ainda sentenças com *tudo* associado a nome no – singular e plural –, em diferentes posições, como mostram os resultados abaixo¹².

¹¹ Outra possibilidade de interpretação desta frase é a de que “Japonês” seja um tópico pendente e o quantificador “tudo”, o sujeito.

¹² Nessa questão do teste I, foram apresentadas as questões e foi perguntado ao participante qual delas ele fala. Era possível selecionar uma ou mais opções.

Tabela 29: Aceitação de *tudo* associado a nomes nus em diferentes posições.

Configuração	Sentença	%
<i>tudo</i> pós-verbal	Floriculturas hoje tão tudo cheia.	90.91
NP _{plural} + <i>tudo</i>	Floriculturas tudo hoje tão cheia.	7.58
<i>tudo</i> final	Floriculturas hoje tão cheia tudo .	6.06
NP _{singular} + <i>tudo</i>	Japonês tudo tem cara de vendedor de pastel.	42.86
<i>tudo</i> + NP _{singular}	Tudo japonês tem cara de vendedor de pastel.	12.86
<i>tudo</i> pós-verbal	Japonês tem tudo cara de vendedor de pastel.	65.71

A preferência dos falantes é predominantemente por *tudo* em posição pós-verbal. Na configuração [nome nu + *tudo*], a sentença é mais bem-aceita quando o nome é singular do que quando o nome é plural.

2.4.2. Aspectos morfológicos

O fenômeno de concordância de gênero e número de *tudo* com o associado nominal é registrado, pelas gramáticas normativas modernas, como um “vício” de fala. Sacconi (1990), por exemplo, cita vários usos do quantificador na língua popular falada que, segundo ele, precisam “ser corrigidos e consertados”:

“As crianças chegaram aqui **tudo** sujas’ - Na língua falada popular há esse *vício*: dizer **tudo** no lugar de todo; *tuda*, no lugar de toda; *tudas*, no lugar de *todas* etc. *Consertemos*, principalmente se tratando da língua escrita: Os bichinhos morreram *todos*. (E não: **tudo**)”.

(SACCONI, 1990, p. 83 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 19. Ex. (12).)

Nos dados coletados do *twitter*, também são encontrados casos em que o quantificador apresenta marcas de concordância com o associado, como nos exemplos abaixo:

(51) **tudos** os curso de graduacao alternativo q eu quero fizr nenhum em joaçaba nao quero ir pra videira denovo :(

(https://twitter.com/_fjung/status/453525413768491008)

(52) **Tudas** as meninas do Brasil vão me odiar. Eu nao quero!

(<https://twitter.com/DeniseDiGioia/status/453253848896135168>)

(53) Viu se eu me meter em **tudas** as conversas que eu sinto ciúme do binho não saio mais daqui

(<https://twitter.com/underlinezayn/status/453669365242929152>)

(54) vou desativar minhas redes sociais **tudinhos**

(https://twitter.com/Emillyvitoria_/status/451944995529166848)

(55) Me preveni, saboba. Troquei as conexão **tudinhas** faz semana.

(<https://twitter.com/BetoMafra/status/332692986636931073>)

No experimento I, foram testadas sentenças com *tudo* na posição de determinante e como único elemento do sintagma com marcas de flexão de gênero e número. Os resultados são dados no quadro a seguir.

Tabela 30: *tudo* pré-nominal com marca de gênero e número.

	Ouçó e falo.	Ouçó, mas não falo.	Não ouço e não falo.
Eu comprei <i>tudos</i> livro no sebo.	6.85%	46.58%	46.58%
Minha mãe guardou <i>tudas</i> compra do mercado.	21.92%	45.21%	32.88%

Como se vê no quadro, *tudo* flexionado é mais bem-aceito com nome feminino. A questão que surge é se *tudo*, nesses casos, possui mesmo traços gramaticais de gênero e número ou se o que ocorre aqui é uma contração do quantificador com o determinante *os/as* na fala. Esse é um aspecto que precisa ser investigado posteriormente, em trabalhos futuros.

2.4.3. Aspectos semânticos

Nos aspectos semânticos, levou-se em conta a interpretação de *tudo* conforme o tipo de material quantificado e o tipo de leitura gerada quando em interação com objetos definidos e indefinidos.

2.4.3.1. *Tudo* associado a DP

Quando associado a DP plural, o quantificador *tudo* tem sentido de totalidade, exaustão:

- (56) a. Os menino(s) tudo jogaram bola hoje. (= totalidade)
 b. As criança(s) quebraram tudo os brinquedo(s). (= totalidade)

Nas sentenças em (56), *tudo* tem a mesma interpretação do quantificador universal *todos* (cf. Vicente, 2006): todos os meninos jogaram bola e as crianças quebraram todos os brinquedos.

Quando modifica DP singular, a interpretação também é de totalidade, qualquer que seja a ordem em que o quantificador apareça no sintagma:

- (57) a. A criança rabiscou o livro tudo. (= totalidade)
 b. Os meninos sujaram tudo a janela. (= totalidade)

Em (57a), o sentido é de que a criança rabiscou todas as partes do livro, enquanto em (57b), os meninos sujaram a janela inteira, todas as suas partes. A interpretação, nesse caso, também é a mesma da forma flexionada.

No que diz respeito à interpretação semântica, se *tudo* é realmente uma variante do quantificador *todo(s)*, espera-se que a forma neutra também possa produzir as duas leituras, distributiva e coletiva. Puskas (2002) afirma que os quantificadores universais como o inglês *all* e o francês *tous* podem ser ambíguos quanto à distributividade, de acordo com propriedades semânticas e probabilidades pragmáticas. A especificidade do objeto sob escopo do quantificador pode tornar a leitura distributiva indisponível ou ainda pode deixar disponível apenas a leitura de distribuição sobre eventos. Assim, nos experimentos de interpretação semântica, foram testadas sentenças em que *tudo* ocorre em interação com objetos definidos e indefinidos, para saber se a especificidade tem alguma influência na determinação da leitura do quantificador.

No experimento II, os resultados para as sentenças com objetos definidos foram os seguintes:

Tabela 31: Interpretação de *tudo* com objeto definido.

Sentença	Coletiva	Distributiva	Não falo
As meninas tudo carregaram o bolo.	78.82%	7.06%	21.18%
Os meninos tudo rabiscaram a mochila.	47.62%	48.81%	17.86%
Os colegas tudo assinaram a carta.	85.88%	7.06%	16.47%

Com objetos definidos, como *o bolo* e *a carta*, a preferência dos falantes é pela leitura coletiva. Com o objeto *a mochila*, por outro lado, os resultados são divididos: 47.62% preferem a leitura coletiva, enquanto 48.81% atribuem à sentença uma leitura distributiva. Aqui pode ter havido uma questão pragmática: uma mochila é um item individual, pessoal, o que pode ter levado à leitura distributiva.

Para as sentenças com objetos indefinidos, os resultados seguem abaixo:

Tabela 32: Interpretação de *tudo* com objeto indefinido.

Sentença	Coletiva	Distributiva	Não falo
As crianças tudo tão construindo um brinquedo.	70.24%	27.38%	15.48%
Os estudantes tudo receberam um prêmio.	41.18%	50.39%	17.65%

Com o objeto indefinido *um brinquedo*, a leitura coletiva, em que todas as crianças constroem juntas um único brinquedo, foi a resposta predominante dos participantes. Com o objeto *um prêmio*, porém, os resultados ficaram divididos: 50.39% preferiram a leitura distributiva, em que cada aluno recebe um prêmio, enquanto 41.18% escolheram a leitura coletiva, em que todos os alunos receberam um único prêmio.

Nos resultados dos experimentos, a preferência dos falantes é pela leitura coletiva, tanto com objetos indefinidos quanto com objetos definidos. Dependendo do contexto, entretanto, a leitura distributiva se torna disponível: é mais plausível que cada menino rabisque a própria mochila e cada menino ganhe um prêmio individualmente. Assim, as condições pragmáticas parecem ser mais importantes na determinação do tipo de leitura produzida pelo quantificador do que a especificidade.

Ainda em relação à interpretação, o quantificador universal *todo* também é um advérbio intensificador (sinônimo de “muito”) que aumenta o grau em que o adjetivo se aplica ao seu argumento nominal, como em *Ela ficou toda orgulhosa* (ver Vicente & Gomes (2013), cap. 1). O quantificador *tudo* também pode ter uma leitura adverbial em alguns contextos, por exemplo, quando modifica um adjetivo:

(58) a. [...] fui coçar minha costas meu rosto to **tudo** arranhada [...]

(<https://twitter.com/srazuera/status/188002623922778113>)

b. To **tudo** quebrado

(<https://twitter.com/roobfernandes/status/501881882091741185>)

As sentenças em (58) são casos de *tudo* adverbial, com sentido de “muito”, “completamente”. Em (58a), não se pode interpretar como se todas as partes do corpo estivessem arranhadas, mas que as costas e rosto estão muito machucados. Da mesma forma, em (58b), a única interpretação possível é que a pessoa está muito cansada.

O exemplo (59) abaixo também é um caso de *tudo* adverbial:

(59) eu me sujei **tudinha** [...]

(https://twitter.com/naboapaula_/status/349172760305602560)

Nas sentenças (58) e (59), a única leitura disponível é de advérbio intensificador. Não é possível interpretar *tudo* como um quantificador flutuante, como mostram os exemplos abaixo:

(60) a. *eu tudo to arranhada.

b. *eu tudo to quebrado.

c. *eu tudo me sujei.

O quantificador *tudo* também se comporta como intensificador de verbo, como ilustram as sentenças a seguir.

(61) a. Minha mãe me xingou **tudo** só porque eu tô com meia no pé.

(https://twitter.com/aah_amanda/status/466975926551457792)

b. minha mãe contando que a crente xingou **tudo** ela hoje só pq ela disse que era católica

(<https://twitter.com/WorldWinchester/status/421005871330516992>)

A sentença (61a) não significa que minha mãe xingou todas as partes de mim, mas que me xingou muito, repetidas vezes. É um caso de *tudo* adverbial, portanto. Em (61b), alguém

poderia pensar que *tudo* faz parte do sintagma nominal objeto, [tudo ela]. Mas, nesse caso, não é possível pensar em *tudo* como quantificador, com sentido de totalidade, como se alguém falasse mal de cada parte da minha mãe. Na sentença, *tudo* modifica o verbo *xingar*, com sentido de “muito”; o que está sendo quantificado não é um indivíduo, mas sim o evento representado pelo verbo. O quantificador *tudo* parece se comportar como um modificador de eventos.

Uma sentença semelhante às de (61) foi testada no experimento II. Os resultados são apresentados no quadro abaixo.

(62) Minha mãe xingou tudo o guarda.

Interpretação semântica	%
Minha mãe xingou muito o guarda.	72.29%
Minha mãe xingou todos os guardas.	3.53%
Não se aplica/não falo.	24.71%

O propósito de (62) era saber se os falantes interpretavam *tudo* como quantificando sobre o complemento *o guarda* ou como um intensificador do verbo. A preferência dos participantes foi pela interpretação adverbial de *tudo*, de que a mãe xingou muito o guarda.

No experimento II, foi testada também uma sentença baseada nos seguintes dados:

(63) sim mas durmo **tudo** errado

ce prefere dormir **tudo** errado ou dormir 10 horas em 3 dias?

(<https://twitter.com/dudzeppelin/status/594067631256313856>)

Os resultados seguem abaixo:

(64) Dormimos tudo errado essa noite.

Interpretação semântica	%
Dormimos muito mal essa noite.	55.95%
Todos nós dormimos mal essa noite.	25%
Não se aplica/não falo.	29.76%

A ideia era testar a ambiguidade da sentença: *tudo* poderia ser interpretado como modificando o sujeito (oculto) *nós* ou ainda como um intensificador do adjetivo *errado*. De fato, a sentença gerou as duas leituras: 25% dos participantes escolheram a leitura de totalidade,

em que *tudo* modifica o sujeito; 55.95%, no entanto, preferiram a leitura de *tudo* como um intensificador do ato de dormir. Essa ambiguidade só ocorre porque o sujeito é um pronome pessoal plural, o que não acontece quando o sujeito é singular, como mostra o contraste entre (65) e (66):

- (65) a. Nós dormimos tudo mal. (tudo = Adv ou Q)
 b. Nós tudo dormimos mal. (tudo = Q)
- (66) a. Eu dormi tudo mal. (tudo = Adv)
 b. *Eu tudo dormi mal. (*tudo = Q)

Em (65), com o sujeito plural *nós*, o quantificador pós-verbal pode ser interpretado tanto como o quantificador universal *todos*, no sentido de totalidade, quanto como um advérbio de intensificação do evento *dormir*. Com um sujeito singular como em (66), por outro lado, *tudo* pós-verbal só pode ter a interpretação de advérbio.

A posição pós-verbal do quantificador é um contexto que gera ambiguidade. No PB, Vicente & Gomes (2013) observaram essa ambiguidade com o quantificador *todo*. Na sentença (67) abaixo, *todo* pode ser interpretado tanto como um quantificador adnominal flutuante, quanto como um advérbio.

- (67) Os avós estão todos bobos [com o nascimento do neto].
- a. ‘Todos os avós estão bobos’. [Q flutuante: todo = ‘cada’ — ‘cada avô está bobo’/ ‘ambos os avós estão bobos’: opera sobre o sintagma nominal sujeito]
- b. ‘Os avós estão completamente bobos’ [Adv = ‘inteiramente’; opera sobre o núcleo do sintagma adjetival]

(VICENTE & GOMES, 2013, p. 114. Ex. (4).)

O quantificador flutuante *todo*, como indicam as autoras, pode ser colocado em lugares diversos da sentença, (68a,b,c), mantendo a interpretação de (67a):

- (68) a. ‘Todos os avós estão bobos’ (= 81a)
 b. ‘Os avós todos estão bobos’ (= 81a)
 c. ‘Os avós estão todos bobos’ (= 81a)

(*id. ib.*, p. 114. Ex. (5).)

Entretanto, no momento em que *todo* deixa a posição imediatamente anterior ao adjetivo, em (67), perde-se a interpretação de (68c), indisponível tanto para (68a) quanto para (68b), a saber, a interpretação de que a bobice dos avós é grande, ou seja, de que eles estão não apenas um pouco, mas completamente bobos pelo neto.

Essa mesma ambiguidade também foi observada no inglês por Rickford *et al.* (2007). Segundo eles, a maioria das orações com NPs sujeitos plural + *all* são ambíguas entre uma construção com um quantificador flutuado e construções adverbiais. (69) é ambígua entre uma construção com um quantificador flutuado (a) e uma leitura em que *all* funciona como um intensificador (b):

(69) The players were all sexy.

- a. ‘All the players were sexy’ [Quant-float: Adj *all* = ‘every’; modifies the subject]
- b. ‘The players were totally sexy’ [Adv = ‘completely’; modifies the adjectival head]

(RICKFORD, J. *et al.*, 2007, p. 8. Ex. (16).)

A sentença abaixo, com *tudo* associado a um DP plural, também é ambígua, podendo receber duas leituras: uma típica de quantificador universal e outra, adverbial:

(70) Minhas toalha(s) tão tudo manchada(s).

Em (70), a sentença pode ter duas interpretações. Na primeira, *tudo* funciona como quantificador adnominal flutuante, com sentido de totalidade; aqui, *tudo* é exaustivo, ou seja, todas as toalhas que eu tenho estão manchadas. Na segunda, *tudo* tem papel de intensificador, com sentido de *muito, completamente*; nesse caso, posso me referir a algumas das toalhas que eu acabei de lavar, e não à quantidade total de toalhas. Quando funciona como advérbio, portanto, *tudo* não é exaustivo. Uma sentença desse tipo foi testada no experimento II e os resultados são mostrados a seguir.

(71) Meus documentos tão tudo manchados.

Interpretação semântica	%
Todos os meus documentos estão manchados.	92.94%
Os documentos estão completamente manchados.	14.12%
Não se aplica/não falo.	4.88%

Para a sentença (71), a preferência dos participantes foi pela interpretação de quantificador adnominal flutuante, mas a interpretação de advérbio também está disponível para uma parcela dos falantes.

2.4.3.2. *Tudo* associado a nome nu

Nas sentenças em que *tudo* é associado a um nome nu, o quantificador geralmente aparece na posição pós-verbal, que parece ser a construção mais natural para os falantes. Esse tipo de sentença tem um sentido genérico, como exemplificado a seguir:

(72) blogueiro é tudo babaca.

(<https://twitter.com/tensoblog/status/137149561222348800>)

A interpretação para a sentença em (72) é a de que toda e qualquer pessoa que escreva um *blog* é tola, boba. Com o quantificador *todos*, por outro lado, a configuração que gera a leitura genérica é [todo NP]:

(73) a. Toda mulher é chorona.

b. *Mulher toda é chorona.

c. *Mulher é toda chorona.

A sentença em (73a) significa que qualquer indivíduo do gênero feminino chora muito. A sentença (73b), com o quantificador pós-nominal, é agramatical. A sentença (73c) é agramatical para o sentido genérico, mas é possível interpretar *toda* como um intensificador, com o sentido de que mulher é muito chorona.

Considerando os dados coletados e os testes de aceitabilidade, a construção com *tudo* associado a um nome nu é mais bem-aceita quando o quantificador está na posição pós-

verbal, como (74c). As sentenças com *tudo* nas posições pré-nominal, em (74a), e pós-nominal, em (74b), são aceitas por uma pequena parcela dos participantes.

- (74) a. #Tudo mulher é chorona.
 b. #Mulher tudo é chorona.
 c. Mulher é tudo chorona.

Assim como na leitura adverbial, *tudo* em (74) parece estar modificando o predicado *ser chorona*. O nome nu sem número não tem uma referência específica, mas é um nome de tipo, que se refere ao grupo de indivíduos do gênero feminino.

Com nomes próprios, a interpretação semântica das sentenças depende da posição do quantificador. Com o quantificador *tudo*, a leitura genérica é dada pela configuração [todo NP], enquanto a posição pós-verbal, adjacente ao adjetivo, gera uma leitura adverbial:

- (75) a. Toda Maria é chorona. (genérico)
 b. Maria é toda chorona. (adverbial)

No caso do quantificador *tudo*, a ordem [tudo NP] é agramatical para a maioria dos dialetos; é a posição pós-verbal que gera a leitura genérica. Nesse tipo de sentença, a leitura adverbial não está disponível.

- (76) a. *Tudo Maria é chorona.
 b. Maria é tudo chorona. (genérico)

Em (76), *Maria* não se refere a uma pessoa específica, mas ao grupo de mulheres que possuem o nome de Maria.

2.5. Quantificação dos dados

Os dados coletados no *twitter* totalizam 327 ocorrências de *tudo* em contexto de uso do quantificador *tudo(s)*, que foram contabilizadas conforme o tipo de material quantificado e a ordem do quantificador. O resultado é dado na tabela a seguir.

Tabela 33: Distribuição do quantificador *tudo* (n. absolutos).

Construção	Ordem	N.
Tudo + DP	tudo DP _{lexical}	78
	tudo DP _{pronominal}	21
	DP _{lexical} tudo	64
	DP _{pronominal} tudo	16
Tudo + clítico	tudo cês	---
	cês tudo	10
Tudo + nome nu	tudo NP	1
	NP tudo	---
Tudo flutuado	tudo + DP _{lexical}	48
	tudo + DP _{pronominal}	21
	tudo + nome nu	12
Tudo adverbial		11
Ambíguas (Q flutuado ou adverbial)		45
Total		327

Como mostra a tabela, a ocorrência mais comum é a de *tudo* associado a um DP lexical. Dessas sentenças, a ordem [tudo DP] aparece com mais frequência do que a ordem [DP tudo]. Das sentenças com DP pronominal, a preferência é pelas construções na ordem [tudo DP]. Quanto ao clítico *cês*, a ocorrência predominante é da construção [cês tudo]; não há ocorrência de [tudo cês].

Vale destacar a ocorrência do quantificador flutuante, em posição pós-verbal, frequente com sintagmas com determinante, mas que também ocorre com nomes nus, com sentido genérico. Importa ressaltar ainda a ocorrência de *tudo* adverbial, que mostra que o quantificador também está em variação com a forma singular *todo*, e não só com o quantificador universal plural, como afirmam os trabalhos sobre o assunto.

2.6. A sintaxe de *tudo*

As seções anteriores descreveram as propriedades sintático-semânticas do quantificador *tudo*, com base nos dados coletados no *twitter*, nas sentenças ditas e ouvidas e por mim e na minha intuição de falante. Ao comparar os *corpora* em estudo com as análises

disponíveis na literatura, a principal diferença encontrada foi a ocorrência de *tudo* pré-nominal na posição de sujeito, considerada agramatical nos trabalhos abordados, mas encontrada nos dados coletados e aceita por 18.60% dos falantes que participaram dos experimentos¹³. Assim, considero que se trata de duas gramáticas diferentes, o que explicaria esse contraste¹⁴. A primeira destas gramáticas, correspondente à sintaxe descrita na literatura, é mais restritiva, enquanto a segunda gramática é mais livre.

Nas próximas seções, descrevo as duas gramáticas de *tudo*, com base nos resultados fornecidos pela plataforma *Surveygizmo*.

2.6.1. A gramática restritiva de *tudo*

Com *tudo* associado a DPs, a gramática restritiva não admite sentenças na configuração [tudo DP] na posição de sujeito oracional, como em (77):

(77) *Tudo as coisa é cara.

A ordem [DP tudo], entretanto, é gramatical:

- (78) a. Os aluno tudo reprovaram na prova.
b. As meninas tudo dançaram na festa.

Nos experimentos, 24.42% responderam “ouço e falo” na questão (78a)¹⁵. Desses, 81% responderam “ouço e falo” na questão (79a) e 86% responderam “ouço e falo” na questão (79b), com *tudo* na posição pós-verbal:

- (79) a. Os aluno tão tudo atrasado.
b. As empregadas tão tudo de folga hoje.

¹³ Esse cálculo foi feito pela plataforma usada no experimento, *Surveygizmo*.

¹⁴ Reconheço a existência de uma gramática que não aceita *tudo* nos contextos da forma flexionada. Entretanto, tratarei aqui apenas das gramáticas envolvidas na variação *tudo/todo(s)*.

¹⁵ Valores referentes aos resultados do experimento II.

Ainda em relação à flutuação, as pessoas que consideram (78) agramatical também não aceitam as sentenças com *tudo* em posição final com verbos inacusativos e inergativos, sem concordância verbal, conforme resultados do teste I:

- (80) a. *Os menino correu tudo.
- b. *Os vizinho chegou tudo.
- c. *As meninas viajaram tudo.

Ainda em relação à ordem, como as construções em (78) são gramaticais, espera-se que a ordem [DP *tudo*] também seja possível na posição de objeto, como (81):

- (81) Ontem eu gravei a novela *tudo*.

De fato, 71% dos participantes que admitem ouvir e falar a sentença em (81) também ouvem e falam a sentença em (78a), *Os aluno tudo reprovaram na prova*, e 71% aceitam a sentença (78b), *As menina tudo dançaram na festa*. As pessoas que aceitam (78b) também admitem falar a sentença em (82):

- (82) Meu pai pintou o portão *tudo*.

Dos que responderam “ouço e falo” para (82) no experimento II, 62% também responderam “ouço e falo” na questão (78b). Já no experimento I, dos 12.16% que responderam “ouço e falo” na questão *Os aluno tudo invadiram a reitoria*, 100% responderam “ouço e falo” para a sentença *O menino pegou o vidro de esmalte e pintou o chão tudo*. Na posição de objeto, portanto, a posição [DP *tudo*] também é possível.

Quanto à ordem [*tudo* DP] na posição de objeto, era esperado que também fosse agramatical, como ocorre na posição de sujeito, o que parece se confirmar nos resultados dos testes. Sobre as sentenças em (83):

- (83) a. Semana passada a globo reprisou tudo a série.
- b. Meu irmão comeu tudo os pão.

Dos participantes que não aceitam *Tudo as coisa é cara*, 80% não aceitam a sentença em (83a) e 63% não falam a sentença em (83b). Daqueles que não aceitam a construção

Tudo as roupas são novas, 84% não aceitam (83a) e 69% não aceitam (83b). Assim, a ordem [tudo DP] na posição de objeto, nessa gramática, não é aceita.

Em síntese, na gramática restritiva, quando *tudo* é associado a um DP, as possíveis posições para o quantificador, na posição de sujeito e na posição de objeto, são as seguintes:

- (84) a. (*Tudo) os vizinho (tudo) chegou (*tudo).
 b. (*Tudo) as menina (tudo) dançaram (*tudo) na festa (*tudo).
 c. (*Tudo) as crianças (tudo) comeram (*tudo) o bolo (*tudo).
 d. As crianças comeram (*tudo) os pão (tudo).

Em (84a), *tudo* em posição final com verbo inacusativo é agramatical. Em (84b), com verbo inergativo, as posições de *tudo* pós-verbal e final ainda são agramaticais, independentemente da presença de um adjunto. Em (84c), com verbo transitivo, as posições antes e depois do objeto direto são agramaticais, mas por uma questão de escopo: o quantificador não pode se referir ao sujeito nessas posições, só ao objeto. Em (84d), por fim, a única posição possível para *tudo* na posição de objeto é pós-nominal.

Em relação às sentenças com *tudo* associado a nome nu, com sentido genérico, ao contrário do que ocorre com o quantificador *tudo*, a única construção possível na gramática restritiva é aquela em que o quantificador ocupa a posição pós-verbal:

- (85) a. *tudo blogueiro é babaca.
 b. *blogueiro tudo é babaca.
 c. blogueiro é tudo babaca.

Nesta gramática, o quantificador *tudo* também tem uma função adverbial, com sentido de intensificador. Dos participantes que aceitam a sentença *Os alunos tudo reprovaram na prova*, 63% escolheram a interpretação “Dormimos muito mal essa noite” para a sentença *Dormimos tudo errado essa noite*. E daqueles que aceitaram a sentença *Meu vizinho quebrou os portão tudo*, 80% optaram pela interpretação “Minha mãe xingou muito o guarda” na sentença *Minha mãe xingou tudo o guarda*.

2.6.2. A gramática radical de *tudo*

Na gramática chamada radical, *tudo* pode ocorrer na ordem [tudo DP] na posição de sujeito, como em (86), e na posição de objeto, como em (87):

- (86) a. Tudo as coisa é cara.
 b. Tudo as roupas são novas.
 (87) a. Meu irmão comeu tudo os pão.
 b. A globo reprisou tudo a série.

Além disso, a ordem [DP tudo] também ocorre na posição de sujeito e na posição de objeto:

- (88) a. Os lixeiro tudo tá em greve.
 b. Meu vizinho quebrou os portão tudo.

Quando o material quantificado é um nome nu, o comportamento de *tudo* é mais radical do que a versão flexionada:

- (89) a. Tudo manifestante é vagabundo.
 b. Manifestante tudo é vagabundo.
 c. Manifestante é tudo vagabundo.

O sentido genérico permanece em todas as construções em (89), mas não há restrição ao movimento de *tudo*.

Nesta gramática, *tudo* também se comporta como um elemento adverbial, como em (90):

- (90) a. Minha mãe xingou tudo o guarda.
 b. Dormi tudo errado.

Dos participantes que dizem falar sentenças como *Tudo as roupas são novas*, 100% atribuíram à (90a) a interpretação “minha mãe xingou muito o guarda”. Nesse ponto, a gramática radical é semelhante à gramática restritiva. Esse assunto será retomado no cap. 5.

2.7. Considerações finais

A partir dos dados analisados, assumi a existência de duas gramáticas envolvidas no fenômeno de variação *todo(s)/tudo* no PB, uma radical e uma mais restritiva. Um aspecto importante levantado nos dados diz respeito à concordância: *tudo* é um fenômeno favorecido pela ausência de marcas de concordância, nominal e verbal. Assim, a gramática radical de *tudo* está associada a uma morfologia pobre, enquanto a gramática restritiva é mais sensível aos fatos de concordância.

A principal diferença entre as gramáticas é a colocação do quantificador em sentenças com DPs e nomes nus. Em sentenças em que o material quantificado é um DP, a ordem [tudo DP] é possível na gramática radical, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto, mas a gramática restritiva não admite essa configuração.

Quanto às sentenças genéricas com nomes nus, na gramática restritiva, a única posição possível para *tudo* é pós-verbal. Na gramática radical, por outro lado, *tudo* pós-verbal é a construção preferida dos falantes, mas também é possível a ocorrência do quantificador antes ou após o nome.

Um ponto comum entre essas duas gramáticas é o uso de *tudo* como um advérbio, com sentido de intensificador. O quantificador *tudo*, desta forma, parece funcionar tanto como um modificador de nome quanto de evento.

No próximo capítulo, discutirei a evolução do quantificador *tudo* e *todo(s)* na história do português, na tentativa de descobrir a origem da variação e os processos envolvidos na sua emergência.

3

A diacronia de *tudo* e *todo(s)* no português

No capítulo anterior, apresentei uma descrição de *tudo* no PB. O foco deste capítulo são os processos envolvidos na ocorrência desse item, que tem significado neutro, em contextos sintáticos do quantificador universal *todo(s)*, que se aplica a um objeto particular, nos termos de Teyssier (1976). O objetivo é investigar a sintaxe de *tudo* na história do português, em comparação com as propriedades sintáticas de *todo(s)*, na tentativa de explicar a origem do fenômeno.

O português europeu moderno não apresenta a variação *tudo/todo(s)* estudada aqui. Da mesma forma, a norma padrão do português brasileiro não admite essa variação. No entanto, o uso de *tudo* com traço [+humano] já era registrado em textos do século 19 e 20, de autores portugueses como Antero de Quental (1842-1891) e José Cardoso Pires (1925-1998), e escritores brasileiros, como Machado de Assis (1839-1908), como observado por Cunha & Cintra (2008) (ver cap. 1). É válida, portanto, a análise de textos históricos do português para tentar encontrar pistas que indiquem a direção da mudança.

O capítulo é organizado da seguinte forma: a primeira parte é dedicada a textos históricos do português europeu. Na primeira seção, descrevo brevemente a periodização do português adotada neste estudo. Na segunda seção, faço algumas considerações sobre os *corpora* utilizados e na terceira seção, descrevo as construções encontradas. Em seguida, apresento a quantificação e uma discussão dos dados. Já a segunda parte deste capítulo é dedicada à diacronia do português brasileiro. Primeiro, apresento os *corpora* usados e, em seguida, descrevo as ocorrências coletadas. Nas seções seguintes, apresento a quantificação e a discussão dos dados. Por fim, seguem as considerações finais.

3.1. Do português médio ao português europeu moderno

Antes de passar à análise dos textos, é importante falar sobre a periodização da língua portuguesa adotada. A visão tradicional, baseada na língua escrita, reconhece três grandes períodos: português arcaico, português clássico e português europeu moderno. O

português arcaico compreende os primeiros documentos escritos até o fim da Idade Média, enquanto o português clássico é o período intermediário entre o medieval e o contemporâneo, incluindo textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e setecentistas. Já o português europeu moderno é localizado no século 19, momento em que a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos e os padrões da escrita se assemelham ao português da Europa atual (GALVES, NAMIUTI & PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 46).

Na perspectiva da gramática gerativa, o período é importante quando se pode identificar gramáticas diferentes. Nesse sentido, Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006, p. 48) sugerem uma divisão em etapas históricas, fundamentada em análises de padrões sintáticos que atestam a emergência de novas gramáticas. Na visão gerativista, o surgimento de uma nova gramática é entendido como parte do processo de aquisição da língua, por isso, o critério de datação não é a data em que o texto foi escrito, mas a data de nascimento do seu autor.

Na proposta das autoras, são três períodos principais para a língua em Portugal: o *Português Arcaico*, o *Português Médio* e o *Português Europeu Moderno*. Os primeiros documentos escritos do português correspondem à gramática do *Português Arcaico*. A fronteira entre os séculos 14 e 15 corresponderia à emergência de uma gramática do *Português Médio* e o início do século 18 marca o surgimento da gramática do *Português Europeu Moderno* (GALVES, NAMIUTI & PAIXÃO DE SOUSA, 2006).

Seguindo essa periodização, os textos que serão investigados aqui abrangem as gramáticas do português médio e do português europeu moderno (PE, doravante), por terem sido escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19. O momento de transição entre essas gramáticas é marcado por mudanças na língua, como a generalização da ênclise e aumento das construções SV (GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUZA, 2005), além da diminuição da subida de clíticos (ANDRADE, 2010). Desta forma, é válido investigar se essa mudança teve alguma influência no sistema de quantificadores do português.

Nas próximas seções, apresento os *corpora* utilizados.

3.2. Sobre os *corpora*

Os dados referentes ao português médio e ao PE constituem ocorrências de *tudo* e *todo*, retiradas de 16 textos escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19 (cf. Anexo

C), incluídos no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (CTB)¹⁶. A coleta dos dados foi realizada por meio da ferramenta de busca *Corpus Search*, em textos com anotação sintática.

3.3. Os dados: classificação e descrição

Nas próximas seções, descrevo a sintaxe dos quantificadores *tudo* e *todo(s)* nas gramáticas do português médio e do PE, para determinar se em algum momento esses elementos ocupavam os mesmos contextos sintáticos.

3.3.1. Sobre *tudo*

As sentenças com o quantificador *tudo* foram classificadas nas seguintes categorias:

(i) quantificador sozinho: sentenças em que *tudo* ocorre sozinho no sintagma, único elemento do constituinte que desempenha a função de complemento de verbo ou preposição ou de argumento externo da sentença;

(ii) quantificador associado a pronome demonstrativo: sentenças em que *tudo* aparece em contiguidade com os pronomes demonstrativos *isso/isto/aquilo*;

(iii) quantificador associado a DP: constam, nesta categoria, os casos em que *tudo* ocorre associado a um sintagma nominal com determinante, uma descrição definida (DP), nos termos de Müller, Negrão & Gomes (2007);

(iv) sentença ambígua: foram incluídas, nesta categoria, as sentenças que não se encaixam nas classificações anteriores. São os casos em que não é possível determinar a posição sintática do quantificador *tudo*.

Os dados são descritos nas seções a seguir.

3.3.1.1. *Tudo* sozinho

Nos textos históricos, as sentenças em que *tudo* ocorre sozinho são frequentes. Nessas sentenças, *tudo* é o único constituinte do sintagma, com o sentido de “todas as coisas”, como nos exemplos a seguir:

¹⁶ Galves, Charlotte e Faria, Pablo. 2010. *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>.

- (1) Os poderosos agora não temem outro poder, porque elles podem **tudo**;
(V_004,91.605. séc. 17)
- (2) Nem **tudo** são rosas. (O_001,173.2068. Séc. 19)
- (3) Mas sôbre todos êstes ídolos, adoram a um Seutó, que dizem, que é uma substancia, e principio de **tudo**, e que suas moradas são os Ceos.
(C_007,37.424. Séc. 16)

Em (1), o quantificador *tudo* é complemento do verbo, tem a função de objeto da sentença, e em (2), o quantificador é o argumento externo do verbo, fazendo o papel de sujeito da sentença. Já em (3), *tudo* é complemento de uma preposição, em um sintagma que realiza a função de adjunto do nome.

Nos exemplos acima, o quantificador tem um traço semântico inanimado, mas, em alguns casos, *tudo* pode apresentar um traço [+humano]. Nos textos pesquisados, só há duas ocorrências desse tipo:

- (4) Mas nenhum comércio lhes tem montado tanto como o das terras novas do Brasil, que vai em tamanho crescimento que, no tempo que isto escrevíamos, traziam no mar setenta navios de toda sorte, com que a terra está mociça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, sucedendo nos mais dos navios serem armadores e marinagem **tudo** da mesma terra.
(S_001_PSD,130.1466. Séc. 16)
- (5) O bom do Conde de Rio Maior e seu tio D. Prior de Guimarães não cessavam de ser originaes. Tinham ido a um theatro particular na rua de S. José, a casa do Morgado de Assentis, e agradou-lhes tanto a companhia e as comedias, que convidaram os actores para representarem na Annunciada e toda a sociedade de Lisboa para assistir a esta representação: esqueceu-lhes, porem, o principal, que era o arranjo da sala para theatro e a orchestra, dando só pela falta, quando as salas estavam cheias de convidados, mas, não desistindo do seu proposito, trataram de fazer arranjar tudo e ás quatro horas da madrugada começou o espectáculo. Ficou **tudo** maravilhado, vendo uma companhia detestável, representando homens os papéis de mulheres. (A_003_PSD,146.2344. Séc. 19)

Em (4), *tudo* se refere aos armadores e marinheiros dos navios e, em (5), o quantificador se refere a pessoas que podem ser identificadas no discurso.

3.3.1.2. *Tudo* associado a pronome demonstrativo

Nos dados, *tudo* também aparece associado a um pronome demonstrativo, em posição pré-nominal, em (6), e menos frequentemente, na posição pós-nominal, em (7):

(6) De **tudo isto** se fizeram papeis antre êles, e o Meale. (C_007,110.1102. Séc. 16)

(7) Não era melhor vir **isso tudo** em uma árvore de geração?

(C_005_PSD,44.116. Séc. 18)

Os pronomes demonstrativos combinam as propriedades morfológicas e semânticas dos determinantes *este*, *esse* e *aquela* com um sentido nominal inerente [-humano] e podem referir objetos materiais e situações, ideias e noções abstratas (RAPOSO *et al.*, 2014, p. 892).

Esse é um dos aspectos que diferenciam o português de outras línguas românicas, como o francês. Enquanto no português médio e no PE *tudo* pode ocorrer antes de demonstrativos neutros, no francês, só o quantificador *tout* ‘todo’ ocupa essa posição: “tout ceci”, “tout cela” (TEYSSIER, 1976, p. 133.).

3.3.1.3. *Tudo* associado a DP

Foram registradas, nos textos analisados, sentenças em que *tudo* ocorre precedendo um DP, como os exemplos a seguir:

(8) E assim mesmo o da Rainha de Batecalá, que escramentada do castigo que lhe deram, não quiz experimentar mais o ferro Portuguez, e mandou pedir com muita humildade perdão das culpas passadas, oferecendo-se a pagar **tudo o devido**, e a continuar com as pareas, que era obrigada a pagar cada ano. (C_007,66.691. Séc. 16)

(9) E praticando os capitães ambos e os outros companheiros sobre o que se faria neste caso, se concluiu por parecer dos mais, que os inimigos se não fossem tanto a seu salvo, mas que se trabalhasse **tudo o possível** pelos irmos gastando com a artilharia até que fosse manhã, porque então nos ficaria mais fácil e menos perigoso o abalroá-los, o que assim se fez. (P_001,19.49. Séc. 16)

- (10) Mandou apertadamente aos Governadores, e mais Ministros, dessem toda a defesa e favor aos Missionários, para que tivessem livre o campo para a propagação do Evangelho; facilitando **tudo o necessário** à conversão daquelas almas, que querendo vir à Fé, as tiranias passadas as tinham afugentadas, e remontadas da Igreja. (B_001_PSD,173.1400. Séc. 17)
- (11) Era **tudo o mais** uma transformação em que os vermes do sepulcro já pouco teriam que destruir. (B_005_PSD,48.1328. Séc. 19)

É importante dizer que as sentenças acima não são equivalentes àquelas encontradas no PB contemporâneo, descritas no cap. 2. Nas sentenças (8) a (11), *tudo* está associado a um sintagma nominal com sentido vago, indefinido, com traço [-humano], como os pronomes demonstrativos. Essa construção é equivalente a uma oração relativa restritiva iniciada pela locução pronominal relativa *o que*, como os exemplos abaixo:

- (12) gastou oito, ou nove dias em lhes dispor os ânimos, e em prevenir pólvora, balas, corda, e **tudo** o que mais era necessário para reduzir a ato esta generosa deliberação. (G_001,49.704. Séc. 16)
- (13) mas em lugar dessas suas loucuras com que nos seca, sei muito bem bordar, coser, fazer meia, e **tudo** o que é preciso a uma pessoa para poder ser útil à sua família. (C_005_PSD,211.1910. Séc. 18)
- (14) O Governador lhe concedeo as pazes, com condição: "Que entregaria logo **tudo** o que devia, e que pagaria todos os anos de pareas dous mil fardos de arroz, assim como se obrigara ao Viso-Rei Dom Francisco de Almeida." (C_007,66.692. Séc. 16)

É válido, porém, registrar que sentenças na configuração [tudo + D + N] eram possíveis neste período.

3.3.1.4. Sentenças ambíguas

Há, nos dados, dois casos que parecem ser de quantificador flutuante. O primeiro é a sentença em (15):

(15) O mais tem **tudo** uma certa incoerência aborrecível para o meu gênio, que tenho a confiança de julgar muito parecido com o de Vossa Excelência.

(A_004,48.667. Séc. 18)

A sentença acima poderia ser uma construção flutuante, em que o quantificador é gerado junto com o associado, mas aparece separado dele na superfície, na posição pós-verbal. Isso seria plausível pela existência de dados como (16):

(16) E **tudo o mais** que restava do dia e da noite seguinte, se passou com assaz de trabalho, e com boa vigia. (P_001,36.194. Séc. 16)

No entanto, é possível pensar que, em (16), o sintagma *o mais* é um tópico e *tudo* é o sintagma na posição de sujeito da oração, como ocorre em (17):

(17) A baixela mais lustrosa era louça branca de Talaveira, *o mais*, **tudo** estanho, que nem uma colher de prata havia em toda a casa; emprestada.

(S_001_PSD,63.698. Séc. 16)

A mesma ambiguidade estrutural é encontrada no exemplo abaixo:

(18) Isto assim vai **tudo** pela água abaixo. (B_005_PSD,45.1237. Séc. 19)

A sentença em (18) poderia ser um caso de construção flutuante. Isso seria possível porque, nos textos, são encontradas sentenças em que *tudo* ocorre em contiguidade com o pronome demonstrativo, como (19):

(19) Com **isto tudo** eu penteio. (C_005_PSD,191.1737. Séc. 18)

Assim, em (18), *tudo* e *isto* poderiam ter sido gerados juntos e, na derivação, o pronome subiria para [Spec,TP], para ocupar a posição de sujeito da sentença, e *tudo* ficaria encalhado na posição em que foi gerado, no sintagma verbal, em [Spec,VP]. Mas também é possível a análise de que *isto* é um tópico e *tudo* é o sujeito da oração, em posição pós-verbal, comum no português médio (também conhecido como português clássico), caracterizado pelas

construções de ordem V2 (cf. Galves, 2001). Essa hipótese é corroborada pela existência de sentenças em que *tudo* aparece em posição de tópico e o sujeito é pós-verbal:

(20) **tudo** porém nos encobriu o tempo, e o descuido dos homens.

(B_001_PSD,198.1575. Séc. 17)

(21) e nestas presistio catorse annos, que como esta posse era mais fermosa que

Raquel, dobrou por ella os annos de Jacob, entendendo, e bem que **tudo**

consegue o amor, e alcança a fee. (C_002,208.964. Séc. 17)

3.3.1.5. Quantificação de *tudo*

A distribuição das ocorrências de *tudo* nos textos históricos pesquisados é mostrada na tabela a seguir.

Tabela 1: Distribuição do quantificador *tudo* nos textos do século 16 ao 19.

	Sec. 16		Sec. 17		Sec. 18		Sec. 19	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Tudo	119	83.8	92	93	221	88	55	82.1
Tudo dem.	8	5.7	5	5	19	7.6	7	10.4
Dem. tudo	1	0.7	---	---	2	0.8	1	1.5
Tudo DP	14	9.8	2	2	8	3.2	3	4.4
Ambíguas	---	---	---	---	1	0.4	1	1.5
Total	142	100	99	100	251	100	67	100

Conforme o quadro acima, *tudo* sozinho ocorre com maior frequência em todos os períodos, como esperado. Já as ocorrências de *tudo* associado a um pronome demonstrativo, na ordem [tudo + demonstrativo], são pouco frequentes nos dois primeiros séculos, mas aumentam nos períodos seguintes. As ocorrências na ordem [demonstrativo + tudo], por outro lado, são raras no *corpus*.

As sentenças com *tudo* quantificando um DP na ordem [Q DP], por sua vez, ocorrem em maior número no século 16 e diminuem nos séculos seguintes. Já as sentenças ambíguas restringem-se a apenas dois casos em que não é possível determinar a posição sintática do quantificador. Por fim, não há registros de *tudo* associado a nomes nus.

3.3.2. Sobre *todo(s)*

As sentenças com o quantificador *todo(s)* foram classificadas nas seguintes categorias:

(i) quantificador sozinho: sentenças em que o quantificador *todo(s)* ocorre sozinho no sintagma, com função de complemento de verbo ou preposição ou de argumento externo da sentença (no caso de sintagmas na função de sujeito, só foram consideradas as sentenças em que o quantificador é pré-verbal);

(ii) quantificador associado a DP: constam, nesta categoria, os casos em que *todo(s)* ocorre associado a um sintagma nominal com determinante, um DP;

(iii) quantificador associado a nomes nus: sentenças na configuração *todo N*;

(iv) construção flutuante: sentenças em que *todo(s)* quantifica sobre o sujeito e aparece na posição pós-verbal, sem contiguidade com o nome quantificado;

(v) quantificador adverbial: sentenças em que o quantificador *todo* tem um valor de advérbio, em uma relação de intensidade da propriedade denotada pelo nome, e não de totalidade do conjunto;

(vi) sentença ambígua: foram incluídas, nesta categoria, as sentenças que não se encaixam nas classificações anteriores, em que não é possível determinar o estatuto sintático do quantificador.

Os dados são descritos nas seções a seguir.

3.3.2.1. *Todo(s)* sozinho

Foram registradas, nos dados, sentenças em que o quantificador universal plural ocorre sozinho, nas formas masculina e feminina, como exemplificado abaixo:

(22) **Todos** sabemos quão estreitas e quão limitadas são as taxas que põe à casa, à família e a todas as mais despesas dos prelados. (S_001_PSD,113.1326. Séc. 16)

(23) - Bem aviado estava eu, minhas Senhoras - respondi a **todas** - se eu falasse com Vossas Senhorias. (C_001_PSD,20.351. séc. 18)

(24) No rosto de **todos**, parentes e amigos, se notava a mágoa profunda e a viva saudade que causava esta partida. (A_003_PSD,49.719. Séc. 19)

Em (22), *todos* é o sujeito da oração e em (23), o quantificador é o complemento do verbo *responder*. Em (24), o quantificador aparece como núcleo de um sintagma preposicionado, adjunto do nome *rosto*.

Também foram encontradas ocorrências do quantificador na forma singular, ainda que em menor frequência:

(25) A este modo era toda a mais família: pouca gente, mas **toda** de boa vida e costumes, e bem proporcionada com seu amo. (S_001_PSD,70.771. Séc. 16)

(26) Esta figura representa o caminho da injustiça, caminho, que não se sabe sem estudo, porque **todo** se compõe de circuitos, rodeios, e desvios. (A_001_PSD,149.3521. Séc. 18)

Em (25) e (26), *todo(a)* aparece na posição de sujeito da sentença, uma ocorrência incomum tanto para o PB quanto para o PE.

3.3.2.2. *Todo(s)* associado a DP

Nos textos pesquisados, *todos* ocorre associado a sintagmas nominais com determinante (DP), tanto em posição pré-nominal quanto pós-nominal.

As ocorrências de *todos* precedendo um DP são exemplificadas a seguir.

(27) No ano de 1654 se restauraram da mão dos Holandeses **todas** as praças da costa de Pernambuco, entrando nas Capitulações da paz **todos** os índios, que nos tinham sido rebeldes. (B_001_PSD,216.1759. séc. 17)

(28) Havia em Lisboa um bobo chamado Eustaquio, de quem me recordo, e que freqüentava muito as casas dos fidalgos, decidido patriota, grande entusiasta pela nacionalidade e dinastia, tendo na cabeça **todos** os maus versos de José Daniel contra os franceses e **todas** as cantigas patrióticas. (A_003_PSD,51.752. Séc. 19)

Nos exemplos acima, *todos(as)* precede uma descrição definida plural e representa a totalidade dos membros de um conjunto identificado pelo uso do artigo definido (cf. Raposo *et al.*, 2014, p. 722.).

O quantificador *todos* também aparece em posição pós-nominal, mas em menor frequência. Alguns exemplos são dados abaixo:

- (29) E chamados os Pilotos **todos**, praticando se poderiam ainda passar, assentaram todos, que a monção era acabada, e que já não havia que fazer. (C_007,96.981. Séc. 16)
- (30) hoje as Filosofias **todas** se compõem de Matemáticas; de sorte que já não há silogismo, que conclua, se não é fundado em alguma demonstração geométrica; (A_001_PSD,121.2825. Séc. 18)

Na configuração [DP todos], o quantificador também representa a totalidade do conjunto denotado pela descrição definida, mas em um contexto que indica referencialidade ou resumitividade, como sugere Vicente (2006, p. 89).

Também foram registradas sentenças em que a forma singular do quantificador aparece associada a um DP, na ordem [todo DP]:

- (31) e começou a marchar pera o Reino de Cabul, aonde a mulher o havia de estar esperando com **toda a gente** daquele Reino; (C_007,18.220. Séc. 16)
- (32) Vendo o general Lamboy perdida quase **toda a infantaria**, desordenadas as tropas de cavalo, e ganhada a artilharia, juntou os soldados, que pode, (G_001,60.913. Séc. 16)
- (33) e além disso manda-se sarjar por **todo o corpo**, porque tem por certo que logo morrerá, se não derramar de si aquele sangue tanto que acaba de fazer seu ofício. (G_008,42.783. Séc. 16)
- (34) Em **toda a vossa carta**, assim como nos vossas mínimas acções, há muitas graças que encantam. (C_001_PSD,164.2239. Séc. 18)

Em (31) e (32), *todo(a)* quantifica um nome que denota uma entidade coletiva. O domínio da quantificação universal é constituído pelo conjunto de pessoas obtido pela decomposição de uma entidade coletiva – *a gente, a infantaria* – nos seus componentes individuais (RAPOSO *et al.*, 2014, p. 790.). Em (33) e (34), por sua vez, *todo(a)* quantifica uma entidade atômica; o quantificador opera sobre as partes do indivíduo denotado pela descrição definida (cf. Müller, Negrão e Gomes, 2007). Assim, “toda a infantaria”, em (32)

poderia ser parafraseada por “cada membro da infantaria” e, em (33), “todo o corpo” poderia ser parafraseado por “cada parte do corpo” ou ainda por “o corpo inteiro”.

As sentenças com *todo* DP também podem ter um sentido genérico, como os casos abaixo:

(35) O que deve fazer em semelhantes casos **todo o homem de bem**:
(V_004,192.1539. Séc. 17)

(36) e este exercicio, que o he de todos os Santos, o deue ser de **todo o catholico**, pois aquelle preceyto que nos obriga a amar a Deos, nos obriga a que cuydemos nelle; (C_002,202.897. séc. 17)

Em (35) e (36), *todo* quantifica não sobre um indivíduo particular, mas sobre uma entidade mais complexa, uma espécie¹⁷, como sugere Raposo *et al.* (2014, p. 790. Nota 14). Seriam equivalentes, portanto, a uma construção *todo N*, com valor genérico, como *todo homem*, *todo católico*. Como mostra Teyssier (1976), o português não estabelece nenhuma diferença entre *todo* com artigo (*tout* ‘inteiro’) e *todo* sem artigo como no francês (*chaque* ‘cada’); o artigo é empregado nos dois casos:

(37) a. **Tout l’homme** est déjà dans l’enfant

Todo o homem já está na criança (o homem inteiro)

b. **Tout homme** est mortel

Todo o homem é mortal (cada homem)

(TEYSSIER, 1976, p. 132)

O quantificador singular aparece ainda, em menor frequência, na ordem [DP todo], como ilustrado a seguir:

(38) Estava sempre convidado para o seu camarote, não para ir visitá-la, mas para ver o espectáculo **todo**, o que por mais de uma vez eu fiz. (O_001,84.524. Séc. 19)

¹⁷ Espécie, nos termos de Raposo *et al.* (2014), envolve a referência a espécies de entidades, como em *Os computadores fizeram a ciência progredir*.

(39) Ponderava, que a terra toda era uma sentina de vícios, e com verdade tão injuriosa, como incrível, serem os Portugueses os lobos, e os Gentios tão infamados de bárbaros as ovelhas. (B_001_PSD,145.1182. Séc. 17)

3.3.2.3. *Todo(s)* associado a nomes nus

No *corpus* histórico, há algumas ocorrências do quantificador *todo* associado a um nome nu (sem determinante), com o quantificador preposto. Os exemplos são dados a seguir.

(40) e o mesmo fazem a **todo animal** que podem alcançar. (G_008,22.323. Séc. 16)

(41) Era de muita consideração o crédito de virtude e prudência com que esta Religião os exercitava, porque, tendo entre si mestres abalizados nestas letras que, por mais aprazíveis e dignas de serem sabidas de **todo homem**, lhe chamaram os antigos "humanas", traziam também mestres de **todo género de virtude**, criados no leite daqueles seus primeiros fundadores, varões célebres e dignos de grande louvor. (S_001_PSD,97.1111. Séc. 16)

As sentenças acima têm um valor genérico; *todo* quantifica não sobre um indivíduo particular, mas sobre uma espécie, exatamente como nas sentenças (35) e (36) acima, em que *todo* ocorre com um DP. Assim, parece que não há diferença nessas sentenças quanto ao uso de artigo definido, como comprova os pares de exemplos abaixo:

(42) a. A casa de jantar está cheia de quadros por **toda parte**
(O_001,62.215. Séc. 19)

b. e por serem tão conhecidos em **toda a parte**, não particularizarei aqui suas propriedades tanto por extenso. (G_008,23.360. Séc. 16)

(43) a. e dali o levaram dentro aa povoação, onde esteve o dia seguinte à vista de **toda gente** da terra. (G_008,31.559. Séc. 16)

b. e começou a marchar pera o Reino de Cabul, aonde a mulher o havia de estar esperando com **toda a gente** daquele Reino; (C_007,18.220. Séc. 16)

(44) a. Pelo mesmo caso julgava que onde havia concurso de mercadorias e mercadores não faltaria a raiz de todos os males, que é a cubiça, cujo officio é procurar que **todo homem** deseje e procure melhorar [...] (S_001_PSD,117.1357. Séc. 16)

- b. A primeira coisa que el-Rei fez foi mandar passar provisões de mercês e honras e privilégios, em particular pera **todo o homem** que acudisse a povoá-la, e em geral pera o comum da vila. (S_001_PSD,129.1458. Séc. 16)

Há, nos dados, um único caso do quantificador plural *todos* com nome nu:

- (45) Estes remédios, em consequência, produzem as trevas do entendimento e a perda da memória para **todas** coisas que fazem. (C_001_PSD,72.1046. Séc. 18)

3.3.2.4. *Todo(s)* em construções flutuantes

Quando *todos* quantifica um sintagma nominal que tem função de sujeito, ele pode aparecer separado do seu associado, na posição pós-verbal, em uma construção flutuante, como nos exemplos abaixo:

- (46) os soldados vieram **todos** por terra, (G_001,30.437. Séc. 16)
 (47) As submissões não são **todas** voluntárias; (A_001_PSD,35.614. Séc. 18)
 (48) No dia da festa não pude convidar ninguém, porque os meus parentes estavam **todos** ausentes. (A_003_PSD,81.1267. Séc. 19)

Também há, nos dados, ocorrências do quantificador singular *todo* em construções flutuantes, como ilustrado a seguir.

- (49) A gente se pôs logo **toda** em armas, (P_001,110.853. Séc. 16)
 (50) O caminho é **todo** pela Charneca, a Charneca por onde eu nunca tinha andado e que muito desejava conhecer. (O_001,45.7. Séc. 19)

3.3.2.5. *Todo* adverbial

Em determinados contextos sintáticos, o quantificador *todo* pode se comportar como um advérbio, como observado por Pires de Oliveira (2003), Raposo *et al.* (2014), Vicente & Gomes (2013), entre outros (ver cap. 1). Alguns exemplos do uso adverbial de *todo* encontrados nos textos históricos são apresentados a seguir.

- (51) encarou no pobre **todo risonho**, **todo alegre**, debatendo se pera ele e festejando o com as mãozinhas, boca e olhos, como se fora um dos mais conhecidos de casa, (S_001_PSD,15.78. Séc. 16)
- (52) dahi a algum tempo lhe escreueo **toda alvorossada**, relatando lhe o como estando uma sobrinha quasi moribunda de uma mortal enfermidade, e a juizo dos Medicos padecia chaga no bofe; assim como lhe applicou com grande fé a dita prenda, cobrou taõ repentina melhora, que em breues dias se achou convalecida. (C_002,223.1171. séc. 17)
- (53) Ela **toda desdenhosa**, Fazendo a tudo focinho, Mordia o beijo de cima, (C_005_PSD,184.1663. Séc. 18)

Em posição pós-verbal, precedendo um adjetivo, *todo* não se refere à totalidade dos membros de um conjunto, mas à intensidade do predicado. Em (53), por exemplo, a interpretação não é a de que todas as partes dela estão desdenhosas, mas que ela estava muito, completamente desdenhosa.

Quando ocorre associado a DP, *todo* também tem uma interpretação adverbial em alguns casos, como nos exemplos abaixo:

- (54) Senhor vizinho, acuda com **todo a pressa** que temos fogo! (C_005_PSD,105.837. Séc. 18)
- (55) Tratou com **todo o calor** de ir buscar aas brenhas estas gentes imensas, que se lhe estavam vindo aas mãos; (B_001_PSD,142.1155. Séc. 17)
- (56) e fugiu a **toda a brida** até à ponte de Alcantara, gritando para dentro da carruagem: A Mulher do cavalo branco! (A_003_PSD,128.2024. Séc. 19)

Nas sentenças acima, *todo* não quantifica sobre partes de um indivíduo particular; não se refere à pressa inteira ou todas as partes do calor. Nesses casos, *todo* é um intensificador de um estado, do modo como alguém foge ou acode ao vizinho: com muita rapidez, completamente apressado.

Em alguns casos, *todo* precedido por preposição, geralmente *de*, também tem valor adverbial, como nos exemplos a seguir.

(57) Inda não tinha idade pera entender e discernir, já assistia a uma missa com tanto siso e com tanta quietação que dava que falar aos que o viam, mostrando na aplicação que não ignorava **de todo** o que ali via e ouvia. (S_001_PSD,16.94. Séc. 16)

(58) e talvez na primavera me restabeleça **de todo**. (A_004,31.420. Séc. 18)

(59) É preciso que ela sare **de todo** quanto antes. (O_001,62.224. Séc. 19)

Nas sentenças acima, *de todo* tem o sentido de *completamente, inteiramente*.

3.3.2.6. Sentenças ambíguas

As sentenças abaixo são ambíguas quanto à posição sintática do quantificador:

(60) Vivem **todos** muito descansados sem terem outros pensamentos, senão de comer, beber, e matar gente, (G_008,33.576. Séc. 16)

(61) Por isso sahiram **todas** com alampadas accezas, em que é significado o lume da fé. (V_004,89.573. Séc. 17)

(62) o tempo faz que ela se mova, e se dilate: semelhante aas aves, que nascem **todas** sem penas, (A_001_PSD,20.308. séc. 18)

Os exemplos acima podem ser construções flutuantes, com um sujeito nulo em [Spec,TP] e o quantificador encajado em VP, ou sentenças com sujeito pós-verbal, com o quantificador na posição em que é gerado no sintagma verbal.

Essa ambiguidade também é encontrada em sentenças com a forma singular:

(63) O osso duro, parece que **todo** em si é compacto, e imutável; (A_001_PSD,159.3733. Séc. 18)

(64) O exercício, ou a vaidade das letras, **toda** se compõe de discussões, objecções, e dúvidas; (A_001_PSD,126.2945. Séc. 18)

Os exemplos acima podem ser casos em que *todo* aparece na posição de sujeito da sentença, em [Spec,TP], e se refere a um nome em posição de tópico, ou ainda casos de construção flutuante, em que *todo* e o nome em posição de tópico são gerados juntos e o

quantificador fica encaixado quando o associado é deslocado para periferia esquerda da sentença.

Em posição pós-verbal, *todo* também é ambíguo entre um quantificador adnominal e um elemento adverbial. A sentença abaixo, por exemplo, pode ter duas interpretações:

(65) o mundo está **todo** perdido! (G-004,0.3720. Séc. 18)

(65a) todo o mundo está perdido! (todo = quantificador flutuante)

(65b) o mundo está completamente perdido! (todo = advérbio)

Em (65a), *todo* é um quantificador adnominal em uma construção flutuante e a interpretação é a de que cada parte do mundo está perdido. Em (65b), *todo* é um modificador adverbial, com a função de intensificador do adjetivo, e a sentença é interpretada como o mundo está completamente perdido, mas não necessariamente todas as suas partes (ver Pires de Oliveira (2003) e Vicente & Gomes (2013), cap. 1).

3.3.2.7. Quantificação de *todo(s)*

A distribuição das ocorrências de *todo(s)* nos textos pesquisados é dada a seguir.

Tabela 2: Distribuição de *todo(s)* nos textos do século 16 ao 19.

	Séc. 16		Séc. 17		Séc. 18		Séc. 19	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Todo	7	0.7	5	0.8	7	0.9	1	0.2
Todos	210	20.7	169	27.1	189	26.2	60	14
Todo DP _{singular}	271	26.7	155	24.9	184	25.5	112	26
Todos DP _{plural}	317	31.2	242	38.8	238	33.1	213	49.5
DP _{singular} todo	25	2.4	11	1.8	28	3.9	6	1.5
DP _{plural} todos	22	2.2	3	0.5	13	1.8	1	0.2
Todo N	78	7.7	9	1.5	4	0.6	1	0.2
Todo(s) flutuado	20	2	5	0.8	12	1.7	10	2.4
Todo adverbial	50	4.9	16	2.5	30	4.2	22	5.1
Ambíguas	15	1.5	8	1.3	15	2.1	4	0.9
Total	1015	100	623	100	720	100	430	100

Como mostra o quadro, a forma plural do quantificador é muito mais frequente do que a versão singular; é uma das construções que mais aparecem nos textos estudados. A percentagem de *todos* varia nos três primeiros séculos e diminui no século 19. O quantificador singular, por sua vez, é pouco frequente e praticamente desaparece no século 19.

Em relação às construções com o quantificador associado a um sintagma nominal com determinante, as ocorrências mais frequentes são aquelas em que *todo(s)* precede o DP. Nessa configuração, a forma plural é mais comum do que a versão singular. Já a configuração [DP Q] é menos frequente nos dados e diminui nos últimos dois séculos, quando comparada à ordem com o quantificador pré-nominal.

A construção com *todo* associado a nome nu é significativa no século 16 e diminui gradativamente ao longo dos séculos. Nos textos do século 19 analisados, só há uma ocorrência de *todo N*. A frequência das construções *todo DP*, por outro lado, oscila nos dois primeiros séculos, mas aumenta a partir do século 18.

Quanto ao quantificador adverbial, é importante dizer que estão incluídos nessa categoria os casos de *todo* complemento de preposição, *todo* em posição pós-verbal e *todo* precedendo DP (ver seção 4.2.6 acima). A alta frequência de *todo* adverbial no século 16 deve-se aos casos de P + *todo*, muito comuns nesse período (46/50), que diminui nos séculos seguintes.

3.4. Discussão dos dados

Nas seções anteriores, apresentei uma descrição de *tudo* e *todo(s)* nos textos históricos do português do século 16 ao 19, do português médio ao PE. Um aspecto importante a ser destacado é a distribuição de *tudo* vs. *todo*:

Tabela 3: Distribuição de *tudo* vs. *todo* do século 16 ao 19.

	Sec. 16		Sec. 17		Sec. 18		Sec. 19	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Tudo	119	83.8	92	93	221	88	55	82.1
Todo	7	0.7	5	0.8	7	0.9	1	0.2

Os dados mostram uma diminuição do quantificador *todo* enquanto o uso do quantificador *tudo* aumenta. *Todo* (do latim *tōtu*) é a forma típica do período clássico, sendo que a forma metafonizada *tudo* só se generaliza a partir do século 16 (NUNES, 1960, p. 262).

O invariável *tudo*, que data da literatura quinhentista, substitui o antigo *todo* empregado no sentido de ‘toda a cousa’ (ALI, 1964, p. 118). Assim, a forma *todo*, derivada do latim, origina o invariável *tudo* e, no fim do período clássico, *todo* passa a ser substituído por *tudo*. A análise dos textos históricos, portanto, mostra a presença de traços conservadores ao lado de inovações derivadas do contato.

Nos textos analisados, registrei ocorrências de *tudo* com traço [+humano] usado para se referir a pessoas, mas apenas um caso no século 16 e outro no século 19. Também registrei exemplos de *tudo* quantificando descrições definidas, como *tudo o necessário*, exatamente nos mesmos contextos em que encontrei o quantificador universal, como exemplificado a seguir:

(66) e ***tudo*** o mais minha vontade é que nada se entesoure, mas tudo se gaste em obras pias, em casamento de órfãs, assi na cidade como nas câmaras, e nos vestidos dos pobres, e nos estudantes e doentes, e outras miúdas esmolas; (S_001_PSD,177.2072. Séc. 16)

(67) O Papa, de sua parte, faz ***tudo*** o possível (S_001_PSD,167.1932. Séc. 16)

(68) Nem se gastava menos no hospital geral que instituiu e tomou à sua conta tanto que entrou em Braga, com enfermarias separadas de homens e mulheres, e abastadas de ***tudo*** o necessário pera cura dos pobres. (S_001_PSD,100.1154. Séc. 16)

Nesses exemplos, *tudo* ocupa uma posição de determinante à esquerda e funciona como um núcleo selecionando um DP como complemento, mas não são similares às construções encontradas no PB. Nos casos discutidos acima, *tudo* tem traço [-humano] e o sintagma nominal tem caráter indefinido – *o necessário*, *o possível*, *o mais* –, que pode ser parafraseado por orações relativas, como as seguintes:

(69) Fazendo o ornar de ***tudo*** o que era necessário, fez também com que a riqueza dos móveis correspondesse inteiramente à magnificência do edifício (C_001_PSD,189.2562. Séc. 18)

(70) Casa, proes, e percalços dos Oficiais da Alfandega, assim Mouros, como Portuguezes, pelo costume ordinário; ***tudo*** o que mais render aquela Alfandega, mando que se entregue aos Oficiais dElRei de Portugal, em pago das pareas, que sou obrigado a lhes dar. (C_007,83.840. Séc. 16)

Esse tipo de construção com *tudo* associado a DP lexical é frequente no século 16 e ainda aparece no século 17. A partir do século 18, a única construção presente nos textos é *tudo o mais*, que parece ter se tornado uma expressão cristalizada.

Em relação ao quantificador universal, a construção de maior ocorrência nos dados é *todo* associado a sintagmas nominais com determinante. Um fato interessante nos textos históricos é o *todo* usado como um sintagma completo na posição de sujeito, como o exemplo do texto de Gândavo (1502): *Esta província é á vista muito deliciosa e fresca em grande maneira; toda está vestida de muito alto e espesso arvoredado [...]* (G_008,8.36). Esse uso de *todo* é comum nos séculos 16 e 17 e ainda encontrado nos dois séculos seguintes, com menor frequência.

Outro fato interessante é a distribuição das construções *todo N*. No século 16, *todo* associado a um nome nu é bastante comum nos textos, mas a frequência dessa ocorrência diminui ao longo do tempo. Isso pode ser explicado pelo aumento das construções *todo o N*, como em *todo o homem*, que parece ser o uso preferido no PE (ver Teyssier (1976)). Essa é uma das distinções entre a variedade europeia e a brasileira; a expansão do uso do artigo é um processo de mudança que não afeta o português do Brasil.

Nas próximas seções, discuto os quantificadores *tudo* e *todo(s)* na diacronia do português brasileiro.

3.5. *Tudo e todo(s)* na história do português brasileiro

Na tentativa de descobrir a origem das construções como “os menino tudo”, decidi analisar textos do português brasileiro dos séculos 19 e 20. A princípio, essa parecia ser uma tarefa difícil, pois o fenômeno é típico do registro informal da língua, geralmente produzido em situações de fala e escrita espontâneas. Ainda assim, seria válido rastrear textos históricos em busca de indícios da mudança.

Para formar os *corpora* desta variedade, optei por cartas pessoais, compartilhadas por familiares, por achar que conteriam uma linguagem menos formal. Do século 19, os dados foram coletados exclusivamente de cartas e documentos particulares; do século 20, por outro lado, constam registros de fala, além das cartas particulares.

3.5.1. O português brasileiro do século 19

Os dados do século 19 foram coletados de cartas pessoais e cartas de leitores a jornais, provenientes do *Corpus diacrônico do Rio de Janeiro*¹⁸, acervo do projeto PHPB-Rio (*Para uma História do Português Brasileiro* - grupo de pesquisa do Rio de Janeiro). Os *corpora* analisados são constituídos por 6 cartas pessoais (BARBOSA *et. al.*, 2003), 15 cartas escritas por brasileiros residentes no Rio de Janeiro, 4 cartas escritas por naturais do Rio de Janeiro, além de 38 cartas de leitores a jornais cariocas, de 1808 a 1900.

As sentenças foram classificadas conforme os mesmos critérios usados na descrição dos dados do português europeu (ver seções 3.4.1 e 3.4.2). A descrição é apresentada a seguir.

3.5.1.1. Sobre *todo(s)*

3.5.1.1.1. *Todo(s)* sozinho

Nos dados coletados, foram registradas sentenças em que o quantificador universal plural *todo(s)* aparece sozinho na oração, como nos exemplos a seguir.

(71) e segui *para* os outros *Senhores* que **todos** me receberão com excessivas marcas de *bondade*, alguns perguntando-me *athe* com interesse notícias da Imperial Família ao que satesfiz, (mss. 218-92 (A-C))

(72) V. Ex. devia d'esta vez |ao menos não se apresenta ao ponto de declarar com pasmo | e admiração de **todos**,

Não há, porém, registro da forma singular do quantificador sozinho.

3.5.1.1.2. *Todo(s)* associado a DP

Nos textos analisados, foram encontradas ocorrências de *todo(s)* associado a DP na ordem [Q DP], como ilustrado abaixo:

¹⁸ Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/index.htm>. Acesso em: 21/07/2015.

(73) A Camera Municipa- l dessa Cidade pediu á Camera dos Deputados esclarecimentos juntando **toda** a sua correspondência a respeito: foi remetido ante hontem a Comissão respectiva. (I-1,13,53)

(74) acabada esta 1 a entrada voltei a *minha* caza que por **todas** as communhões tem sido frequentada, os *officiaes* do meu Corpo á excepção d'hum, tem vindo e *muitas* outras pessoas de **todos** os sexos, e representação contando athe ontem 87 pessoas: (mss. 218-92 (A-C))

Na ordem [DP Q], por outro lado, foi encontrado um único caso:

(75) por ser assim *muito* conveniente, tanto ao Real serviço, como à honra de nós **todos**: (I-4,33,52)

3.5.1.1.3. *Todo(s)* associado a nomes nus

Nos dados, foram encontradas construções *todo N*, como os exemplos abaixo.

(76) Quando o Sr. redactor do *Guerreiro*, quizer | alguma informação a respeito d'alfandega, pode-se | dirigir ao abaixo assignado, que o informara com | **toda** lealdade.

(77) Me | motiva, aoferecer aos pez de *Vossa Magestade* estas rezoens que como | Verdades, merecerâm lugar, na actensám Real de *Vossa Magg estade* porque | Senhor *digo* Sam tantas as comfuzonz, *que em todo* ultra mar sucedem *que* | parece que não tem eztes homens, nem justisias, que os castiguem, | nem Rey, que os governem;

3.5.1.1.4. *Todo(s)* em construção flutuante

Foram registradas construções flutuantes em que *todo* aparece separado do sintagma nominal que quantifica:

(78) Quando, Ex. Sr., o notado he indigno do | lugar para o qual o elevarão os votos do povo | a ignominia, o desprezo que elle merece reca- | he **toda** sobre aquellesque lhe derão os seos | votos,

(79) No | 1.º caso como he possível que perdidos | repentinamente seus estímulos de brio, | queira V. ser o ajudante d'ordens de | M. de C.: e no 2.º que a fraqueza não | he a sua, que pusilaninidade; não tem | coragem para tomar a única resolução | que deve, que he o recusar-se inteira- | mente a requisições iníquas, e cuja res- | ponsabilidade cahe **toda** sobre seus hom- | bros.

3.5.1.1.5. *Todo* adverbial

Há ainda um caso em que *todo* aparece precedido por preposição e tem um sentido adverbial de *completamente, inteiramente*:

(80) Eu senti bastante saber q *ue* isto passou em silencio na Camera, *por que* Nascim *ento* não estava presente, e eu me achava doente ha três ou quatro dias antes e continuei a estar *por* mais outros tantos, e sebem *que* não bom de **todo**, (I-1,13,53)

3.5.1.2. Sobre *tudo*

3.5.1.2.1. *Tudo* sozinho

Nos *corpora* analisados, constam ocorrências de *tudo* com traço [-humano], que pode ser parafraseado por “todas as coisas”, como os exemplos abaixo.

(81) Pela denuncia incluza, não pense *Vossa Senhoria que* em mim he huã total materialidade *porque* Com efeito, eu penso ser **tudo** hu'a asneiras mas *unicamente* vou a salvarme, (II-35,26,9)

(82) pedi a palavra pela ordem *para* tomar a sua defeza e não me deixarão falar chamando chamando-se-me a ordem, como verá **tudo** no Jornal do Comercio n o 162; (I-1,13,53)

Uma das ocorrências, entretanto, é um caso de *tudo* com traço [+humano]:

(83) eis aqui o que *por* ora tenho sabido, e que deixou **tudo** preplexo, (mss. 218-92 (A-C))

Em (83), o remetente se refere ao estado dos governantes com as circunstâncias políticas do país.

3.5.1.2.2. *Tudo* associado a pronome demonstrativo

Nos dados, foram registradas sentenças com *tudo* associado a pronomes demonstrativos, na ordem [Q DP], como o exemplo a seguir.

(84) **tudo** izto, se oculta a | *Vossa Maggestade* porque, as diztancias o premitem, e porque os homenz | não cuidam, senão como ade, cada hum levar dinheyro, | seja, pella via que for.

Nos textos desse período, não foram registrados casos de *tudo* associado a sintagmas com determinante ou nomes nus.

Descritos os dados do século 19, apresento a descrição do português brasileiro do século 20.

3.5.2. O português brasileiro falado do século 20

O *corpus* do português brasileiro falado do século 20 é constituído de transcrições de entrevistas com falantes nativos nas décadas de 70 a 90, que fazem parte do projeto *Spoken Portuguese – Geographical and Social Varieties*¹⁹, coordenado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. São 21 entrevistas, com informantes de 22 a 62 anos, dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, de diferentes níveis de escolaridade.

A classificação dos dados, apresentada nas próximas seções, segue os mesmos critérios usados nas descrições anteriores.

¹⁹ Disponível em: <<<http://www.clul.ul.pt/en/resources/83-spoken-portuguese-geographical-and-social-varieties-r>>>. Acesso em: 22/07/15.

3.5.2.1. Do *todo(s)*

3.5.2.1.1. *Todo(s)* sozinho

Foram registradas, nos dados coletados, ocorrências do quantificador universal *todo* sozinho, como único elemento do sintagma. Alguns exemplos são dados abaixo.

(85) então, apesar de sermos **todos** pessoas esclarecidas, nós não temos muita vontade de ficar nela.

(86) você tem amizade com **todos** mas cada um tem o seu grupinho mais legal.

3.5.2.1.2. *Todo(s)* associado a DP

Também foram registrados casos de *todo(s)* com sintagmas nominais com determinante, tanto na ordem [todo DP], ilustrado em (87), quanto na ordem [DP todo], exemplificado em (88):

(87) fica no centro dum terreno alto. quer dizer, ela de cima, ela fica, ela pode ver **todo** o resto da fazenda, certo,

(88) a. sou solteiro, com esse dinheiro **todo**, ele vão descontar logo na maior, não é, quarenta e dois por cento, não é, se eu não me engano.

b. elas, como meninas da cidade, aquela lengalenga **toda**, não é,

Na configuração com DP plural e o quantificador posposto, a tendência é a ausência de marcas de concordância de número no quantificador, como em (89):

(89) a. ele catuca e tira aquelas, aquelas, aquelas linguiça **toda** de dentro.

b. [...] eu acho que é o que falta no, na maioria dos casais hoje em dia é o diálogo, para poder ter uma vida assim bem, sabe, sem briga, sem esse negócio de atrito, sem essas confusões **toda**.

3.5.2.1.3. *Todo* associado a nomes nus

Todo também ocorre com nomes nus, como ilustrado em (90):

- (90) a. eu digo que **todo** brasileiro, pelo menos uma vez na vida, deveria assistir.
 b. a minha família, como **toda** família de Pernambuco, tem uma mania de coisas antigas,

3.5.2.1.4. *Todo(s)* em construções flutuantes

O quantificador universal também foi encontrado em construções flutuantes, como nos exemplos a seguir.

- (91) então minhas coisas estavam **todas**, ah, no alojamento de Porto Alegre [...]
 (92) a casa é **toda** cercada por um varandão com, com... cerquinha de madeira
 (93) porque a piscina natural é **toda** de pedra - então resolveram tirar aquelas pedras e botar um cimento. quando começaram a, a tirar a parte, a parte externa, [...]

3.5.2.1.5. *Todo* adverbial

Em alguns casos, *todo* pós-verbal tem um sentido adverbial, intensificando o adjetivo que precede, como em (94):

- (94) e ele disse "ah, dona Dália! eu pensei que a senhora estivesse **toda** arrebetada. não está não, graças a Deus."

No exemplo acima, *todo* não tem o sentido de totalidade. A interpretação não é a de que todas as partes da senhora estivesse “arrebetada”, mas que a senhora estava muito machucada.

3.5.2.2. *Do tudo*

3.5.2.2.1. *Tudo* sozinho

Nos dados coletados, grande parte das ocorrências do item lexical *tudo* são casos do pronome indefinido, com traço [-humano], como exemplificado a seguir.

(95) aí chega na hora do jantar, bota lenha fica **tudo** pretinho outra vez.

(96) meu pai que fazia **tudinho**. meu pai que ia na, no açougue, na quitanda, antigamente era quitanda, não é,

Nesses dados, foram registrados também casos de *tudo* com traço [+humano], como no exemplo em (97):

(97) [...] você acaba se acomodando no, deixando de ser ciumenta, entendeu, porque ele, a vida dele diária é o dia inteiro lidando com mulher, com enfermeira, com colegas médicas, não é, com clientes, moça, velha, **tudo**, broto, de tudo quanto é jeito.

Além disso, foi registrado um uso interessante de *tudo*, ilustrado a seguir.

(98) então quer dizer muito mais evento desse deveria acontecer, não só com eles em si mas com a família deles, **tudo**.

(99) não, às vezes, às vezes eu penso, Tininha, porque, que nem, quando eu sofri esse acidente que bati a cabeça lá no carro, **tudo**, eu, eu fiquei pensando: ai será que a Beta sentiu alguma coisa lá em Araraquara, **tudo**, não é, mas aí eu cheguei, perguntei para ela se ela teve algum tipo de pressentimento, ela falou que não, **tudo**, não é,

(100) na maioria das vezes era, eram roupas iguais mas não assim mesma cor, tal, não é, **tudo** dois de paus assim, não é, nunca gostámos disso, ai menina, sempre foi assim igual mas cores diferentes, não é, mas mesmo estilo de roupa, **tudo**. conforme a gente foi crescendo, a partir de, de doze anos, onze anos, não é, aí, o estilo sempre foi igual, mas roupas assim nunca iguais, sabe, sempre a gente quis comprar roupa diferente, **tudo**.

Nesses trechos, *tudo* não é um quantificador indefinido, com o sentido de “todas as coisas”, e não é um quantificador variante de *todo(s)*; nesses casos, *tudo* se comporta como um marcador discursivo, assim como “tal”, “tipo”.

3.5.2.2.2. *Tudo* associado a pronome demonstrativo

O quantificador *tudo* é encontrado ainda com pronome demonstrativo, ocupando a posição de determinante, tanto na ordem [tudo DP], em (101), como na ordem [DP tudo], em (102):

(101) muito pequenininho, **tudo** isso, mas achei uma gracinha, porque é limpo.

(102) isso, **tudo** é roubo, isso **tudo** é roubo!

3.5.2.2.3. *Tudo* associado a DP

Foram registradas sentenças com a expressão “tudo o mais”, como em (103):

(103) e é o cara, e é o cara que produz esse prédio aqui, em que a gente está morando e **tudo** o mais.

Descritos os dados de fala, segue a descrição das ocorrências escritas.

3.5.3. O português brasileiro escrito do século 20

Os dados escritos do português brasileiro do século 20 são provenientes de cartas pessoais, pertencentes ao *Corpus Compartilhado Diacrônico*²⁰, publicado pelo Laboratório de História do Português (LaborHistórico). Foram selecionadas 43 cartas do Acervo Land Avellar (1907-1917), 22 cartas do Acervo Jaime-Maria “Casal dos anos 30” (1936-37) e 24 cartas do Acervo Afonso Pena Júnior (1896-1926).

A classificação e a descrição dos dados seguem os mesmos critérios dos *corpora* anteriores.

²⁰ Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>. Acesso em: 22/07/2015.

3.5.3.1. Quanto ao *todo(s)*

3.5.3.1.1. *Todo(s)* sozinho

Nas cartas, a ocorrência do quantificador universal *todos* é frequente. Alguns exemplos são dados abaixo:

- (104) Desejo que ao receberes esta estejam ahi **todos** em gozo de saúde, o que felizmente nos acontece, tanto aqui como em Petropolis. (11-AA-04-08-1913D)
- (105) Participo-te que ha dias escrevi a Papae uma carta a respeito da vinda de Guga para Sao Paulo afim de inicial-o na carreira commercial, aproveitando a sorte invejavel que lhe tocou de entrar para a caza de uma proprio irmao onde estará com o futuro garantido e sem passar pelos dissabores que **todos** teem de passar nos primeiros annos nesta carreira. (04-AA-25-03-1911D)

3.5.3.1.2. *Todo(s)* associado a DP

Nos dados, foram encontradas ocorrências de *todo(s)* associado a um DP, na configuração [todo DP], ilustradas abaixo:

- (106) Não posso dizer qdo volto, mas vou fazer **todo** o possivel para encurtar a estadia aqui, ainda que eu tenha de voltar logo a Itabira, como é possivel. (23-AP-17-11-1913)
- (107) Primeiramente espero que gozes saúde bem como mamãe, papãe e **todos** os outros de que ha muito não tenho noticias. (50-AA-30-11-1913)
- (108) Ainda mesmo que me fosse possvel empregal-o neste momento premente em que **toda** a gente que tem uma collcação se agarra a ella com dentes e unhas, [...] o Senhor, tão bem ou melhor dque eu, conhece o casmurrismo do Waldemar, que constitue por si só uma diffiuldade grande não só para o Commercio como para q.q. outra collocação. (21-AA-29-11-1915D)

Também foram registradas sentenças na ordem [DP todo], exemplificada a seguir:

- (109) O Choch está gravemente doente, tio Juca esteve a semana **toda** com elle, vóvó tambem esta com elle; (02-AA-25-08-1907)
- (110) A cozinha a Marieta me disse q tem goteira , talvez seja bom mandar retelhar o telhado **todo** porq eles não tiram a gotei-ras e as vezes ainda fazem outras. (28-AP-18-3-1929)

3.5.3.1.3. *Todo(s)* associado a nomes nus

Alguns exemplos de sentenças com *todo* associado a nome nu são dados abaixo:

- (111) a saudade atormenta-me a **todo** momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pa-reço vel-a, (01-JM-24-09-1936)
- (112) Os inimigos da candida-tura Campista, não dis-pondo de força politica nos Estados, foram bus-car esta força no exerci-to, procurando por meio de intrigas e de **toda** sor-te de villanias, mettel-o em brios e obrigal-o a in-tervir na politica, (18-AP-19-5-1909)

3.5.3.1.4. *Todo* adverbial

O exemplo em (113) é um caso de *todo* complemento de preposição com sentido adverbial:

- (113) Fiquei muito satisfeito com as noticias de saude dos meninos, principalmente com o resultado do exame medico de Aluysio, pois tenho mtas esperanças de que agora, com a mudança e os banhos, a asthenia desapareça de **todo**. (24-AP-16-3-1914)

Essa expressão “de todo”, comum nos textos históricos do *Corpus Tycho Brahe*, tem o sentido de *completamente, totalmente*.

3.5.3.2. Quanto a *tudo*

3.5.3.2.1. *Tudo sozinho*

Nos dados, constam ocorrências em que *tudo* é um sintagma nominal com diferentes funções na sentença, significando “todas as coisas”, como os exemplos abaixo:

(114) Vai **tudo** numa caixa mto velha, não foi possível arranjar outra melhor, a casa Xavier, acabou-se. (15-AA-13-06-1914)

(115) Ainda se houvesse saude **tudo** se arranjava mas eu doente, as meninas doentes e Alice doente; enfim com pa-ciencia se alcança **tudo**. (27-AP-23-11-1919)

3.5.3.2.2. *Tudo associado a pronome demonstrativo*

Nos dados, há sentenças com *tudo* associado a pronomes demonstrativos, na ordem [DP *tudo*], em (116), e na ordem [*tudo* DP], em (117):

(116) A armação veio do Rio, para escolher, voltou para cobrir e pôr a iniciaes, **isso tudo** foi feito pelo Xavier, na noite que as armações vieram elle mesmo veio aqui trazel as pa escolhermos [...] (01-AA-18-08-1907)

(117) Parece que seu coração adivinhou, afinal, **tudo** isto, porque as duas cartinhas vieram tão cheias de affecto (24-AP-16-3-1914)

Não há casos de *tudo* associado a sintagmas com determinante ou a nomes nus.

3.5.3.3. Quantificação dos dados: português brasileiro dos séculos 19 e 20

3.5.3.3.1. Sobre *todo*

As ocorrências de *todo* foram quantificadas conforme o tipo de construção em que o quantificador aparece. A distribuição é apresentada na tabela a seguir.

Tabela 4: Distribuição de *todo(s)* no PB: séculos 19 e 20.

	Sec. 19		Sec. 20	
	n.	%	n.	%
Todo(s)	11	12.6	34	19.6
Todo(s) DP	67	77	80	46.2
DP todo(s)	1	1.2	18	10.4
Todo N	4	4.6	24	13.9
Todo(s) flutuante	2	2.3	7	4.1
Todo adverbial	2	2.3	7	4.1
Ambíguas		----	3	1.7
Total	87	100	173	100

Dos resultados mostrados no quadro acima, vale destacar dois pontos: as construções com o quantificador posposto ao sintagma com determinante e as sentenças com nomes nus, que aumentam de um século para o outro. No século 20, essas duas construções são mais comuns na fala: 12/18 das ocorrências de *DP todo(s)* e 20/24 de sentenças *todo N*.

Quanto à presença ou ausência do artigo definido depois do quantificador, é preciso considerar que, no século 20, estão incluídos dados de registros diferentes. Na fala, a tendência geral é suprimir o artigo no singular; na pronúncia, uma sentença como *todo o homem* pode ser confundida com *todo homem*, pela elisão da vogal temática do quantificador com o artigo definido (ver Teysier, 1976, p. 132). Isso poderia explicar a alta frequência de sentenças com nomes nus e a diminuição de sentenças com DPs. Ainda sobre as diferenças de registro, o quantificador associado a DP é mais frequente nos textos escritos (61/80) e o *todo* adverbial é mais presente na fala (5/7).

3.6.3.3.2. Sobre *tudo*

A quantificação das ocorrências de *tudo*, conforme o material quantificado e a posição em que aparece na sentença, é dada no quadro a seguir.

Tabela 5: Distribuição de *tudo* no português brasileiro: séculos 19 e 20.

	Sec. 19		Sec. 20	
	n.	%	n.	%
Tudo	27	90	70	68
Tudo + Demonstr.	3	10	15	14.5
Tudo DP	---		2	1.9
Marcador discursivo	---		16	15.6
Total	30	100	103	100

Como esperado, *tudo* sozinho é a ocorrência mais frequente nos dois séculos, mas, no século 19, é a construção predominante. Vale destacar o aumento das construções de *tudo* associado a um pronome demonstrativo no século 20. Já os casos de *tudo* associado a DP são sentenças com a expressão “tudo o mais”, e não exatamente as mesmas construções encontradas no PB contemporâneo. Já o *tudo* marcador discursivo, que aparece no século 20, é um fenômeno característico da fala; só há um registro desse uso na escrita.

3.6. Discussão dos dados: diacronia do português brasileiro

As ocorrências do quantificador indefinido *tudo* são frequentes nos séculos 19 e 20. Como o *tudo* com traço [+humano] é recorrente no PB, esperava encontrar ocorrências desse tipo nos textos históricos, ao menos nos do século 20. De fato, foram registrados casos de *tudo* com traço [+humano] nas cartas do século 19; no século 20, esse uso só foi registrado nos dados do português falado.

Nos *corpora* do português brasileiro, não há registro de construções de *tudo* associado a DP lexical, como registrado no português médio. A exceção é “tudo o mais”, que parece ser uma expressão cristalizada, como “todo mundo”.

Já o uso de *tudo* como marcador discursivo, como “tal”, “tipo”, é muito frequente na fala dos entrevistados mais novos, estudantes universitários na faixa dos 20 anos, mas não é um fenômeno exclusivo do discurso dos jovens, pois também é encontrado na fala de pessoas mais velhas, trabalhadores acima dos 40 anos, ainda que seja menos frequente. Não é, portanto, um fenômeno característico de uma determinada faixa etária nem está relacionado ao nível de escolaridade. O que parece ser um ponto comum na fala de todos é a ausência de concordância.

Esse uso de *tudo* como marcador discurso também foi registrado no inglês. Rickford *et al.* (2007) identificou uma função quotativa de *all*, um marcador de discurso indireto, como no exemplo abaixo:

(118) The dog just – she was all “Bark! Bark! Bark!”.

(RICKFORD *et. al.*, 2007, p. 3. Ex. (1b).)

Essa inovação teria se originado, segundo os autores, na Califórnia nos anos 1980 e foi identificada na fala de jovens e adultos de São Francisco, mas está em declínio atualmente.

Sobre a origem dessa nova função de *tudo* no PB, é possível pensar que talvez seja uma evolução da expressão “tudo o mais”, muito frequente nos textos históricos do português incluídos no *Corpus Tycho Brahe* e também encontrada nas entrevistas de falantes do português brasileiro do século 20:

(119) e é o cara, e é o cara que produz esse prédio aqui, em que a gente está morando e **tudo** o mais.

(120) então eu tenho vontade de sair daqui, porque a ca[...], já disse, que a casa é grande e **tudo mais**.

Esse, porém, é um ponto que precisa ser mais bem investigado em trabalhos futuros.

3.7. Considerações finais

O objetivo deste capítulo era investigar a sintaxe de *tudo* e *todo(s)* na história do português brasileiro e do português europeu. A expectativa era encontrar contextos sintáticos em que os dois itens ocorressem, buscando pistas que pudessem explicar a origem do uso de *tudo* em contextos sintáticos do quantificador universal *todo(s)*, descrito no capítulo anterior. Além disso, esperava encontrar ocorrências de *tudo* com traço [+humano], como já foi registrado em textos literários escritos por autores portugueses do século 19.

Nos textos históricos do português médio ao PE, registrei casos de *tudo* com traço [+humano], mas apenas um caso no século 16 e outro no século 19. Também registrei exemplos de *tudo* quantificando descrições definidas, como *tudo o necessário*, exatamente os mesmos contextos em que encontrei o quantificador universal, como *todo o necessário*. Outro fato

interessante é a ocorrência da expressão *de todo*, muito frequente em todos os períodos estudados, que parece ter um sentido adverbial, como *completamente*.

Quanto ao PB, foram registrados casos de *tudo* com traço [+humano] nas cartas do século 19; no século 20, esse uso só foi registrado nos dados do português falado. Não há, porém, construções de *tudo* associado a DP lexical, como registrado no português médio. A exceção é “tudo o mais”, que parece ser uma expressão cristalizada. Já o uso de *tudo* como marcador discursivo, como “tal”, “tipo”, é muito frequente na fala dos entrevistados mais novos.

É importante ressaltar que, nos *corpora* analisados, o quantificador indefinido *tudo* com traço [-humano], classificado como pronome indefinido nas gramáticas tradicionais e parafraseado por “todas coisas”, tem o mesmo comportamento ao longo do tempo, tanto no português europeu quanto no português brasileiro. Como não há nenhuma mudança, esse assunto não será mais discutido. O que será focalizado daqui por diante é o *tudo* que ocorre em contextos sintático-semânticos de *todo(s)*.

Nos dados analisados, não foram registradas construções com o quantificador *tudo* similares àquelas encontradas no PB, descritas no cap. 2. Os textos históricos escritos não favorecem a ocorrência de um fenômeno típico da fala e escrita informais, espontâneas, como já era previsto. Mesmo nos *corpora* de fala do século 20, que são registros informais, não havia exemplos desse uso particular do quantificador. Isso poderia sugerir que se trata de um fenômeno recente, mas é preciso considerar alguns aspectos encontrados no português médio.

Nos textos do português médio, o quantificador *tudo* já apresentava um traço semântico [+ humano], ainda que não fosse frequente e ocorria adjacente a pronomes demonstrativos. Além disso, *tudo* podia ocorrer nos mesmos contextos sintáticos de *todo*, ainda que com sentido indefinido. Assim, mesmo que não haja registro das construções típicas do PB, as sementes dessa inovação já estavam presentes no português médio e podem ter germinado por influência do contato com outras línguas na formação do português brasileiro. Essa é a perspectiva que será discutida no próximo capítulo.

4

***Tudo* nas variedades afro-brasileiras e africanas**

No capítulo anterior, mostrei que o quantificador *tudo* já apresentava traço semântico [+humano] e podia ocorrer nos mesmos contextos sintáticos de *todo(s)* nos textos históricos dos séculos 16 e 17. Sugeri que as condições para o surgimento dessa inovação já estavam presentes no português médio e que poderia ter se desenvolvido por influência do contato com outras línguas na formação do português brasileiro. Essa é a visão que será defendida neste capítulo.

Muitos trabalhos recentes têm demonstrado que aspectos sintáticos do português brasileiro são reflexos de mudanças gramaticais decorrentes do contato linguístico com línguas africanas (AVELAR & GALVES (2014), NEGRÃO & VIOTTI (2014), entre outros.). Segundo essa hipótese, o português brasileiro (PB) emergiu numa condição sócio-histórica particular, como uma variedade colonial resultante de um processo de intenso e extenso contato linguístico (NEGRÃO & VIOTTI, 2014, p. 294).

Além do Brasil, outras regiões na África, como Cabo Verde, Angola e Moçambique, e na Ásia vivenciaram uma situação semelhante de contato que resultaram em *variedades não nativas* do português. A história do contato e os aspectos linguísticos comuns a essas variedades autorizam a levantar a ideia de um *continuum afro-brasileiro do português*, que deriva de uma origem comum: a expansão da língua portuguesa num contexto de colonização (PETTER, 2008, p. 10).

O objetivo deste capítulo é discutir o quantificador *tudo* do PB na perspectiva do contato. Na primeira seção, apresento brevemente a hipótese do contato linguístico. Em seguida, discuto a formação do português abro-brasileiro (PAB, doravante) e, nas seções seguintes, faço uma descrição dos dialetos afro-brasileiros, além de apresentar uma quantificação e discussão dos dados. A seguir, descrevo o comportamento desse quantificador no crioulo de Cabo Verde e nas variedades de Moçambique e Angola. Por fim, seguem as considerações finais.

4.1. A hipótese do contato

A *hipótese do contato* defende que o PB, especialmente as variedades populares, apresenta aspectos gramaticais que emergiram como consequência do contato (cf. Lucchesi (2003), Mattos e Silva (2002), entre outros). Avelar & Galves (2014) advogam em favor dessa hipótese, explorando a ideia de que certas propriedades gramaticais do PB surgiram em decorrência da ação de contatos interlinguísticos estabelecidos entre falantes de português e de línguas africanas (em particular, línguas do grupo banto).

Essa ‘ação de contatos interlinguísticos’, segundo Avelar & Galves (*op. cit.*, p. 243-244), pode ser de dois tipos: (a) transferência de padrões frásicos e propriedades morfossintáticas das línguas africanas para o português adquirido como segunda língua pelos africanos e (b) propriedades desencadeadas por dificuldades dos africanos em reproduzir as marcas da língua alvo (no caso, o português) no processo de sua aquisição. Em qualquer uma dessas situações, afirmam os autores, é preciso pressupor que as marcas do português falado como segunda língua (L2) pelos africanos se difundiram no português adquirido como primeira língua (L1) pelos nascidos no Brasil e, por extensão, foram difundidas entre variedades emergentes do PB.

Seguindo Avelar & Galves, defendo a ideia de que a variação *todo(s)/tudo* emergiu no PB por influência do contato com línguas africanas. O objetivo é descrever a sintaxe de *tudo* no PAB e compará-las ao crioulo de Cabo Verde e às variedades moçambicana e angolana, para tentar entender de que forma esse aspecto da gramática do PB pode ser associado a uma das ações interlinguísticas descritas acima.

Na próxima seção, apresento algumas considerações sobre o PAB.

4.2. O português afro-brasileiro (PAB)

As línguas utilizadas pelas populações negras isoladas, constituídas geralmente de descendentes de antigos escravos e, às vezes, de antigos quilombolas são definidas como “línguas secretas”, “emblemáticas como núcleos de ‘resistência’ cultural negro-africana” (BONVINI, 2008, p. 51). Conforme Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009), as comunidades rurais afro-brasileiras utilizam um código de base lexical africana na comunicação intragrupal, em situações muito particulares, mas, em situações normais de interação linguística, a comunidade usa uma variedade comum de português popular rural.

O conceito de português afro-brasileiro fundamenta-se não em parâmetros étnicos, mas em parâmetros sócio-históricos, como afirmam os autores:

O português afro-brasileiro designa aqui uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país, praticando até os dias de hoje a agricultura de subsistência. Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravos foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Dessa forma, o português afro-brasileiro guardaria uma especificidade no universo mais amplo do **português popular rural brasileiro** (ou, mais precisamente, **norma popular rural do português brasileiro**), não apenas pelas características sócio-históricas próprias às comunidades em que ele é falado, mas sobretudo, pelas características linguísticas que o distinguiriam das demais variedades do **português popular do Brasil** (ou melhor, da **norma popular brasileira**).

(LUCCHESI, BAXTER & RIBEIRO, 2009, p. 32. Grifo dos autores)

Conforme os autores, o português popular brasileiro se constituiu no interior do país, onde se instalaram os engenhos, as plantações de fumo, algodão e mandioca, e se desenvolveram a mineração e a pecuária. A maior parte da população era formada por africanos (e indígenas) e seus descendentes. Nesse contexto de pluralidade linguística, variedades muito alteradas da língua portuguesa começaram a se formar em função da aquisição imperfeita do português como segunda língua, por sucessivas gerações. Assim, a norma popular brasileira atualmente “exibe ainda os reflexos dos processos de variação e mudança produzidos pelo contato entre línguas que marcaram a sua origem histórica no interior do país” (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 33).

De acordo com Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009, p. 71), a aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como segunda língua nas gerações seguintes de seus descendentes desencadearam um processo de transmissão linguística irregular que teve consequências na formação das variedades populares da atual realidade linguística brasileira. A integração dos escravos e ex-escravos e a miscigenação favoreceram a assimilação dos padrões linguísticos dominantes por parte dos dominados e introduziram, na fala das camadas médias e altas, estruturas criadas por mudanças ocorridas nos extratos mais baixos.

Segundo os autores, as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas ocupam uma posição própria no panorama sociolinguístico do Brasil. Essas comunidades apresentam as

seguintes características: (i) são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em regiões remotas do país; (ii) mantiveram-se em isolamento até a segunda metade do século XX; (iii) sua principal atividade econômica é a agricultura de subsistência (id. ib., p. 75).

Neste estudo, pretendo descrever o dialeto de comunidades afro-brasileiras e compará-lo à língua crioula de Cabo Verde, para identificar aspectos linguísticos comuns entre eles e tentar estabelecer um *continuum afro-brasileiro do português*, nos termos de Petter (2009).

4.3. *Tudo* no PAB

Muito se tem discutido, na literatura, sobre a variedade afro-brasileira, mas nenhum trabalho aborda especificamente o quantificador *tudo*. No entanto, todas as obras que focalizam a variação de número e gênero no sintagma nominal do PAB apresentam dados sobre esse assunto (ver Lucchesi (2000), Ribeiro (2009), Ribeiro & Cyrino (2011), entre outros), como mostram os exemplos:

(1) a. foi vendeno *tudo* essas madeira,

b. Os minina d'agora *tudo* achô coisa bom.

(LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 306. Ex. (14) e (30).)

Nas próximas seções, descrevo as propriedades sintáticas do *tudo* nas variedades afro-brasileiras, com base na fala de moradores de comunidades quilombolas. Os *corpora* analisados são provenientes de quatro comunidades: Furnas de Boa Sorte (MS), Milho Verde (MG), Bom Despacho (MG), Jurussaca (PA)²¹. Os dados referentes à comunidade afro-brasileira de MS foram coletados a partir de narrativas de informantes entrevistados pelo pesquisador João Batista de Andrade Filho, enquanto os dados das outras três comunidades quilombolas foram coletados de transcrições de entrevistas realizadas pelos pesquisadores do Projeto-piloto *Levantamento etnolinguístico de comunidades afro-brasileiras de Minas Gerais e Pará*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Margarida Petter e pela Prof.^a Dr.^a Márcia Duarte de Oliveira (USP)²². A transcrição desses dados é apresentada no fim do trabalho, no anexo D.

²¹ Os dados são apresentados da forma como os recebi; não tive acesso às gravações das entrevistas. As transcrições foram feitas por pesquisadores diferentes, por isso pode haver inconsistências, além de interferências da fala.

²² Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/indl/Extra/Projeto_Iphan_USP.htm>.

As sentenças foram classificadas de acordo com o tipo de construção em que *tudo* ocorre e a sua posição na oração, e comparadas com a distribuição do quantificador *tudo(s)*.

4.3.1. Comunidade Furnas de Boa Sorte (MS)

Furnas de Boa Sorte é composta por 150 pessoas de 36 famílias remanescentes do quilombo, situada no município de Corguinho, região central de Mato Grosso do Sul. A comunidade, fundada por escravos fugidos na década de 80 do século XIX, tornou-se um local de isolamento devido à posição geográfica, em virtude da conformação sinuosa do terreno que compõe a Serra de Maracaju e por se encontrar no chamado *caminho das águas da rota de vacaria*²³ e da Fazenda Taboco, apossada por José Alves da Costa no século XIX (ANDRADE FILHO, 2007, p. 6).

Segundo Andrade Filho (2007), esse caminho também foi percorrido por brasileiros da força expedicionária em 1865 e, no mesmo período, por paraguaios, durante a Guerra do Paraguai. Naquela época, o império admitia milhares de soldados escravos para engrossar as tropas brasileiras. Nessa situação, segundo o autor, as relações escravistas sofriam certo afrouxamento, possibilitando a fuga de escravos.

Os dados foram coletados a partir de transcrições de narrativas produzidas pelos moradores. A série de entrevistas realizada por Andrade Filho ocorreu entre maio e junho de 2006, com oito informantes, entre 58 e 80 anos, selecionados entre os 150 moradores, todos não alfabetizados e nascidos na localidade ou nas comunidades quilombolas geminadas de São Sebastião e Caridade.

A descrição dos dados é apresentada nas próximas seções.

4.3.1.1. *Tudo*

4.3.1.1.1. *Tudo sozinho*

Os casos em que *tudo* aparece sozinho no sintagma são exemplificados abaixo:

(2) Tá **tudo** tranquilo aí...

²³ Rio Anhembi (hoje, Tietê); rio Grande (hoje, Paraná); rio Pardo; rio Anhandu; Serra de Maracaju; córrego Varadouro, no município de Terenos-MS; rio Aquidauana; rio Miranda; rio Paraguai e rio Cuiabá (em: Andrade Filho, 2007, p. 6. Nota 10).

(3) I já dechô **tudo** arrumadu...

4.3.1.1.2. *Tudo* associado a DP

Com *tudo* associado a um sintagma nominal com determinante, foram encontradas ocorrências com o quantificador preposto e posposto. Os nomes quantificados podem ter traços [-humano] e [-definido] ou [+humano] e [+definido].

Na configuração [tudo DP], foram encontradas sentenças em que o sintagma quantificado exerce a função de objeto da sentença, em (4), e um exemplo em que ocupa a posição de sujeito da sentença, em (5):

- (4) a. Cuía **tudo** o mantimento ([-humano], [-definido])
 b. Depois que ela caso **tudo** as fia ela foi cananu cada veis mais vê mais velha
 ([+humano], [+definido])
 (5) Agora **tudo** as coisa é caru... ([-humano], [-definido])

Também foram encontradas sentenças na ordem [DP tudo]:

- (6) Dexo os fi **tudo** criado graças a Deus... (objeto)
 (7) Meus irmão **tudo**...nunca ele falo nada desse... (tópico)

4.3.1.1.3. *Tudo* em construções flutuantes

Nos dados, constam ocorrências de *tudo* na posição pós-verbal, associado a um DP com função de sujeito da oração:

- (8) Uma veis nos cortemu **tudu**...
 (9) A fiarada isparramô **tudu**...
 (10) Intão teu ispíritu tá **tudo** ai in redó dela ai né...

Em algumas sentenças, *tudo* se refere a um sujeito [+humano] que pode ser retomado no contexto do discurso:

- (11) Minha mãe num levava **tudu** pa roça

(12) Minina muié era unhas...num ia **todo** pa roça...

4.3.1.1.4. *Tudo* adverbial

Há, nos dados, um caso que parece ser de quantificador adverbial:

(13) si tinha um pedaçú moiava **todo** i era u panu...

Em (13), *tudo* tem o sentido de intensificador do verbo; a interpretação da frase é a de que o pano era completamente molhado.

4.3.1.2. *Todo(s)*

4.3.1.2.1. *Todo(s)* sozinho

Há uma única ocorrência do quantificador singular associado a um sintagma nominal com determinante, na ordem [DP todo]:

(14) Trabalhava o dia **todo**

4.3.1.2.2. *Todo* associado a nome nu

Com nomes nus, só foram encontradas ocorrências de *todo* na expressão “todo mundo”, como ilustrado abaixo.

(15) **Todu** mundu foi imbora...

(16) [...] sinhô podia bem contá pa **todo** mundu qui qui era aquela vei...

4.3.1.3. Quantificação dos dados

As ocorrências dos quantificadores *todo(s)* e *tudo* na comunidade quilombola sul-mato-grossense são apresentadas no quadro a seguir:

Tabela 1: Distribuição de *tudo* e *todo(s)* no dialeto de Furnas de Boa Sorte (MS).

Furnas B. Sorte (MS)					
	n.	%		n.	%
Tudo	9	33.3	Todo(s)	---	
Tudo DP	3	11.2	Todo(s) DP	---	
DP tudo	5	18.5	DP todo(s)	1	16.7
Tudo N	---		Todo N	5	83.3
Tudo flutuante	9	33.3	Todo(s) flutuante	---	
Tudo adverbial	1	3.7	Todo adverbial	---	
Total	27	100	Total	6	100

Como se vê no quadro acima, *tudo* não ocorre em variação com o quantificador *todo(s)*. O quantificador *tudo* é predominante na fala dessa comunidade, ocorrendo em configurações diversas, enquanto as ocorrências de *todo(s)* são raras e restringem-se quase exclusivamente à expressão “todo mundo”.

4.3.2. Comunidade Milho Verde (MG)

Milho Verde é um distrito da cidade de Serro, situado na região do Alto Vale do Jequitinhonha, a 344 km de Belo Horizonte, e sua população era de aproximadamente 1.000 habitantes (segundo censo do IBGE de 2010)²⁴. O acesso ao distrito é possível através de estradas de terra que fazem parte da histórica Estrada Real, que liga o circuito da mineração até o Rio de Janeiro.

A história de Milho Verde tem início no século XVIII, quando garimpeiros ocuparam um pequeno arraial, localizado entre Serro e Diamantina, visando à exploração de ouro e de diamante. Diante da abundância de mineral, muitos escravos foram trazidos para trabalhar na região e seus descendentes permanecem no local nos dias atuais, nas comunidades quilombolas conhecidas como Ausentes e Baú.

As ocorrências com os quantificadores *tudo* e *todo(s)* encontradas no *corpus* de Milho Verde são descritas a seguir.

²⁴ Todas as informações foram retiradas daqui: <http://www.fflch.usp.br/dl/indl/Extra/Milho_Verde.htm>.

4.3.2.1. *Tudo*

4.3.2.1.1. *Tudo sozinho*

As ocorrências do quantificador indefinido *tudo* são exemplificadas abaixo:

(17) A lavadêra de roupa veio pra **tudo** lavá é.

(18) pra **tudo** Deus ajuda.

Tudo também ocorre com referência [+ humano]:

(19) igual meus filho também, né... são.... são quatro deles, vão embora **tudo**.

(20) e hoje foi **tudo** embora, vai passar recurso né?

(21) se ieu mandá, quando ININT **tudo** comeno,

4.3.2.1.2. *Tudo associado a DP*

Constam, nos dados, casos de *tudo* associado a DP (inanimados e animados), na configuração [DP *tudo*], tanto na posição de sujeito, em (22) e (23), como na posição de objeto, em (24) e (25):

(22) Essas [terra] **tudo** vem na cabeça, ó

(23) Só que esses sobrinhos meus **tudo** ainda vai pra aula...

(24) Deus ININT já fez os trem **tudo**.

(25) Andava na cadeira de roda e tinha uma ferida grande na perna aí que que faz a dona tinha a empregada de lava lavadeira de roupa de roupa e os esparadapo **tudo** que punha na perna dela punha na bacia separada

Na configuração [*tudo* DP], por sua vez, não foi registrado nenhum caso.

4.3.2.1.3. *Tudo associado a nome nu*

Foram encontrados exemplos de *tudo* associado a nome nu, na ordem [*tudo* NP], em (26), e na ordem [NP *tudo*], em (27):

(26) ieu fui encarregado da firma, ieu fui, ieu fui um grande líder de **tudo** *momento*
lá dentro

(27) eu entendo de *raça* **tudo**

4.3.2.1.4. *Tudo* em construções flutuantes

Foram registrados, no *corpus*, casos de *tudo* na posição pós-verbal, associado a um sintagma nominal [+humano] na posição de sujeito da sentença:

(28) os defuntos hoje já saem **tudo** dentro de carro

(29) O resto já **tudo** já uns morrero otros largaro ou desistiro, ou tão aí pelejando
pra ver se.. força ININT luta

(30) os defuntos tão **tudo** rico

4.3.2.1.5. *Tudo* adverbial

Há, nos dados, um exemplo de quantificador adverbial:

(31) nós chegava da escola **tudo** moiado

Em alguns casos, a interpretação é ambígua:

(32) já tava com meus fio **tudo** arrumado quando ela chegô de lá da cooperativa,
minhas coisa **tudo** arrumada e...

(33) o povo fica **tudo** emocionado de vê ele falando...

Nas sentenças acima, *tudo* pode ser tanto um quantificador nominal em pós-verbal quanto um quantificador adverbial intensificando o adjetivo que precede.

4.3.2.2. *Todo(s)*

4.3.2.2.1. *Todo(s)* sozinho

Nos dados, *todo(s)* aparece sozinho, como nos exemplos abaixo:

- (34) São parente é, essa direção em vem tanto na... na linguagem com catopê e no vissungo **todos** são meu parente.
- (35) A penêra cabaça que ele serrô, a ca... pênêra cabaça... então foi cobra, carangonço, pá nele, [mordêro] **todo**... mordêro **todo**, matô ele, e... e... ele morreu.

4.3.2.2.2. *Todo(s)* associado a DP

Constam, nos dados, sentenças com *todo(s)* associado a sintagmas com determinante na configuração [todo DP], como nos exemplos abaixo:

- (36) subia lá em cima no palco pra fala poesia porque **toda a vida** eu tive uma voz muito boa
- (37) Agora outra coisa por ter estrada de carro por **todo o lado**

Também foram encontradas ocorrências na ordem [DP todo]:

- (38)...passava *essa estrada* **toda** aqui ó...
- (39) Morei de setenta e dois a setenta e nove. Saí, tinha *meus pais* **todos** [...]

4.3.2.2.3. *Todo* associado a nome nu

Foram registrados casos de *todo* precedendo um nome nu, exemplificados a seguir.

- (40) ...então essa não teve como amançá ela porque **toda** fazenda que ela chegava que eles queria fazê ela de escrava ela não consegui ficar nela não.
- (41) não, eu, eu tenho muita gente lá em São Paulo, **toda** hora eu lembro de lá
- (42) ... trabalhador muito bom que ele era... fazia **todo** serviço que precisasse fazer.

4.3.2.2.4. *Todo(s)* em construções flutuantes

Nos dados, foram registradas também ocorrências com *todo* flutuante, em posição pós-verbal:

(43) ... os amigo dele ININT tentaro **todo** levantá da mesa,

(44) ele ficava **todo** assim sem olha po... povo

4.3.2.2.5. *Todo* adverbial

O quantificador *todo* também pode ter a função de intensificador do adjetivo:

(45) Ela **toda** [aguentiada] ne... e... enxugô o pé dele.

Em alguns casos, *todo* pode ser tanto um quantificador adnominal posposto quanto um advérbio, como no exemplo a seguir:

(46) lavava nossa roupa **toda** cheia de lama

4.3.2.3. Quantificação dos dados

A distribuição das ocorrências dos quantificadores *tudo* e *todo(s)* referentes à comunidade quilombola de Milho Verde (MG) é apresentada na tabela a seguir.

Tabela 2: Distribuição de *tudo* e *todo(s)* no dialeto de Milho Verde (MG).

Milho Verde (MG)					
	n.	%		n.	%
Tudo	47	69.1	Todo(s)	5	11.4
Tudo DP		---	Todo(s) DP	3	6.8
DP tudo	8	11.8	DP todo(s)	4	9.1
Tudo N	2	2.9	Todo N	25	56.8
Tudo flutuante	10	14.7	Todo(s) flutuante	4	9.1
Tudo adverbial	1	1.5	Todo adverbial	3	6.8
Total	68	100	Total	44	100

Como visto, nesta comunidade, o quantificador *tudo* pode ocorrer em praticamente todos os contextos sintáticos da forma flexionada plural, com exceção das construções com nomes nus. Vale destacar que, nas construções com quantificador posposto ao sintagma nominal e nas construções flutuantes, a presença de *tudo* é maior que a do quantificador universal.

4.3.3. Comunidade Bom Despacho (MG)

A comunidade de Bom Despacho está localizada na região centro-oeste do Estado de Minas Gerais, a 147 km de Belo Horizonte, e a população estimada é de 49.236 habitantes (segundo dados do IBGE 2015). Segundo Queiroz (1998, p. 38), é uma comunidade historicamente excluída por ser um “bairro de negros”, construída em uma cidade fundada sob uma área de quilombos destruídos.

Sua origem é associada à chegada dos portugueses em 1730, mas o povoamento só teria ocorrido em 1745, com a chegada de Domingos Luiz de Oliveira, Manoel Ribeiro da Silva e Pe. José Hermenegildo Vilaça, deportados por Pombal, que teriam construído uma capela que denominaram de Nossa Senhora do Bom Despacho do Picão, em homenagem à santa a quem pediam proteção e ao pioneiro Manoel Picão Camacho²⁵.

A grande concentração de população africana em terras mineiras visava à exploração de ouro e diamante e à produção de cana-de-açúcar. A presença africana é atestada

²⁵ As informações estão disponíveis em: <http://www.fflch.usp.br/dl/indl/Extra/Bom_Despacho.htm>.

pelos quilombos que existiram, pelas tradições religiosas de origem africana e pela *Língua do Negro da Costa* (QUEIROZ, 1998).

Os dados referentes a essa comunidade são descritos a seguir.

4.3.3.1. *Tudo*

4.3.3.1.1. *Tudo sozinho*

Nos dados, foram registradas ocorrências de *tudo* sozinho, como os exemplos abaixo:

(47) E quem pegá a cartilha pode lê, pode aprendê **tudo** nela aí ó...

(48) A gente fica sentado aqui na porta, acerto **tudo**.

Há ainda 2 casos com *tudo* com traço [+humano]:

(49) ...eu lembro que a gente... vários de nós... brancos, morenos, negros... **tudo** conversava dessas coisa

(50) ...aí o patrão vinha mais e gritava: “o cuete do conjolo avura”. Qué dizê, o patrão, o dono, o rico e esse... **tudo** começava a agir as coisas... p’a podê o patrão não batê, essas coisa.

4.3.3.1.2. *Tudo associado a DP*

Foram encontrados também casos de *tudo* associado a DP, na ordem [DP *tudo*], como nos exemplos abaixo:

(51) Ó... ele tá com... c’os badalo **tudo** doeno...

(52) Aí tem um... tipo um desfile dos corte **tudo**..

(53) os homi **tudo** olha... sabe que é as perna...

4.3.3.1.3. *Tudo* em construções flutuantes

Há, no *corpus*, sentenças em que *tudo* associado ao DP sujeito ocorre em posição pós-verbal, como exemplificado a seguir.

(54) ... as ocaia tá **tudo** bom...

(55) Eles tava **tudo**... pro... matuaba, né,

(56) ...os canambora tava viajando **tudo**...

4.3.3.1.4. *Tudo* adverbial

Em alguns casos, *tudo* parece funcionar como um advérbio:

(57) Eles ficaro **tudo** curioso...

Em (57), a interpretação é de que todos eles ficaram muito curiosos. Mas, em outros casos, *tudo* é ambíguo, podendo ser tanto um quantificador adnominal posposto quanto um advérbio intensificando um adjetivo, como nos exemplos a seguir:

(58) Povo **tudo** fardado... mas é lindo...

(59) Não... eu tô... eu... eu tô com... com o... com os [baguinario] **tudo** ruim, quando eu vô injirá eu faço um bobo ali eu caio...

4.3.3.2. *Todo(s)*

4.3.3.2.1. *Todo(s)* sozinho

Há, nos dados, um único exemplo em que o quantificador universal *todos* aparece sozinho, como elemento único do sintagma:

(60) É... reparte demais pra escola **todos** aqui...

4.3.3.2.2. *Todo(s)* associado a DP

Foram registrados exemplos de *todo(s)* associado a DP na ordem [todo DP]:

(61) Vasculhê o cara de **todo** o jeito, lá...

(62) E o...o ritmo deles é mar...é marcha ININT e nunca vi outro ritmo, é completamente diferente de **todos** os ritmos.

Também há registro de *todo(s)* associado a DP na ordem [DP todo]:

(63) Tá entregando o ouro **todinho**.

(64) O dia **todo** eles.. eles para...cada dia eles para umas seis e meia sete da noite...

4.3.3.2.3. *Todo* associado a nome nu

Com *todo* associado a nome nu, foram encontradas sentenças como as ilustradas abaixo.

(65) E **toda** chuva que dava, nós ficava em pé, chovendo e moiando nós

(66) É ói, vô querê **todo** caxa ingura.

4.3.3.2.4. *Todo* adverbial

Há ainda um exemplo em que *todo* se comporta como um advérbio:

(67) tu... já tá **toda** arrumadinha...

Em (67), a interpretação é de que ela (a informante) está muito arrumada, e não de que todas as partes dela estão arrumadas.

4.3.3.3. Quantificação dos dados

A distribuição dos quantificadores neste dialeto é dada na tabela a seguir.

Tabela 3: Distribuição de *tudo* e *todo(s)* no dialeto de Bom Despacho (MG).

Bom Despacho (MG)					
	n.	%		n.	%
Tudo	44	74.6	Todo(s)	1	2
Tudo DP	---		Todo(s) DP	3	6.2
DP tudo	6	10.2	DP todo(s)	4	8.2
Tudo N	---		Todo N	40	81.6
Tudo flutuante	8	13.5	Todo(s) flutuante	---	
Tudo adverbial	1	1.7	Todo adverbial	1	2
Total	59	100	Total	49	100

Como pode ser visto no quadro acima, *tudo* não ocupa todos os contextos de *todo(s)*, mas aparece em construções em que a versão flexionada não ocorre, como as construções flutuantes. Chama a atenção a baixa ocorrência de *todo(s)* sozinho e a alta presença de *tudo* associado a nomes nus.

4.3.4. Comunidade Jurussaca (PA)

Jurussaca está localizada a aproximadamente 10 km da cidade de Tracuateua e a 25 km da cidade de Bragança, na região bragantina, a nordeste do estado do Pará. A comunidade teria surgido a partir de quatro escravos que fugiram do Maranhão e se instalaram na região²⁶.

Há duas versões para o nome da comunidade: uma é a de que Jurussaca seria o sobrenome de um de seus fundadores – um dos quatro escravos fugidos; a outra seria o resultado de uma tradição em que, quando uma pessoa prejudicava outra, para se desculpar e pedir perdão, deveria se enfiar numa saca e jurar que não a prejudicaria mais, ou seja, *jurar na saca*, daí o nome Jurussaca.

As ocorrências referentes a essa comunidade são descritas abaixo.

²⁶ Relato de Jair Francisco Cecim da Silva (UFPA/USP), disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/incl/Extra/Jurussaca.htm>>.

4.3.4.1. *Tudo*

4.3.4.1.1. *Tudo sozinho*

As ocorrências do quantificador indefinido *tudo* sozinho são abundantes no *corpus*.

Seguem exemplos:

(68) ... ‘cabou-se **tudo**.

(69) Tinha que comprá **tudo**.

Há também casos em que *tudo* tem traço [+humano], como mostram os exemplos abaixo:

(70) **Tudo** colocando a perninha pro [filhinho] ININT...

(71) Mas Deus já levô **tudinho**. ...Deus já levô **tudo**.

(72) P: onde estão seus parentes?

R: morreram **tudinho**.

4.3.4.1.2. *Tudo associado a pronome demonstrativo*

Nos dados, *tudo* também ocorre precedendo o pronome demonstrativo *isso*, como ilustrado a seguir:

(73) Mas **tudo** isso é uma preocupação pra gente.

(74) ... **tudo** isso a gente tinha medo, né, de acontecê um dia.

4.3.4.1.3. *Tudo associado a DP*

Foram registrados casos de *tudo* associado a DP na ordem [Q DP]:

(75) Às vez [ele] batiza **tudinho** os menino.

(76) ...tava **tudo** as filha dela lá com ela, elas era cinco filha.

(77) vendeu **tudo** as madeira...

Também foram encontradas ocorrências na configuração [DP tudo]:

(78) cada ano era um juiz, agora ajuntava os santo todinho das vizinhança **tudo** pa fazê aquela novela da noite...

(79) ... essas estrada **tudo** era caminho do inferno.

(80) ... na semana da festa eu vô e foi até andei e vim, dancei, o vento me levava pá qualquê lado c'as pessoa **tudo**,...

4.3.4.1.4. *Tudo* associado a nome nu

Foram registradas, nos dados, ocorrências de *tudo* associado a nome nu:

(81) Depois ela... depois que a velha morreu se espalharam **tudo** pessoá, 'la foi morá em Capanema.

(82) ...vem gente de Bragança, de Tracuateua, de **tudo** lugar aí pra ele benze, pá ele...

4.3.4.1.5. *Tudo* em construções flutuantes

Foram encontradas também ocorrências de *tudo* em construções flutuantes, como ilustrado abaixo:

(83) ...a gente veio **tudo** do ININT mas [minha]... minha família veio...

(84) ...os rancho era **tudo** por debaixo dos mato

(85) Eles são **tudo** branco, pra mim

4.3.4.1.6. *Tudo* adverbial

Em alguns casos, *tudo* parece funcionar como um advérbio de intensidade, como no exemplo abaixo:

(86) A ... a família ali do... do [Gas]... era **tudo** bonito o olho...

Em (86), a interpretação é de que todos na família tinham olhos muito bonitos.

4.3.4.2. *Todo(s)*

4.3.4.2.1. *Todo(s) sozinho*

Foram registradas ocorrências do quantificador universal sozinho, como ilustrado a seguir.

(87) era as pessoa quase analfabeto, **todos**.

(88) ...tem, **toda** vem, agora essas mais vinhero com banheiro fora aqui.

(89) **Todas... todas** vão pro hospital... **todas**.

4.3.4.2.2. *Todo(s) associado a pronome demonstrativo*

Nos dados de Jurussaca, há casos do quantificador universal singular precedendo um pronome demonstrativo, em variação com *tudo*:

(90) agora ficou uma coisa muito fácil, muito bom vocês já merendam na aula e inda quase **todo** isso quando chega o fim do ano seis não passam, né.

(91) Aí **todo** isso a gente sentia que poderia ser uma parte que a gente tava sofrendo porque a gente era mesmo descendente de quilombo...

4.3.4.2.3. *Todo(s) associado a DP*

Foram registradas ocorrências na configuração [todo DP], como ilustram os exemplos:

(92) Adubamos... **todinha** a terra um grupo de pessoas...

(93) aí ficou, ficou, se juntavam, faziam reunião, se juntavam **todos** os morador os pai de família pra ir atrás lá no fórum, pra ir atrás de conseguí documento...

(94) Até é... ia mais além, né, alfabetizava e levava também com **todas** as série, tinha que trabalhá de primêra até a tercêra série... era... levava **todos** os aluno, que não tinha professô.

Também foram encontradas ocorrências na ordem [DP todo], exemplificadas a seguir.

(95) "Olha nós tem que levá umas roupa usada" ... que a fásca quando entrava pula janela queimava a gente todinho, a roupa da gente... é.

(96) eu tive várias reunião assim de estudo pra descobrí essa...esse sofrimento, né, por causa de quê essas coisa toda, era mesmo, né, aqui é o sotaque que a pessoa tem... até de...de vivê, conversá, usá assim rôpa essas coisa toda...

(97) A gente enxergava as janela todinha do cara... dos cara...

4.3.4.2.4. *Todo* associado a nome nu

Além de sentenças com a expressão “todo mundo”, foram encontradas ocorrências de *todo* associado a nome nu, como os exemplos a seguir.

(98) É...é **toda** carne aí, eles vende, é...ele sabe cortá muito bem [...]

(99) ele disse: “Ah, como é que os outro chega, porque, cê sabe de uma coisa, **todo** quilombo é selvagem”...

4.3.4.2.5. *Todo* adverbial

Há, ainda, registros de *todo* adverbial, como o exemplo abaixo:

(100) até roê, aí passô oito anos ele aí, **todo** teimoso

4.3.4.3. Quantificação dos dados

As ocorrências de *tudo* e *todo(s)* referentes a essa comunidade foram contabilizadas na tabela a seguir.

Tabela 4: Distribuição *tudo* e *todo(s)* no dialeto de Jurussaca (PA).

Jurussaca (PA)					
	n.	%		n.	%
Tudo	109	70.3	Todo(s)	19	10.4
Tudo DP	5	3.2	Todo(s) DP	52	28.6
Tudo	6	3.9	Todo	4	2.2
Demonstrativo			Demonstrativo		
DP tudo	9	5.8	DP todo(s)	25	13.7
Tudo N	2	1.3	Todo N	72	39.5
Tudo flutuante	23	14.8	Todo(s) flutuante	1	0.6
Tudo adverbial	1	0.7	Todo adverbial	9	5
Total	155	100	Total	182	100

Nos dados da comunidade de Jurussaca, o quantificador *tudo* ocupa todos os contextos da forma flexionada, incluindo as construções com pronome demonstrativo, não registradas nas outras comunidades. É válido destacar as construções chamadas de flutuantes, em que o quantificador aparece na posição pós-verbal: a ocorrência de *tudo* é muito superior à presença de *todo(s)* nessa configuração.

4.4. Discussão dos dados

A distribuição das ocorrências do quantificador *tudo* na fala das comunidades quilombolas analisadas é apresentada na tabela abaixo:

Tabela 5: Distribuição de *tudo* nos dialetos afro-brasileiros.

	Furnas B. Sorte		Milho Verde		Bom Despacho		Jurussaca	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Tudo	9	33.3	47	69.1	44	74.6	109	73.2
Tudo DP	3	11.2	---		---		5	3.4
DP tudo	5	18.5	8	11.8	6	10.2	9	6
Tudo N	---		2	2.9	---		2	1.3
Tudo flutuante	9	33.3	10	14.7	8	13.5	23	15.4
Tudo adverbial	1	3.7	1	1.5	1	1.7	1	0.7
Total	27	100	68	100	59	100	149	100

As ocorrências de *tudo* sozinho são predominantes na fala das comunidades afro-brasileiras. A exceção é Furnas de Boa Sorte, em que *tudo* sozinho tem a mesma proporção de *tudo* em construções flutuantes. A maior parte dessas ocorrências são de *tudo* com traço semântico [-humano], mas há registro de *tudo* com referência a antecedente animado, especialmente na comunidade de Jurussaca (13/109).

Os casos de *tudo* adverbial (sem ambiguidade) são raros, assim como *tudo* associado a nomes nus, que só aparece em Milho Verde e Jurussaca. Já as construções com *tudo* associado a um sintagma com determinante na ordem [Q DP] só aparecem em Jurussaca e Furnas de Boa Sorte, mas as sentenças com o quantificador posposto estão presentes em todas as comunidades.

Já a distribuição do quantificador universal *todo(s)* é dada no quadro a seguir.

Tabela 6: Distribuição de *todo(s)* nos dialetos afro-brasileiros.

	Furnas B. Sorte		Milho Verde		Bom Despacho		Jurussaca	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Todo(s)	---		5	11.4	1	2	19	10.7
Todo(s) DP	---		3	6.8	3	6.2	52	29.2
Todo N	5	83.3	25	56.8	40	81.6	72	40.4
DP todo	1	16.7	4	9.1	4	8.2	25	14
Todo(s) flutuante	---		4	9.1	---		1	0.6
Todo adverbial	---		3	6.8	1	2	9	5.1
Total	6	100	44	100	49	100	178	100

Da tabela acima, chama a atenção a distribuição do quantificador universal em Furnas de Boa Sorte, em que a ocorrência predominante é a construção com nomes nus. Nas outras três comunidades, os casos de *todo* associado a nomes nus é a ocorrência mais frequente, em parte pela presença da expressão “todo mundo”: 11/25 em Milho Verde, 20/40 em Bom Despacho e 28/72 em Jurussaca. Já as construções flutuantes são mais comuns na comunidade de Milho Verde, enquanto o quantificador adverbial é mais usado em Jurussaca.

Comparando os quadros, é possível observar uma gradação quanto à realização de *tudo* nos contextos sintáticos do quantificador universal. Na comunidade de Milho Verde (MG), *tudo* é usado como variante do quantificador *todo* em praticamente todos os contextos sintáticos; a exceção é a construção na ordem [tudo DP], que também é considerada agramatical

na gramática restritiva do PB. Já a comunidade de Bom Despacho (MG), além da ausência de construções [tudo DP], também não apresenta uma restrição de *tudo* com nomes nus no dialeto dos falantes. Na fala dos moradores de Jurussaca (PA), por outro lado, *tudo* ocorre nos mesmos contextos de *todo*.

O fato que mais chama atenção nos dados observados é a distribuição de “todo” na comunidade sul-mato-grossense de Furnas de Boa Sorte. O número de ocorrências de *todo* é muito pequeno, se comparado ao uso de *tudo*. Além disso, cinco das seis ocorrências referem-se à expressão cristalizada “todo mundo”; há apenas um caso do quantificador associado a um DP, “o dia todo”. Apesar de não haver registro de *tudo* [+humano] como núcleo de sintagma nem associado a nomes nus, o elemento aparece nos mesmos contextos sintáticos de *todo*, precedido ou posposto ao sintagma nominal e funciona como quantificador flutuante.

Assim, nas comunidades de Bom Despacho, Milho Verde e Jurussaca, o quantificador *tudo* está em variação com o quantificador *todo*, em uma relação de competição entre gramáticas, como ocorre com o PB. Já Furnas de Boa Sorte estaria em um estágio mais estável, em que *tudo* praticamente ocupou o lugar do quantificador *todo*, que aparece apenas em construções cristalizadas.

Na próxima seção, apresento uma análise para o quantificador *tudo* no PAB, com base na proposta de Ribeiro & Cyrino (2011) para o dialeto de Helvécia (BA).

4.5. *Tudo* na gramática do PAB

Para analisar o quantificador *tudo* nos dialetos afro-brasileiros em discussão, partirei da descrição e análise da estrutura do sintagma nominal da língua falada na comunidade de Helvécia (BA) de Ribeiro & Cyrino (2011). Com base na fala de uma afrodescendente que supostamente tinha 103 anos na época da gravação (1994), as autoras observam que, nesse dialeto, os nomes nus são usados em expressões indefinidas [\pm específica] e podem ser usados em substituição a *um*:

- (101) a. um filho de *menina* que morreu um dia desse (indef[+específico])
 b. Inda mais voce encontra *vestido*! (indef[-específico])

(RIBEIRO & CYRINO, 2011, p. 172. Ex. (2) e (3).)

Além disso, as autoras identificam uma variação no uso do determinante, que estaria relacionada à acessibilidade do referente:

(102) Lá vem Santa, marrá *um pano* na minha cabeça! Minha cabeça tá muito branca! (...) - Sim. Vô marrá *pano*, que cabeça tá muito branca! (...) T'áí **tudo** branca! Vô marrá *pano*! Gente vai caçua da minha cabeça!

(RIBEIRO & CYRINO, 2011, p. 172-173. Ex. (4).)

No *corpus* analisado por Ribeiro & Cyrino, não há marca de plural nos nomes; os sintagmas nominais no plural apresentam um determinante que recebe o morfema *-s* de plural:

(103) a. Pego *os fio*
 b. *os'oto ai* ve eu falano uma coisa
 c. *das doenca*

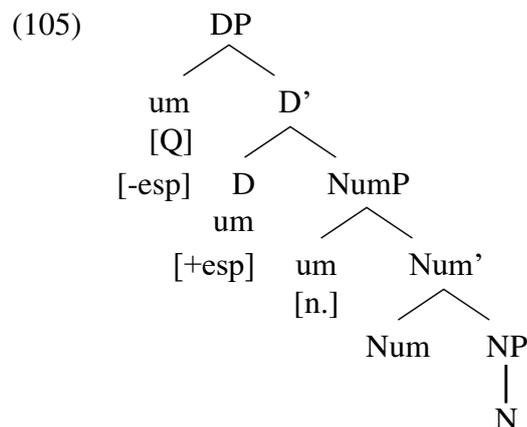
(RIBEIRO & CYRINO, 2011, p. 176-177. Ex. (16).)

Segundo as autoras, quando a marca de plural não está foneticamente realizada no possessivo ou no demonstrativo, o quantificador *tudo* funciona como um marcador de plural:

(104) a. *Tudo* esse é meu neto
 b. *Tudo* é meus neto
 c. *Tudo* esse fio teve na cativêro

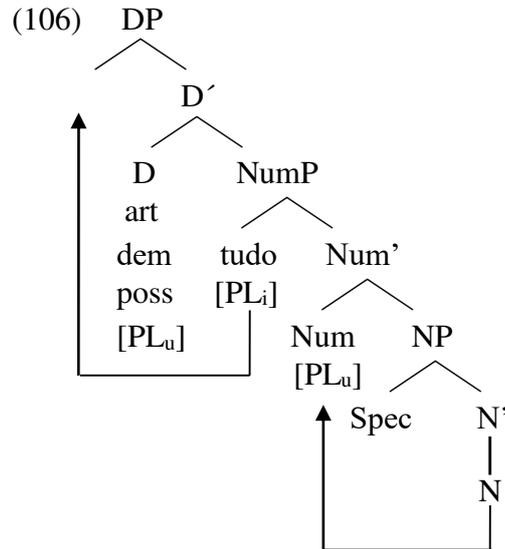
(*id. ib.*, p. 177. Ex. (18))

Em sua análise, Ribeiro & Cyrino assumem que argumentos são DPs. Adaptando a análise de Baptista (2007), propõem a seguinte estrutura para o DP do dialeto de Helvécia:



(*id. ib.*, p. 179. Ex. (22))

A estrutura em (105) dá conta dos DPs definidos e indefinidos. No caso dos definidos, há o movimento de N para Num; o determinante nulo resulta da não realização fonológica dos traços de D. Quando à realização do plural, elas propõem a seguinte derivação:



(RIBEIRO & CYRINO, 2011, p. 188.)

As autoras assumem que N tem traços de número interpretáveis. *Num* tem traços de $[PL_u]$ que são valorados por N (*Agree*), e não há morfologia de plural audível nos nomes, embora N sempre se mova para Num. Os numerais e o quantificador *tudo* já entram na derivação com os valores para plural especificados (são interpretáveis nestes elementos) e os demais “determinantes” (artigo, demonstrativo, possessivo) valoram seus traços de plural $[PL_u]$ por *Agree* com N. Um filtro fonológico atua, evitando a redundância de marcas morfológicas. Considerando que os traços de plural das categorias funcionais do DP são cópias dos traços de N, após a linearização da estrutura para a PF, só a primeira cópia é pronunciada (RIBEIRO & CYRINO, 2011, p. 189).

Os dialetos das comunidades quilombolas discutidos neste trabalho apresentam propriedades semelhantes àsquelas descritas por Ribeiro & Cyrino para o dialeto de Helvécia. São línguas de morfologia ‘pobre’, em que geralmente não há concordância verbal e a concordância nominal é marcada no primeiro elemento à esquerda do sintagma. Entretanto, essa análise não consegue explicar todos os dados apresentados aqui em relação à distribuição e interpretação do quantificador *tudo*. Voltarei a discutir a sintaxe de *tudo* no PAB no cap. 5.

Na próxima seção, farei uma descrição do crioulo de Cabo Verde e, em seguida, das variedades africanas do português, a fim de identificar similaridades entre elas.

4.6. *Tudo nas línguas crioulas: o caso de Cabo Verde*

A comparação com o crioulo de Cabo Verde se justifica pela semelhança com a formação sócio-histórica do português brasileiro, ocorrida em um contexto complexo de contato entre línguas, principalmente com línguas africanas do grupo banto, conforme Castro (2009). O português foi adquirido pelos africanos e afrodescendentes como segunda língua por quatro séculos (ver seção 2 acima). Embora a situação sócio-histórica seja diferente, a aquisição do português em Cabo Verde também é de segunda língua. Assim, a expectativa é encontrar propriedades semelhantes nas duas variedades, no que diz respeito à quantificação, que corroborem a hipótese da influência das línguas africanas na sua formação e a existência de um *continuum* afro-brasileiro do português.

4.6.1. A sociolinguística de Cabo verde

O caboverdiano é uma língua crioula de base portuguesa falada no arquipélago de Cabo Verde²⁷, no Oceano Atlântico, na África, e possui dois dialetos geográficos: Barlavento e Sotavento. O crioulo de Cabo Verde, de acordo com Figueiredo (2010, p. 46), se formou algumas décadas depois do início da ocupação do arquipélago de Cabo Verde por parte dos portugueses e escravos resgatados na costa africana (atuais regiões do Senegal e Guiné-Bissau) e transplantados pelos primeiros.

Na época de sua formação, a comunidade relativamente estável do arquipélago era constituída por falantes de diferentes L1's do grupo níger-congo atlântico. Muitos deles já falariam um pidgin rudimentar de base lexical portuguesa, que deixaria de ser visto como L2 de comunicação emergencial para assumir o estatuto de língua de comunicação interétnica na comunidade. Essa língua interétnica evoluiu para um crioulo, uma vez que os falantes deixaram de usar os seus idiomas de origem, salvo em situações de ambiente familiar (FIGUEIREDO, 2010, p. 46).

Desde a sua formação até os dias atuais, o crioulo de Cabo Verde tem mantido um contato quase exclusivo com a língua portuguesa. Privados das relações com as suas terras de origem, os africanos e seus descendentes acabaram deixando de usar suas L1's. Desta forma, em Cabo Verde existem apenas duas línguas nacionais: o crioulo de Cabo Verde e o português,

²⁷ O arquipélago de Cabo Verde, ocupado em 1462, é constituído por dez ilhas: as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava, em Sotavento; as ilhas de Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santa Luzia, S. Vicente e Santo Antão, em Barlavento.

a língua oficial. Estigmatizado durante séculos, o crioulo de Cabo Verde, apesar de ser a língua nativa de todos os cabo-verdianos, não era estudado nas escolas nem usado em contextos oficiais. A política de sucessivos governos portugueses, que visava erradicar esse dialeto e substituí-lo pelo português, proibiu o seu uso em locais públicos. Como consequência, o português se tornou a língua elitista do ensino e da vida pública, único idioma de acesso à literatura e aos bens sociais, enquanto o crioulo de Cabo Verde ficou restrito ao espaço familiar (FIGUEIREDO, 2010, p. 46).

4.6.2. A estrutura do DP do Crioulo de Cabo Verde

A análise do crioulo de Cabo Verde se baseia nas descrições de Miranda (2013), Baptista (2007) e Alexandre & Soares (2004). O foco é a colocação do quantificador na estrutura do DP e a realização de plural.

Conforme Miranda (2013, p. 68), os sintagmas nominais (NPs) sem determinante são comuns em muitas línguas crioulas. A ausência de artigo nos NPs corresponderia a não individuação, como proposto por Mufwene, noção que pode ser equiparada à chamada não especificidade, proposta por Bickerton (1981, 1984) que distingue entre NPs genéricos, NPs dentro do escopo de negação e casos em que a identidade exata de um referente ou não é conhecida, ou irrelevante.

Alexandre & Soares (2004) apontam que os nomes nus em posição de sujeito, no caboverdiano, são muito frequentes e podem ou não apresentar marca de plural. Na presença de quantificador, geralmente a marca de plural é ausente:

(107) *E tudu kes povu ki sta na nos*

3SG todo DET povo COMP estar PREP 1PL

‘Todos aqueles povos que estão em nós.’

(108) *Nu tudu Ø fika kontenti ku es trabadju*

1PL todo PFV ficar contente PREP DET trabalho

‘Todos nós ficamos contente com este trabalho.’

(BAPTISTA, 2002, 57-58 *apud* MIRANDA, 2013, p. 75-76. Ex. 22 e 23.)

(109) a. *Es ta ba anda tudu kabu. Pobason, kanpu, matu, vila* (AA-Brava)

they TMA go walk all parts Pobason country bush city

Len, tudu parti

Len all part

‘They would walk to all sites, to village, to the country, to the bush, to the city, to Len, to all parts.’

(110) *Tudu badju ki ten N ba* (AB-fogo)

all dance COMP have I go

‘All the dances, I attended.’

(111) *Tudu stranjeiru ki uji sa ta ben li* (NNNL-ST)

all foreigner COMP today TMA TMA come here

tudu dja flaba ma ta binha

all TMA said that TMA came

‘All the foreigners who are coming here today, all of them had said that they would come.’

(BAPTISTA, 2007, p. 83. Ex. (66a), (66b), (66c).)

Conforme Baptista (2007), se os nomes têm traços [+animado] e [+definido], eles apresentam sufixação plural, como em (112):

(112) a. *N ta spera nha kunpanherus tudu pa kumpanha-m* (FLT-ST)

I TMA expect my companions all to accompany-me

‘I expect all my companions to accompany me.’

b. *Nha fidjus tudu ta papia ku el* (RC-ST)

my children all TMA talk with him

‘All my children talk to him.’

(BAPTISTA, 2007, p. 84. Ex. (67).)

Em suma, a distribuição do quantificador e as estratégias de marcação de plural no crioulo de Cabo Verde são apresentadas no quadro abaixo (adaptado de Baptista, 2007, p. 85).

Tabela 7: Distribuição do quantificador e realização do plural no CCV.

Quantificador + nome nu

Quantificador + *Kes* (Det-PL) + nome nu

Nha (poss.) + nome-s + quantificador

Nu (1PL) + quantificador

Como mostram os dados, a única forma de quantificador universal disponível no crioulo de Cabo Verde é *tudo*. Geralmente, *tudo* é usado com nomes nus. Quando o quantificador é o primeiro elemento do DP, o nome não apresenta marcação de plural; *tudo* funciona como um pluralizador. Quando *tudo* aparece na posição pós-verbal, a marcação de plural é realizada no primeiro elemento à esquerda, geralmente um possessivo.

Baptista (2007, p. 178) propõe a seguinte estrutura para os DPs no crioulo de Cabo Verde:

(113) [DP dem/QP [D' [D def/ind] [NumP numeral [Num' [Num -S] [NP [N' N]]]]]]

A estrutura proposta por Baptista possui múltiplas camadas para acomodar determinantes abertos, marcação de plural e nomes nus. Essas três representações estipulam o alçamento de N para Num ou D no caso de nomes nus, o que explica a variação livre entre DPs nus e os DPs com determinante realizado.

Em comparação, como demonstram Ribeiro & Cyrino, os dialetos afro-brasileiros e o crioulo de Cabo Verde têm realizações superficiais muito semelhantes, mesmo no caso do plural, embora a marca morfológica de plural não ocorra nos dados da afrodescendente de Helvécia. Mas, ao contrário do crioulo de Cabo Verde, a diferença entre DPs definidos com/sem artigo na função de sujeito é explicada por uma variação em relação à realização fonológica ou não dos determinantes.

Assim, para os DPs com determinantes não realizados nos dialetos afrodescendentes, a variação é resultado de uma regra geral de recuperação situacional/pragmática dos valores referencias dos DPs. Para o caso dos DPs plurais, uma regra de não redundância morfofonológica atua na gramática. Desta forma, não há motivação empírica para o movimento de N para D nesses dialetos.

Em relação à quantificação, o crioulo de Cabo Verde é semelhante aos dialetos afro-brasileiros de Helvécia: *tudo* tem um traço de plural, funciona como um marcador de plural. Quando associado a nomes com determinante, a marca de plural aparece apenas no determinante; com nomes nus, não há marca de plural e a interpretação é de nomes massivos.

Nas próximas seções, investigarei as variedades africanas do português, para tentar encontrar semelhanças entre elas que possam ser atribuídas ao contato linguístico.

4.7. Tudo nas variedades africanas do português

Para Petter (2008:292), por compartilharem propriedades gramaticais, as variedades brasileira, angolana e moçambicana do português constituem o chamado *continuum* afro-brasileiro do português. As variedades angolana e moçambicana do português compartilham o fato de não terem se desenvolvido como línguas crioulas, o que as distingue das dos demais países lusófonos da África e as aproxima da do Brasil.

Em Angola e Moçambique, se desenvolveram variedades do português distintas do português europeu (PE), que apresentam similaridades com o PB, tanto em aspectos estruturais, como na situação de contato linguístico em que se formaram. Assim, é válido investigar as características dessas variedades quanto à quantificação, na tentativa de encontrar pistas que expliquem o desenvolvimento do fenômeno no PB.

4.7.1. O Português Angolano

A discussão sobre o português angolano se baseia nas obras de Chavagne (2005), Petter (2008) e Inverno (2009). Primeiro, apresento alguns fatos da sociolinguística do país e, em seguida, descrevo os dados.

4.7.1.1. Os fatos sociolinguísticos

Angola, localizada na costa oeste da África Central, está dividida em 18 províncias, entre elas, Zaire, Luanda e Lunda Norte. Há três principais grupos etnolinguísticos no país: Khoisan, Vátwa e Banto. Khoisan e Vátwa, os grupos mais antigos, são muito pequenos em número (8000 e 6000, respectivamente), espalhados nas províncias do sudeste Huíle e Namibe. A maioria da população pertence ao grupo etnolinguístico Banto, que cobre todo o território de Angola (INVERNO, 2009, p. 3.).

Até o século 19, segundo Petter (2008:36), Angola era uma fornecedora de escravos para Portugal. Somente depois da independência brasileira, Angola passou por um estágio de transição caracterizado por um leve aumento de tentativas de povoamento e acréscimo do interesse dos portugueses pela colonização.

Luanda, por exemplo, foi fundada em 1576 e, durante séculos, poucos portugueses se fixaram na cidade. No início do século 19, menos de um décimo do território era efetivamente ocupado e controlado pelos portugueses (PETTER, 2008, p. 36). O português só alcançou a

atual proporção, contudo, depois da independência de Portugal em 1975 e a constante mudança da população durante a guerra civil que devastou o país até abril de 2012 (INVERNO, 2009, p. 4).

No século 20, os esforços de pacificação e administração do interior de Angola aumentaram. No governo de Salazar, a administração e as políticas de povoamento foram intensificadas. Desde o final do século 19, a população branca de Angola aumentou constantemente e a sua transformação em uma colônia de povoamento tornou-se evidente. Por volta de 1973, a população de origem europeia tinha crescido até 600 mil. Embora ela se concentrasse na área de Luanda e outras cidades importantes, uma densa população branca também era encontrada nos povoamentos agrícolas, aumentando os contatos linguísticos entre os portugueses e angolanos (PETTER, 2008, p. 37).

De acordo com Petter (2008, p. 37-38), até a segunda metade do século 18, a educação ficava a cargo dos jesuítas missionários e, mais tarde, de padres de outras ordens religiosas. A dissolução de ordens religiosas em Portugal, provocada pelos regimes liberal e anticlerical em 1759 e 1834, encerrou as atividades missionárias em Angola. Somente em 1845, os portugueses estabeleceram um sistema coordenado de educação fora de Portugal. Áreas densamente povoadas foram providas de escolas públicas, enquanto nas áreas rurais, a educação era assumida pelas missões cristãs. Apesar disso, as escolas desenvolveram-se lentamente e no nível básico. Em 1921, o ensino de línguas nativas nas missões foi proibido. A maioria das aulas era dada em português e todos os livros em línguas nativas tinham que conter tradução. Dessa forma, o conhecimento da língua portuguesa espalhou-se mais rapidamente entre os africanos.

Atualmente, segundo Inverno (2009, p. 6), a situação sociolinguística em Angola é caracterizada por diglossia generalizada e intenso contato linguístico. O português é falado como língua nativa principalmente pela elite e pela juventude em grandes centros urbanos. Nas áreas rurais do interior do país, a maioria da população continua a usar línguas africanas na vida cotidiana, mesmo que tenha algum grau de proficiência em português, usado como segunda língua (L2). As línguas mais faladas são do grupo Banto, seis delas selecionadas como línguas nacionais no fim dos anos 1970: umbundu, kimbundu, kikongo, cokwe, mbunda-ngangela e ovakwanyama.

No entanto, o contato linguístico em Angola, ainda segundo Inverno (2009, p. 9), não incluiu apenas o contato do português com línguas africanas, mas também o contato com diferentes variedades do português. O português europeu, oral e escrito, é o padrão oficial na Angola, mas os falantes de português no país têm diferentes graus de proficiência na variedade

chamada de “português vernacular angolano” (PA), que é a primeira língua de 26% dos angolanos e a segunda língua de muitos outros.

O curso histórico da colonização em Angola contribuiu para a geração de numerosas variedades de português falado. Excetuando-se a população urbana, que possui um grande número de angolanos monolíngues, falantes de português, a maior parte dos angolanos é multilíngue e usa o português somente na comunicação oral. Eles adquirem o português sem a influência normativa das escolas, o que os leva a utilizar um português simplificado que incorpora características das línguas africanas locais (PETTER, 2008, p. 39).

Além do português europeu padrão, falado principalmente nas cidades, pode-se encontrar a “língua dos musseques”, bairros pobres de Luanda, em que o quimbundo se mescla ao português, sem contar muitas outras variedades mais ou menos pidginizadas de português, encontradas, principalmente, na área rural (*id. ib.*, p. 39).

4.7.1.2. A estrutura do DP e os quantificadores: os dados

Conforme Inverno (2009, p. 83), há duas abordagens para o desenvolvimento do PVA. A primeira é que os traços sincrônicos de PA são remanescentes de um pidgin baseado no português do século 15 usado como língua franca na costa da África até o século 19, que, devido ao crescente contato com o português, se desenvolveu em uma variedade mais próxima da padrão, mas com desvios esporádicos. A hipótese alternativa é a de que o PA nunca sofreu reestruturação completa. Seus traços do tipo crioulo são resultantes de uma deriva natural do português, dialeto transferido para a L1 dos angolanos devido ao multilinguismo e mudança imperfeita da língua no século 20, quando uma população majoritariamente falante de Banto teve que adquirir algum grau de proficiência no português.

A hipótese de Inverno para o desenvolvimento e a estrutura sincrônica do PA em geral é a de *reestruturação parcial*, nos termos de Holm (2004), que acomoda as duas abordagens acima. Para a autora, um indício para a validade dessa hipótese é a similaridade do PA com o PB, isto é, sua retenção de uma porção significativa da morfossintaxe do português europeu (PE), assim como a introdução de traços do substrato e interlínguas, apesar do fato de que, no Brasil, as condições necessárias para a reestruturação parcial estiveram presentes nos primeiros dias da formação, enquanto em Angola, o processo continua ocorrendo, especialmente no interior (*id. ib.*, p. 83).

Desta forma, os traços estruturais do PA contemporâneo são provavelmente o resultado de um processo de mudança linguística imparcial que só começou na primeira metade

do século 20. Como tendências morfossintáticas do PA que o distinguem do PE e o aproximam de variedades do português influenciadas por contato, como o PB e o PM, Inverno (2009, p. 132) aponta a variação na marcação de número e gênero e concordância; o caso e a ordem das palavras de marcadores de pessoa (i.e., pronomes pessoais na GT) e a ordem das palavras de adjetivos possessivos.

Em relação ao sintagma nominal, Inverno afirma que o PA não difere do PE em relação ao número de elementos ou nas categorias gramaticais. Entretanto, a marcação e concordância de número e gênero obedecem a padrões diferentes do PE.

Diferentemente do PE, que exige que todos os nomes variáveis e alvos de concordância sejam marcados por número pela adição do marcador plural {-s} (Cf. Mira Matheus *et al.*, 2003), no PA, o núcleo do sintagma nominal raramente é marcado por número. A pluralidade é geralmente indicada pela adição de {-s} apenas nos elementos mais à esquerda do sintagma nominal:

(114) PA: Estas **duas** mulher_

PE: Estas duas mulheres

(Cabral, 2005:75 *apud* Inverno, 2009, p. 153. Ex. (59).)

(115) PA: o-s meu-s **estudo**_

PE: o-s meu-s estudo-s

(Inverno, 2009, p. 157. Ex. (73).)

Consequentemente, no português vernacular falado em Angola, os elementos não nucleares do sintagma nominal raramente concordam em número com o nome núcleo. O número plural em PA também é tipicamente marcado apenas nos elementos não nucleares do sintagma nominal, enquanto o nome núcleo é deixado não marcado (ocorre na forma singular).

Inverno (2009, p. 158) argumenta que a falta de marcação de número plural e concordância é um traço linguístico que pode ser encontrado principalmente nos falantes L2 de PA. Falantes L1 de PA algumas vezes falham em fazer a concordância de número entre o nome nuclear e seu alvo, mas, na maioria dos casos, eles seguem a norma do PE e marcam número plural no núcleo e em todos os elementos do sintagma nominal.

Os dados de PA analisados por Inverno (*op. cit.*, p. 158) sugerem que, no discurso de falantes L2 desta variedade, o número plural tende a ser sistematicamente marcado exclusivamente por meio de marcadores de concordância nos elementos não nucleares, mas não no núcleo do sintagma nominal, independentemente do número de elementos no sintagma

nominal, a categoria gramatical dos elementos não nucleares, o traço semântico do nome nuclear ou a idade e nível de instrução dos falantes.

Segundo Inverno, a melhor explicação para essas diferenças entre as variedades do português é o contato prolongado com línguas africanas, especialmente as do grupo Banto. Em Cokwe e na maioria das línguas Banto com as quais o português teve contato em Angola, o número é marcado no início do nome por meio de prefixos de número-classe de nome. Além disso, as sílabas tipicamente terminam em vogal. Portanto, aprendendo português, angolanos falantes de Cokwe não interpretam o marcador plural {-s} do português como tal e o marcador é sistematicamente deletado nos empréstimos portugueses ao Cokwe independentemente do final. Número plural é marcado nos empréstimos por meio dos prefixos de classe do Cokwe (INVERNO, 2009, p. 159.).

(116) Cokwe: *_njapela* vs. **ma**-*njapela* (Barbosa, 1989:372)

pocket C6-pocket

‘pocket’ ‘pockets’

(117) Cokwe: *_ngalavanta* vs. **ji**-*ngalavanta* (Martins, 1990:46)

tie C10-tie

‘tie’ ‘ties’

(INVERNO, 2009, p. 159. Ex. (77) e (79).)

Quanto à marcação e concordância de gênero, os dados mostram que, em PA, raramente há concordância entre o nome nuclear e os elementos não nucleares no sintagma nominal; geralmente há discordância entre nomes nucleares (feminino) e elementos não nucleares (masculino) (INVERNO, 2009, p. 164).

A análise de Inverno indica que, no discurso de falantes L2 mais velhos e menos educados de português, parece existir uma tendência similar de uso de elementos não nucleares masculinos com nomes nucleares femininos de tema –a ou atemáticos:

(118) PVD: **o**-s palavra

PE: **a**-s palavra-s

(119) PVD: **todo** família

PE: **toda a** família

(INVERNO, 2009, p. 165. Ex. (92) e (95).)

Logo, não há ausência de concordância de gênero; o que se encontra no sintagma nominal de PA é a ocorrência de concordância variável entre o nome nuclear e seus alvos de concordância. Inverno aponta a emergência de um padrão: nomes que se referem a machos sempre parecem ocorrer com determinantes e modificadores femininos, enquanto nomes que se referem a fêmeas parecem ocorrer com determinantes e modificadores masculinos (INVERNO, 2009, p. 167).

Na visão de Inverno (2009, p. 168), essa discordância sistemática é produto de dois fatores convergentes: um *input* opaco do superestrato e a interferência do substrato. Em Cokwe, as distinções de gênero são codificadas pelo uso de uma raiz nominal significando ‘macho’ ou ‘fêmea’ e apenas quando não podem ser inferidos pelo nome ou pelo contexto. A raiz é diferente dependendo se o nome se refere a humanos, seres animados, pássaros ou coisas. Porém, para nomes referentes a humanos e seres animados masculinos a raiz tipicamente termina em –a, enquanto raízes femininas terminam em –o ou –u.

Essa hipótese de influência do substrato nos padrões de concordância de gênero é reforçada pelo fato de que ocorre apenas em variedades L2 de PA. No discurso de falantes L1, a concordância de gênero parece seguir as mesmas regras de PE (INVERNO, 2009, p. 169).

Assim como Inverno, Chavagne (2005) também descreveu aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais da variedade angolana em relação à variedade europeia. Chavagne analisa um *corpus* oral, formado por entrevistas e gravações de programas de rádio e televisão feitos entre 1992 e 1996, e um *corpus* escrito, constituído de textos literários e jornalísticos. Nos dados coletados pelo autor, o quantificador universal *todo* é registrado com marcas de concordância de número e gênero, preposto ou posposto ao nome, como nos exemplos abaixo:

- (120) Quando faço o meu matutino às manhãs, isso dá-me boa disposição, por isso eu corro *todas as manhãs*. (To16. Chavagne, 2005, p. 28.)
- (121) Enquanto o Chackil eu gosto dele devido o peso o corpo, *essas coisas todas* é que me emocionam e até ali como aposto nele eu duvido também que ele não chegue ao calcanhar do Jordan. (Ch14. Chavagne, 2005, p. 34.)
- (122) Bom, isso depende muito dos sentiment= de cada indivíduo, de ~ da susceptibilidade que ele pode ter em relação a *esses factores todos*. (Lo145-22/232. Chavagne, 2005, p. 119. Ex. 405.)

Quando o quantificador é posposto, contudo, a marca de plural pode aparecer apenas no determinante, como no exemplo a seguir.

- (123) Você chega para lá *os caminhão todo* um dia tão abastecer (Ze53-18/238. Chavagne, 2005, p. 240. Ex. 1261.)

Já o quantificador indefinido *tudo* é encontrado se referindo a sintagmas [-humano], como nos dados abaixo:

- (124) [...] nem estar ali o só João, branco mbora do putu, que com kilápi, fiava *tudo* para pagar depois!!! (Chavagne, 2005, p. 175. Ex. 854.)
- (125) Como o umbundu, fioto, é o kwanyama... Isso *tudo* por aí fora. (Al23. Chavagne, 2005, p. 46.)

Existem, no entanto, ocorrências de *tudo* com referência a sintagmas com traço [+humano]:

- (126) O agente da CIA, o voluntário da Paz, o kwacha (= soldado), *tudo* isso são leopardos. (ANDH p. 79 *apud* Chavagne, 2005, p. 152. Ex. 654.)
- (127) Comigo não há problema. Me dou com bêbados, aliás desculpe o termo, me dou com *tudos*, pronto. (Au20-21/37. Chavagne, 2005, p. 247. Ex. 1312.)

Como visto, o uso do quantificador universal *todo(s)* parece seguir as regras de colocação e concordância da norma europeia. É possível observar, no entanto, semelhanças com o PB, como a ausência de marca de plural quando o quantificador é posposto, como em (126), e casos de *tudo* com traços [+humano], se referindo a pessoas, muito frequente no PB.

4.7.2. O Português Moçambicano

A discussão sobre o português moçambicano (PM) se baseia nas obras de Petter (2008) e Gonçalves (2004), além da análise de dados de fala coletados a partir de um *corpus* organizado por Margarida Petter, tornados disponíveis pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). De início, resumo a situação sociolinguística de Moçambique

e, em seguida, apresento o modelo de aquisição proposto por Gonçalves (2004). Por fim, descrevo os dados.

4.7.2.1. A situação sociolinguística

Moçambique é um país multilíngue com alta diversidade linguística, onde, além do português, a língua oficial, mais de vinte diferentes línguas Banto são faladas. Nenhuma dessas línguas, contudo, é majoritária. O número de falantes da língua mais falada, Emakhuwa, não excede 25% e mais de 60% dessas línguas são faladas por menos de 3% dos falantes de Banto. O português, por sua vez, é atualmente falado como L2 por cerca de 40% dos falantes (GONÇALVES, 2004, p. 229-230).

A comunidade moçambicana de falantes de português se estabeleceu recentemente. Embora a presença do povo português date do fim do século 15, a difusão da língua foi praticamente nula durante os quatro primeiros séculos de colonização, por razões econômicas e culturais. Havia uma resistência cultural das comunidades nativas à presença dos portugueses no país. Além disso, a importância econômica de Moçambique era secundária; até 1752 o país era administrado pela Índia, e não diretamente por Portugal (*id. ib.*, p. 230.).

Conforme Petter (2008, p. 41), Vasco da Gama chegou a Moçambique em 1498, mas, em 1850, os portugueses só ocupam uma ínfima parte do território. A penetração dos portugueses em Moçambique foi muito mais difícil do que em Angola, devido à forte presença islâmica na região. Somente a partir do século XVIII é que a administração moçambicana passa a depender diretamente de Portugal e só em 1886 têm início as campanhas de “pacificação”, por meio das quais Portugal pretendia assegurar sua presença no território.

No século 19, havia menos de 600 europeus e cerca de 2 mil pessoas consideradas assimiladas. Até 1890, só havia uma escola primária em todo o país. A população europeia só aumentou realmente no século 20. É na segunda metade desse século, portanto, que se inicia a colonização maciça do território moçambicano (PETTER, 2008, p. 41.).

Os portugueses concluem a ocupação efetiva de Moçambique em 1918, data que marca o fim das campanhas militares. Na primeira metade do século 20, começam a ser tomadas medidas relevantes para a difusão do português em todo o país: criação do Acto Colonial que rege a relação de Portugal com suas colônias; instituição do “ensino indígena”, que permitia acesso à educação formal em português para as populações locais; surgimento dos primeiros jornais literários em língua portuguesa (*id. ib.*, p. 41.).

No fim dos anos 70, não existia uma comunidade de falantes de português plenamente estabelecida, o que equivale dizer que ainda não estava formada uma variedade “nativizada” dessa língua que estivesse difundida em todo o território moçambicano e que fosse falada por uma comunidade de adultos, “com suas novas propriedades gramaticais estabilizadas” (*id. ib.*, p. 43.).

Lopes *et al.* (2002 *apud* Petter, 2008, p. 43) informam que o “influente grupo que tem o português como língua materna” representa 6,5% da população com idade superior a 5 anos (800 mil moçambicanos); os falantes de português como segunda ou terceira língua constituem pouco mais de 4.880 milhões, representando 39,5% da população com mais de 5 anos.

4.7.2.2. Aquisição e mudança

O Português Moçambicano (PM), conforme Gonçalves (2004, p. 226), é uma variedade não nativa de uma língua ex-colonial tipicamente adquirida como uma segunda língua (L2) pelas crianças, falantes de línguas do grupo Banto como primeira língua (L1), por meio do sistema escolar. Gonçalves afirma que muitos aspectos de PM/L2 que diferem do PE constituem propriedades específicas de uma “nova” variedade africana de português, que pode ser analisada diacronicamente como uma mudança linguística.

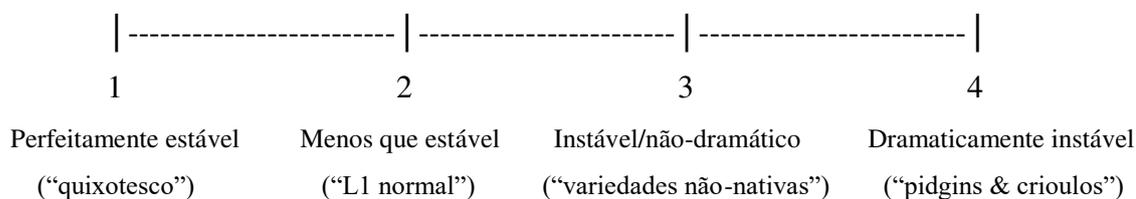
Segundo Bickerton (1988), a autora argumenta que, de uma perspectiva diacrônica, o PM/L2 ocupa uma posição intermediária entre dois casos clássicos de mudança linguística: a mudança gradual L1 e a mudança catastrófica. As variedades não nativas de línguas ex-coloniais emergem de um processo de mudança L2 que, embora seja menos gradual que a mudança L1 (normal), é menos dramática que a crioulição (GONÇALVES, 2004, p. 226).

Para capturar as relações entre essas três instâncias de mudança linguística, Gonçalves se baseia no *continuum* de “classes de cenários de aquisição” de DeGraff (1999) e inclui as variedades não nativas como um novo membro. Esse *continuum*, estabelecido com base na distância topológica entre a gramática atingida e a gramática alvo, inclui desde a escrita “perfeitamente estável” à escrita “dramaticamente instável pidgin e crioulo (P/C)”.

O novo membro proposto por Gonçalves pode ser rotulado como “instável/não dramático”. Como mostra a pesquisa sobre PM/L2, diferente do estágio 2 em que um pequeno número de parâmetros fixados distingue dois estágios da mesma gramática, um importante número de parâmetros fixados distingue a gramática PM/L2 da gramática alvo PE. Por outro lado, diferente do estágio P/C, as gramáticas PM/L2 e PE se sobrepõem em muitos parâmetros

fixados, tornando as diferenças entre as gramáticas atingidas e alvo menos espetaculares do que no estágio dramático P/C (*ib. ib.*, p. 226.).

A proposta de Gonçalves (2004, p. 226) para o *continuum* de cenários de aquisição pode ser esquematizada da seguinte forma:



A hipótese da autora é a de que as diferenças entre esses estágios são apenas “em grau” e não “em tipo”, isto é, as diferenças entre os estágios poderiam ser explicadas por um “grau” de novas fixações paramétricas, que podem surgir em uma sucessão mais rápida (como em 4) ou mais lenta (como em 2), de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos (Gonçalves, 2004, p. 228.).

Gonçalves (2004, p. 229) focaliza os processos relacionados à qualidade do *input* e do “gatilho”, mostrando como o conhecimento das propriedades específicas das línguas Banto, os falantes L1, podem interferir no processamento do *input*, bloqueando o processo de reestruturação da gramática e fazendo surgir uma “nova” gramática.

Os aspectos sócio-históricos que subjazem o processo de aquisição, ou seja, o modelo de colonização adotado em Moçambique associado à resistência cultural da população local, constituem importantes causas para a ausência de contato mais próximo entre os colonizadores portugueses e a população local. Durante o período colonial, e mesmo depois da independência, nas zonas rurais e nos subúrbios das zonas urbanas, as línguas Banto eram transmitidas de geração a geração de modo regular. O português, por sua vez, era geralmente adquirido como uma L2 através do sistema escolar, em um contexto em que os aprendizes L2 eram expostos a *input* bastante estruturado e tinham acesso a materiais escritos (GONÇALVES, 2004, p. 233).

Assim, durante a história da colonização portuguesa de Moçambique, não havia condições sociais nem condições linguísticas favoráveis à emergência de um processo significativo de pidgnização/crioulização, já que o português foi desenvolvido desde o início por meio da educação formal e o *input* para a aquisição desta L2 era bastante homogêneo. O português é, portanto, uma língua predominantemente urbana, tipicamente adquirida como L2

durante a infância na escola e usada em situações cotidianas, que fornecem as condições para a maturação relativa do conhecimento da linguagem dos falantes (GONÇALVES, 2004, p. 233.).

Como apontou a autora, PM é um estágio de uma variação “ainda não estabilizada”, em que a maioria dos falantes usa as construções padrão e não padrão. Como a história do PM é muito recente, a maioria dos seus falantes operam com mais de uma gramática, em um tipo de “diglossia internalizada”, nos termos de Lighfoot (1999), tornando difícil determinar qual gramática gerou as produções em português.

Atualmente, o PM apresenta um conjunto de subvariedades diferentes que podem ser dispostas ao longo de um *continuum* dialetal, da fala não padrão de sujeitos relativamente não educados ao padrão urbano das classes mais altas.

4.7.2.3. Os dados

A descrição dos quantificadores do PM foi feita com base no *corpus* do português falado em Moçambique, organizado por Perpétua Gonçalves e disponibilizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)²⁸. O *corpus* é formado por 40 entrevistas gravadas nos anos de 1986 e 1987.

Nos dados coletados, o quantificador universal *todo(s)* parece seguir as normas do PE, como mostram os exemplos:

(128) [...] quando fosse lá passar férias **toda** a família ficava emocionada...
(DEZ_12_txt_utf8)

(129) [...] entrou antes antes de entrar depois de ter entrado estava também o senhor presidente da república popular de Moçambique e a sua esposa estiveram lá despedir com o tal presidente de cabo verde e fez-se quer dizer uma despedida especial **todo** o avião até lá no fundo pelo menos chegou até onde estive até lá no fundo onde estavam **todos** os alunos [...] (DEZ_12_txt_utf8)

(130) [...] depois no dia seguinte também ficámos lá passámos **todas** as refeições saímos de noite deviam ser dezanove horas dirigimo-nos ao porto de havana [...] (AUG_5_txt_utf8)

(131) [...] capacidade de realizar trabalhos contabilísticos sim eu posso fazer mas isso não era suficiente porque para já o que se quer são provas concretas e o

²⁸ Disponível em: <<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/doc/mozambique.html>>. Acesso em: 06/08/2015.

ministério do trabalho essas coisas **todas** precisa portanto de documentos e isso era difícil [...] (AND_3_txt_utf8)

Nos exemplos acima, o quantificador *todo(s)* concorda em gênero e número com o sintagma nominal a que está associado. Quanto a *tudo*, o quantificador indefinido geralmente tem traço [- humano], significando “todas as coisas”, como os seguintes exemplos:

- (132) durante a nossa estadia lá, comemos bem carne arroz **tudo** quer dizer até um indivíduo esquecer de que [risos] não havia de facto fome disto daquilo... (CHO_9_txt_utf8)
- (133) é necessário que aqui na terra o homem tem que desprezar **tudo** aquilo que é material (SEV_34_txt_utf8)

Em alguns casos, porém, *tudo* ocorre em contextos de uso de *todo(s)*, se referindo a sintagmas nominais com traço [+humano], como nos dados a seguir.

- (134) GAB-17: - tenho três irmãos! um está na rda! outro por infelicidade faleceu na guerra e outro está lá o terceiro está sim / está lá sim eu sou o quarto! significa que
PG: - **tudo** rapazes!
GAB-17 - **tudo** rapazes sim! (GAB_17_txt_utf8)
- (135) MON-27: - matabicho às vezes é só papinhas então era difícil para um aluno acompanhar a matéria lá na escola
PG: - olha e lá no centro não há problemas por causa dos rapazes meninas **tudo** junto não? (MON_27_txt_utf8)

Em alguns contextos, *tudo* e *todo(s)* ocorrem em variação:

- (136) visitámos muito quer dizer aquilo de facto eles sabem claro um problema de que talvez existem mais indivíduos formados para dirigirem e planificarem a economia de facto **tudo** crianças estudam... quase **todos** estudam... (CHO_9_txt_utf8)
- (137) a própria cultura as nossas danças era **tudo** de cabo delgado! todas elas nossas peças de teatro eram **todas** de cabo delgado mesmo... (IDA_19_txt_utf8)

Em suma, no PM, o quantificador *tudo* está em variação com o quantificador *todo(s)*, assim como ocorre no PB. A semelhança entre as variedades torna mais plausível a hipótese de que essas propriedades sejam decorrentes da influência do contato com línguas africanas.

4.8. Considerações finais

Na fala das comunidades quilombolas analisadas, é possível observar uma gradação quanto aos contextos de realização do quantificador *tudo*. Em Milho Verde (MG), Bom Despacho (MG) e Jurussaca (PA), *tudo* é usado como variante do quantificador *todo(s)* em praticamente todos os contextos sintáticos. Em Furnas de Boa Sorte (MS), por outro lado, *tudo* praticamente ocupou o lugar do quantificador *todo(s)*, que aparece apenas em construções cristalizadas.

Sob comparação, o dialeto de Furnas de Boa Sorte está mais próximo do crioulo de Cabo Verde. Neste dialeto, o único quantificador é *tudo*, que funciona como um marcador de plural. Já nas variedades africanas de Moçambique e Angola, o quantificador *tudo* está em variação com o quantificador *todo(s)*, ainda que em contextos mais reduzidos e em menor frequência.

As semelhanças no comportamento de *tudo* nesses dialetos com as variedades africanas do português e o crioulo de Cabo Verde, que também emergiram em uma situação de intenso contato linguístico, permitem afirmar que esse fenômeno é derivado da transferência de padrões e propriedades sintáticas das línguas africanas para o português L2, que se difundiram nas variedades emergentes. A distribuição de *tudo* nessas variedades apresenta uma continuidade, uma sequência em que as diferenças vão se acentuando, desde o estágio em que *tudo* está em variação com *todo(s)*, como nas comunidades quilombolas mineiras, até um estágio em que *tudo* é o único quantificador, como no crioulo de Cabo Verde.

5

As gramáticas de *tudo* no PB e no PAB

No capítulo 2, identifiquei e descrevi duas gramáticas para o quantificador *tudo* no PB, uma considerada restritiva e outra, radical. Neste capítulo, esboço uma análise para as gramáticas de *tudo* no PB e também no PAB, descrito no cap. 4. Na primeira seção, retomo as propriedades de cada gramática do PB. Na segunda seção, apresento as questões que nortearão a análise. A terceira seção é dedicada à proposta de análise e a seção seguinte resume as diferenças entre as gramáticas. Na quinta seção, apresento uma proposta para o PAB e, por fim, seguem as considerações finais.

5.1. As gramáticas de *tudo* no PB

Uma das principais diferenças entre as gramáticas do quantificador *tudo* é a possibilidade de ocorrência de *tudo* pré-nominal na posição de sujeito, considerada agramatical nos trabalhos abordados, mas encontrada nos dados coletados e aceita por cerca de 20% dos falantes. A existência de duas gramáticas diferentes explicaria esse contraste. A primeira dessas gramáticas, correspondente à sintaxe descrita na literatura, é mais restritiva, enquanto a segunda é mais radical.

5.1.1. A gramática restritiva

Na gramática restritiva, a construção com *tudo* associado a DPs na configuração [tudo DP] na posição de sujeito oracional, como em (1), é agramatical:

(1) *Tudo as coisa é cara.

Essa restrição também ocorre na posição de objeto:

(2) *Meu irmão comeu tudo os pão.

A ordem [DP tudo], entretanto, é gramatical, tanto na posição de sujeito, em (3), quanto na posição de objeto, em (4):

(3) Os aluno tudo reprovaram na prova.

(4) Meu pai pintou o portão *tudo*.

A posição pós-verbal do quantificador é gramatical com verbos de ligação, como em (5), mas não com outros verbos, como em (6):

(5) As empregadas tão tudo de folga.

(6) a. *Os vizinho chegou tudo.

b. *As menina dançou tudo.

c. *As crianças comeram tudo o bolo.

Em síntese, na gramática restritiva, quando *tudo* é associado a um DP, as possíveis posições para o quantificador são as seguintes:

(7) a. (*Tudo) os vizinho (tudo) chegou (*tudo).

b. (*Tudo) as menina (tudo) dançaram (*tudo) na festa (*tudo).

c. (*Tudo) as crianças (tudo) comeram (*tudo) o bolo (*tudo).

d. As crianças comeram (*tudo) os pão (tudo).

A flutuação de *tudo* não é permitida em sentenças com verbos inacusativos e inergativos, como mostram (7a) e (7b), respectivamente. Em (7c), a proibição do quantificador na posição de objeto está relacionada ao escopo: *tudo* se refere ao objeto bolo (o bolo inteiro), e não às crianças. Em (7d), a posição pré-nominal na posição de objeto é agramatical assim como na posição de sujeito.

Nesta gramática, portanto, o comportamento de *tudo* é diferente do quantificador universal *todos*, como podemos comparar nos exemplos apresentados por Vicente (2006):

(8) a. (Todas) as meninas (todas) telefonaram (todas).

b. (Todos) os pacotes (todos) chegaram (todos).

c. (Todos) os convidados (todos) comeram (todos) o bolo.

- d. (Todos) os documentos (todos) foram (todos) enviados (todos).
- e. A criança pegou (todos) os brinquedos (todos).

(VICENTE, 2006, p. 2. Ex.(4)-(8).)

Em relação às sentenças com *tudo* associado a NP, ao contrário do que ocorre com o quantificador *todo*, em (9), a única construção possível na gramática restritiva é aquela em que o quantificador ocupa a posição pós-verbal, em (10):

- (9) a. Todo blogueiro é babaca.
- b. *Blogueiro é todo babaca.
- c. *Blogueiro todo é babaca.
- (10) a. *Tudo blogueiro é babaca.
- b. Blogueiro é tudo babaca.
- c. *Blogueiro tudo é babaca

Na gramática restritiva, o quantificador *tudo* também tem uma função adverbial, com sentido de intensificador, como ilustrado abaixo:

- (11) Minha mãe xingou tudo o guarda.

A interpretação em (11) não é a de que minha mãe xingou o guarda inteiro, mas sim que xingou muito o guarda. Nesse caso, *tudo* pós-verbal se comporta como um intensificador do verbo e tem o sentido de *muito, completamente*.

Resumindo, na gramática restritiva, *tudo* é um quantificador adnominal que só pode ocupar a posição pós-nominal e não pode flutuar, bem como um modificador de evento aparecendo em posição pós-verbal.

Veremos, na próxima seção, que as propriedades da gramática radical são diferentes.

5.1.2. A gramática radical

Diferentemente da gramática restritiva, na gramática radical, *tudo* pode ocorrer na ordem [tudo DP] tanto na posição de sujeito, em (12a), como na posição de objeto, em (12b):

- (12) a. Tudo as coisa é cara.
 b. Meu irmão comeu tudo os pão.

Além disso, a ordem [DP tudo] também ocorre na posição de sujeito, em (13a) e na posição de objeto, em (13b):

- (13) a. Os lixeiro tudo tá em greve.
 b. Meu vizinho quebrou os portão tudo.

Nesta gramática, a ordem pós-verbal é gramatical tanto com verbos de ligação, em (14), quanto com verbos inergativos e inacusativos, em (15):

- (14) Os lixeiro tá tudo em greve.
 (15) a. Os vizinho chegou tudo.
 b. As meninas viajaram tudo.

As possíveis posições de *tudo* na gramática radical são mostradas em (16):

- (16) a. (Tudo) os vizinho (tudo) chegou (tudo).
 b. (Tudo) as menina (tudo) dançaram (tudo) na festa (tudo).
 c. (Tudo) as crianças (tudo) comeram (tudo) a torta (tudo).
 d. As crianças comeram (tudo) os pão (tudo).

Nesta gramática, como se vê, *tudo* é um quantificador adnominal sem restrições quanto à posição e que pode flutuar. Na gramática radical, portanto, *tudo* associado a DPs se comporta exatamente como o quantificador *todos*, conforme os exemplos de Vicente (2006), em (17):

- (17) a. (Todas) as meninas (todas) telefonaram (todas).
 b. (Todos) os pacotes (todos) chegaram (todos).
 c. (Todos) os convidados (todos) comeram (todos) o bolo.
 d. (Todos) os documentos (todos) foram (todos) enviados (todos).
 e. A criança pegou (todos) os brinquedos (todos).

(VICENTE, 2006, p. 2. Ex. (4)-(8).)

Nas sentenças genéricas, quando o material quantificado é um nome nu, o comportamento de *tudo* é mais liberal do que a versão flexionada:

- (18) a. Todo manifestante é vagabundo.
 b. *Manifestante todo é vagabundo.
 c. *Manifestante é todo vagabundo.
- (19) a. Tudo manifestante é vagabundo.
 b. Manifestante tudo é vagabundo.
 c. Manifestante é tudo vagabundo.

A sentença em (19c) é idêntica às sentenças genéricas da gramática restritiva, em (10b) acima, e (19a) é semelhante à sentença com o quantificador adnominal *todo* em (18a), mas *tudo* na posição pós-nominal em (19b) não é possível com *todo*.

Assim como na gramática restritiva, *tudo* também se comporta como um elemento adverbial na gramática radical, como em (11), repetida aqui em (20):

- (20) Minha mãe xingou tudo o guarda. (*tudo* = muito, completamente)

Em suma, na gramática radical, *tudo* é um quantificador adnominal como *todos*, sem restrição de posição. Além disso, também se comporta como um modificador de evento.

5.2. Questões

Descrito o conjunto de fenômenos que caracterizam as duas gramáticas, surgem algumas questões:

- (i) Qual é a natureza sintática de *tudo* nas duas gramáticas? Ou seja, qual é sua categoria e sua relação com o sintagma que ele modifica/quantifica?
- (ii) Qual é a razão das restrições encontradas na gramática restritiva: ordem [tudo DP] e ausência de flutuação (com exceção das orações com verbos de ligação)?
- (iii) Qual é a diferença entre as duas gramáticas?

Essas perguntas serão discutidas nas próximas seções, com base nas análises propostas no cap. 1.

5.3. O estatuto sintático de *tudo* no PB

Nas duas gramáticas, *tudo* tem as mesmas funções – uma associada ao sintagma nominal e outra associada ao evento, que considerarei expressa no vP –, mas se comporta de forma diferente.

5.3.1. *Tudo* na gramática restritiva

Na gramática restritiva, a distribuição de *tudo* não é a mesma do quantificador universal *todos*, como já observaram Godoy (2005) e Cançado (2006), entre outros:

- (21) a. Todos os alunos
 b. Os alunos todos
- (22) a. *Tudo os aluno(s)
 b. Os aluno(s) tudo

Como a posição pré-nominal não é permitida a *tudo* nesta gramática, não é plausível assumir que (22b) seja derivada de (22a), isto é, que *tudo* seja um núcleo que seleciona um DP e permite movimento do associado nominal para gerar a ordem [DP tudo], como sugere a análise de Lacerda (2012). Uma hipótese mais provável é a de que (22b) não é uma estrutura de complementação, como geralmente se assume para o quantificador *todo(s)*, mas uma construção de adjunção, como propõe Sedrins (2011).

Sedrins (*op. cit.*) assume que *tudo* seleciona um pronome nulo, na esteira do que propõem Doetjes (1997) e Fitzpatrick (2006), e projeta um QP que é adjungido do nome (ver cap. 1). A estrutura é dada em (23):

- (23) [QP tudo [DP *pro*]]

Assim, *tudo* se comportaria como um sintagma quantificacional completo, um quantificador “puro”, sem um componente nominal que sirva de domínio de quantificação,

como sugeriram Godoy (2005) e Caçado (2006). Essa é a mesma estrutura que Raposo *et al.* (2014) atribuem para a forma *todos* isoladamente, como em (24):

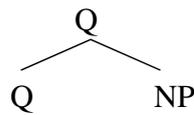
(24) Estavam *todos* cheios de fome, esperando pelas sardinhas que nunca mais vinham.

(RAPOSO *et al.*, 2014, p. 896. Ex. (13a).)

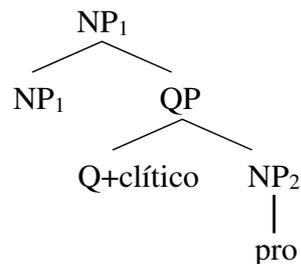
Em (24), *todos* se combina com um pronome nulo, caracterizado pelo traço [+humano], só que se trata de um pronome nulo que determina o domínio de quantificação.

A estrutura proposta por Sedrins (*op. cit.*) é baseada na análise de Benmamoun (1999) para o árabe, que propõe as seguintes estruturas para as duas possíveis ordens do quantificador *kull* ‘todos’:

(25) a. [Q NP]



b. [NP Q]



(BENMAMOUN, 1999, p. 636. Ex. (40).)

Benmamoun adota duas construções diferentes pelo fato de as duas ordens apresentarem propriedades distintas quanto ao Caso do NP e a concordância entre Q e NP. Na ordem [Q NP], em que o quantificador é o núcleo de QP que seleciona um complemento, o Caso de NP é sempre genitivo e a concordância é parcial (não há morfema de número no verbo), como em (26a). Já na ordem [NP Q], em que o quantificador é adjunto do nome, o Caso do NP varia de acordo com o núcleo que rege a projeção contendo o NP e a concordância é completa (o verbo apresenta morfema de número), em (26b):

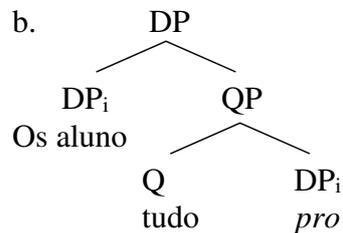
(26) a. kull-u ʔ-ʔullaab-i ʒaaʔ-uu
 all-NOM the-students-GEN come.PAST-3MP
 ‘Todos os estudantes vieram.’

- b. $\text{t-}\check{\text{t}}\text{ullaab-u}$ kull-u-hum $\check{\text{z}}\text{aa}\text{?}\text{-uu}$
 the-students-NOM all-NOM-them come.PAST-3MP
 ‘Os estudantes todos vieram.’

(BENMAMOUN, 1999, p. 623, 626. Ex. (4a), (11a).)

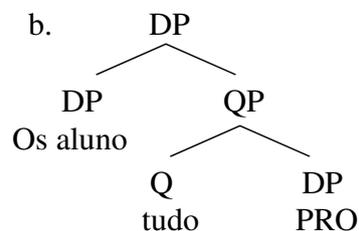
Na análise de Sedrins, *tudo* concorda com o pronome nulo que seleciona. Nesse caso, o pronome nulo complemento de Q é coindexado com o DP, como na estrutura em (27):

- (27) a. [DP [DP Os aluno] [QP tudo [*pro*]]



O padrão de comportamento de *tudo* no PB, porém, é exatamente o contrário do que ocorre no árabe: a ausência de concordância entre quantificador e associado nominal só é possível na ordem [DP Q]. Além de assumir que o pronome é coindexado ao seu antecedente nominal dentro de sua categoria de regência, o que violaria o princípio de ligação, essa análise não explica a ausência de flutuação na gramática restritiva. Assim, considero mais vantajoso assumir que a categoria vazia selecionada pelo quantificador *tudo* é um PRO, uma categoria sem regência e relacionada ao antecedente por controle (cf. Chomsky, 1981). A estrutura do sintagma quantificado em (22a) acima é dada em (28):

- (28) a. [DP [DP Os aluno] [QP tudo [PRO]]



A presença de PRO explicaria a impossibilidade de sentenças como (6b), repetida em (29):

- (29) *As menina dançou tudo.

A agramaticalidade de (29) é explicada pela teoria de fases (cf. Chomsky, 2008). Em uma sentença com verbo inergativo, PRO não pode ser controlado pelo sujeito porque vP é uma fase forte, que bloqueia o controle.

(30) *_{[TP [DP as menina]_i dançou_j [_{vP} [_{t_i} [_{QP} tudo [PRO]] _{t_j]]]}}

Isso explica porque *tudo* é permitido em posição pós-verbal em sentenças com verbos de ligação como *ser* e *estar* são permitidas nessa gramática: nesses casos, não há uma projeção vP que bloqueie o controle de PRO pelo sujeito.

(31) _{[TP [DP As empregadas]_i tão_j [_{vP} _{t_i} [_{QP} tudo [PRO]]] _{t_j} [_{PP} de folga].}

A relação entre o sintagma nominal e o quantificador é dada pelo controle. A sentença então é interpretada como todas as empregadas estão de folga.

Essa análise tem um problema, entretanto, pois prevê que a gramaticalidade de *tudo* pós-verbal em todas as sentenças sem vP. Não é o que ocorre em construções com verbos inacusativos como (6a), repetida abaixo:

(32) *Os vizinho chegou tudo.

Esse problema pode ser solucionado assumindo que verbos inacusativos também têm estatuto de fase, como propõe Legate (2003). Assim, a agramaticalidade de (32) é explicada pelo bloqueio de controle de PRO pelo sujeito.

Ainda é preciso discutir as sentenças como em que *tudo* tem um sentido de intensificador, como (11), repetida em (33):

(33) Minha mãe xingou tudo o guarda.

Em (33), *tudo* modifica o verbo *xingar*; a interpretação é a de que a mãe xingou muito o guarda. Nesses casos, *tudo* é um advérbio adjungido ao vP, como mostra a derivação em (34):

- (34) a. [TP [VP [QP tudo] [VP [DP minha mãe] v' [VP xingar [DP [o guarda]]]]]]
 b. [TP xingou_i [VP [QP tudo] [VP [DP minha mãe] v' [VP t_i [DP o guarda]]]]]
 c. [TP [DP minha mãe]_j xingou_i [VP [QP tudo] [VP t_j [VP t_i [DP o guarda]]]]]

Quanto às sentenças genéricas com nomes nus, na gramática restritiva, o quantificador só pode ocorrer em posição pós-verbal, como (10b), repetida abaixo:

- (35) Blogueiro é tudo babaca.

Em (35), *tudo* é gerado adjungido ao sintagma nominal, que se move para ocupar a posição de sujeito da sentença, como mostra a derivação a seguir:

- (36) a. [TP [VP ser [SC [DP [DP blogueiro] [QP tudo [PRO]]] [babaca]]]]
 b. [TP é_i [VP t_i [SC [DP [DP blogueiro] [QP tudo [PRO]]] [babaca]]]]
 c. [TP [blogueiro]_j é_i [VP t_i [QP tudo [PRO]] [VP [SC t_j [babaca]]]]]

Assim como na sentença em (31), VP não bloqueia o controle de PRO pelo sujeito.

Em suma, na gramática restritiva, *tudo* é quantificador que seleciona uma categoria vazia PRO que precisa de um controlador local. *Tudo* também funciona como um advérbio de intensificação.

5.3.2. *Tudo* na gramática radical

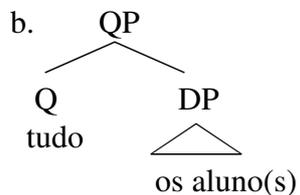
Na gramática radical, *tudo* tem o mesmo comportamento do quantificador universal plural:

- (37) a. Todos os alunos
 b. Os alunos todos
 (38) a. Tudo os aluno(s)
 b. Os aluno(s) tudo

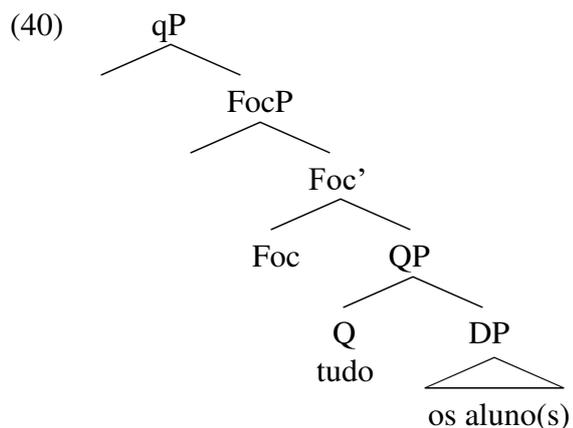
Nesta gramática, *tudo* seleciona um DP, como o quantificador *todo(s)*, e pode flutuar. Assim, a ordem [Q DP] (38a) é uma estrutura de complementação: *tudo* é um núcleo

que seleciona um complemento lexical, e não um pronome nulo como na gramática restritiva. O sintagma quantificado em (38a) tem a seguinte estrutura:

(39) a. Tudo os aluno(s)

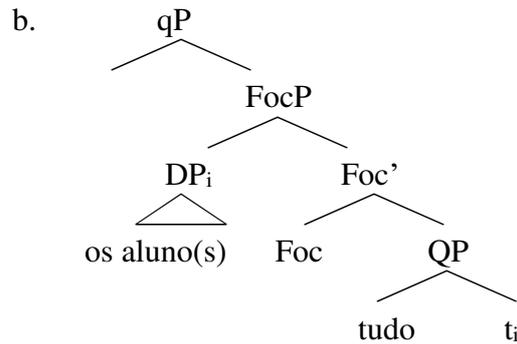


Adaptando a proposta de Lacerda (2012) para o quantificador *tudo(s)*, assumo que o quantificador projeta uma camada informacional de tópico/foco, que está relacionada à derivação da ordem [DP Q] e a flutuação. Se o quantificador for selecionado do léxico sem um traço de foco, os elementos permanecem na posição em que são gerados, como na estrutura abaixo:



Se o quantificador possuir um traço de foco, o sintagma nominal deve se mover obrigatoriamente para [Spec,FocP], derivando a ordem [DP Q]:

(41) a. Os aluno(s) tudo



Após esse movimento interno ao qP, o DP pode se mover para posições mais altas, deixando o quantificador encalhado:

(42) [TP [DP Os aluno]_i viajaram]_j [vP [qP [FocP t_i][QP tudo t_i]] t_j]]

Quanto às sentenças genéricas em (19), repetidas em (43), assumo que nomes nus são DPs plenos com D vazio (SCHMITT & MUNN, 2003), logo, *tudo* se comporta como o quantificador *todo(s)*.

(43) a. Tudo manifestante é vagabundo.

b. Manifestante tudo é vagabundo.

c. Manifestante é tudo vagabundo.

A estrutura de (43a) é dada em (44):

(44) [TP [qP tudo [DP manifestante]]]_i é]_j [VP [SC t_i [AdjP vagabundo]]]]].

Em (43b), a ordem [DP Q] é dada por movimento interno ao qP:

(45) [TP [qP [DP manifestante]_k [FocP tudo t_k]]]_i é]_j [VP t_j [SC t_i [AdjP vagabundo]]]]].

Em (43c), o quantificador fica na posição de base depois do movimento de DP:

(46) [TP [DP manifestante]_k é]_j [VP t_j [SC [qP t_k [FocP tudo t_k]] [AdjP vagabundo]]]]].

Nesta gramática, *tudo* também se comporta como um intensificador de verbo, como (33) acima. Aqui também *tudo* é um advérbio adjungido ao sintagma verbal, como na gramática restritiva.

Em resumo, na gramática radical, *tudo* é um quantificador universal que pode flutuar e também funciona como um advérbio.

5.4. As diferenças entre as duas gramáticas

As duas gramáticas de *tudo* diferem em três aspectos: (i) o complemento selecionado pelo quantificador, (ii) a possibilidade de flutuação e (iii) a colocação do quantificador nas sentenças genéricas.

Quanto ao primeiro aspecto, na gramática restritiva, *tudo* seleciona como complemento uma categoria vazia PRO que precisa de um controlador local. O quantificador é um adjunto do sintagma nominal, que desempenha a função de antecedente e controlador de PRO. Na gramática radical, por outro lado, *tudo* seleciona um DP lexical; o quantificador e o associado nominal são gerados como um constituinte, assim como o quantificador universal *todo(s)*. A estrutura proposta para a gramática radical é dada em (47a); (47b) representa a estrutura da gramática radical:

(47) a. [_{DP} [_{DP} OS meninos] [_{QP} tudo [_{PRO}]]

b. [_{QP} tudo [_{DP} OS meninos]]

Em relação ao segundo aspecto, não há flutuação na gramática restritiva; *tudo* é um adjunto do nome e ocorre em posição pós-nominal. O fato do complemento do quantificador ser um PRO requer uma relação de localidade com o antecedente nominal. Assim, *tudo* só é possível na posição pós-verbal em sentenças com verbos de ligação porque não há projeção de vP que bloqueie o controle da categoria vazia. Nos outros casos em que o quantificador ocorre na posição pós-verbal, *tudo* é um advérbio adjungido ao sintagma verbal. Já na gramática radical, em que *tudo* e o associado são gerados como um constituinte, a flutuação do quantificador é resultado de movimento. O movimento interno do DP permite a derivação da ordem [DP Q] e, quando o DP se move para posições mais altas, o quantificador fica encaixado na posição em que é gerado.

No que diz respeito às sentenças genéricas, a única posição possível para o quantificador na gramática restritiva é pós-verbal. O quantificador é gerado como adjunto do

nome e fica na posição de base quando o nome se move para a posição de sujeito da sentença. Na gramática radical, por sua vez, *tudo* se comporta exatamente como nas outras sentenças, podendo gerar as duas ordens e flutuar.

5.5. A(s) gramática(s) de *tudo* no PAB

A análise das variedades afro-brasileiras estudadas (ver cap. 4) faz emergir uma gradação quanto à concordância nominal e verbal e a variação entre os quantificadores *tudo* e *todo(s)*: desde os dialetos com morfologia rica, em que *tudo* é restrito a poucos contextos, semelhantes à gramática restritiva do PB, aos dialetos com morfologia pobre, em que *tudo* é praticamente o único quantificador, como no crioulo de Cabo Verde.

Nos dialetos das comunidades mineiras de Bom Despacho e Milho Verde, que apresentam variação no número e na flexão de verbo, o quantificador *tudo* aparece em apenas alguns contextos, na posição pós-nominal e pós-verbal:

(48) os homi **tudo** olha... sabe que é as perna... (Bom Despacho – MG)

(49) os defuntos tão tudo rico (Milho Verde – MG)

Nesses dialetos, a sintaxe de *tudo* é semelhante à gramática restritiva: o quantificador é modificador adjungido ao nome e tem como complemento uma categoria vazia. Assim, a estrutura de (48) é dada em (50):

(50) [TP [DP [DP OS homi] [QP tudo [PRO]]]_i olha_j [VP t_i t_j]]

No caso da sentença predicativa com verbo de ligação, em (49), o DP se move para ocupar a posição de sujeito e o quantificador fica na posição em que é gerado:

(51) [TP [DP OS defuntos]_i tão_j [VP t_j [SC [DP t_i [QP tudo [PRO]]] [AdjP rico]]]]

A relação entre o quantificador e o associado nominal é dada por controle de PRO, assim como na gramática restritiva do PB.

Já nas comunidades de Jurussaca (PA) e Furnas de Boa Sorte (MS), os dialetos falados apresentam morfologia pobre e *tudo* ocupa todos os contextos do quantificador *todo(s)*:

- (52) a. vendeu tudo as madeira... (Jurussaca – PA)
 b. essas estrada tudo era caminho do inferno.
 c. os rancho era tudo por debaixo dos mato

- (53) a. Agora tudo as coisa é caru... (Furnas de B. Sorte – MS)
 b. A fiarada isparramô tudu...

A sintaxe de *tudo* nesses dialetos é a mesma encontrada na gramática radical do PB: *tudo* é um quantificador que seleciona um sintagma nominal (com ou sem determinante). Desta forma, o quantificador pode aparecer tanto na ordem [Q DP], em (54), quanto na ordem [DP Q], por movimento do associado nominal, em (55):

(54) vendeu [_{qP} [_{FocP} [_{QP} tudo [_{DP} as madeira]]]].

(55) [_{qP} [_{DP} essas estrada]_i [_{FocP} tudo_j [_{QP} t_i t_j]]] era caminho do inferno.

Em construções flutuantes como as de (53b), o quantificador fica encalhado quando o associado nominal se move para posições mais altas, como acontece na gramática radical (ver exemplo (42) acima).

Há dois pontos interessantes nesses dialetos no que diz respeito à variação *todo(s)/tudo*. Na fala de Jurussaca, a ocorrência de *tudo* é superior à de *todo(s)* em algumas construções, como o quantificador sozinho e na posição pós-verbal (flutuante). Já na comunidade sul-mato-grossense, *tudo* é o quantificador predominante, muito próximo do que ocorre no crioulo de Cabo Verde.

5.6. Considerações finais

O PB e o PAB apresentam similaridades quanto à sintaxe do quantificador *tudo*. Nas duas variedades, há duas gramáticas envolvidas na variação *todo(s)/tudo*: uma restritiva e outra radical, que se distinguem pela propriedade de seleção do quantificador. Na gramática restritiva, *tudo* seleciona uma categoria vazia PRO, que precisa ser obrigatoriamente controlado por um antecedente local. O sintagma quantificado é um adjunto do nome e a relação com o associado é dada por controle. Isso explica a distribuição e a ausência de flutuação nessa gramática (exceto para os verbos de ligação).

Na gramática radical, por outro lado, *tudo* é um quantificador universal que seleciona como complemento um sintagma nominal lexical e pode flutuar. A ordem [DP Q] e a flutuação são derivadas por movimento, acionado por um traço de foco no quantificador.

Conclusão

Nesta tese, apresentei uma descrição dos aspectos sintáticos e semânticos do quantificador *tudo* no PB, em contextos de uso do quantificador universal *todo(s)*. Propus que há duas gramáticas envolvidas no fenômeno de variação *todo(s)/tudo*, que se diferenciam pelo complemento selecionado pelo quantificador. Na gramática restritiva, *tudo* seleciona uma categoria vazia PRO, enquanto na gramática radical, *tudo* seleciona um sintagma nominal lexical e pode flutuar. Assumir a existência de duas gramáticas permite explicar a distribuição do quantificador e solucionar divergências quanto a agramaticalidade de sentenças encontradas na literatura.

De uma perspectiva diacrônica, mostrei a evolução dos quantificadores *tudo* e *todo(s)* em textos históricos do português europeu do século 16 ao 19, período que engloba o português médio e o PE. Nos dados, ambos os quantificadores ocorrem na configuração [Q DP], mas, no caso do quantificador *tudo*, não se trata das mesmas construções encontradas no PB, pois o sintagma nominal associado tem sentido indefinido, não referencial. Essas construções são muito comuns no século 16 e diminuem no PE, ao passo que aumentam as restritivas *tudo o que*. Mas é importante destacar que, no português médio, o quantificador *tudo* já ocorria em sentenças com sintagmas nominais com determinante e também fazia referência a pessoas, com traço semântico [+humano]. Portanto, as condições necessárias para a emergência do fenômeno de variação em questão já estavam presentes nesse período.

Nos dados históricos da variedade brasileira, na passagem do século 19 para o 20, há um aumento das construções com *tudo* associado a pronome demonstrativo e sentenças na configuração [DP tudo], contexto favorável à ausência de marcação de plural na fala, como em *os meninos todo*. Esse é o mesmo contexto em que *tudo* ocorre na gramática restritiva do PB. Embora a falta de concordância nominal e verbal seja um aspecto favorável à ocorrência da variação em estudo, só isso não explica o uso de *tudo* nesses contextos.

A hipótese defendida é a de que essa variação seja efeito de contato linguístico com línguas africanas, possivelmente do grupo Banto. A existência desse fenômeno em dialetos afro-brasileiros e em variedades africanas do português, desenvolvidos em situações sociolinguísticas parecidas, além da semelhança com o crioulo de Cabo Verde, reforça a ideia de que essa variação tenha se desenvolvido pelo contato de línguas africanas com o português médio, que originou o português brasileiro.

Assim, as gramáticas de *tudo* são derivadas da formação de variedades não nativas com diferentes graus de influência das línguas de substrato. A gramática radical teria surgido a partir de um contato mais veloz e isolado, enquanto a gramática restritiva seria resultado de uma eclosão de contato de longa duração, em que *tudo* passou a invadir o espaço de *todo(s)*.

A análise de dados de comunidades afro-brasileiras mostrou que o comportamento sintático de *tudo* nesses dialetos apresenta similaridades com o PB. Identifiquei uma gradação quanto à ocorrência de *tudo*: nos dialetos mineiros, a gramática de *tudo* é semelhante à gramática restritiva do PB, em que o quantificador se restringe à posição pós-nominal e à posição pós-verbal em sentenças predicativas. Já no dialeto de Jurussaca (PA), *tudo* aparece em variação com *todo(s)* nos mesmos contextos, em alguns casos, em frequência maior do que a versão flexionada. O caso de Furnas de Boa Sorte (MS) é significativo. Na fala dos moradores dessa comunidade, *tudo* é o quantificador predominante; o quantificador *todo(s)* praticamente só ocorre em expressões cristalizadas. Esse dialeto é o que mais se aproxima do crioulo de Cabo Verde, uma língua de morfologia pobre em que o único quantificador é *tudo*.

Desta forma, é possível identificar uma linha contínua quanto à distribuição de *tudo* no português. No português brasileiro padrão, não há variação na concordância nominal e verbal e os quantificadores *tudo* e *todo(s)* ocorrem em contextos distintos. No PB restritivo, assim como nas comunidades quilombolas mineiras, há variação na flexão de número e de verbo e *tudo* ocupa contextos específicos do quantificador *todo(s)*. Já no PB radical e na comunidade de Jurussaca, a ausência de concordância nominal e verbal é sistemática e *tudo* ocupa todos os contextos da variante flexionada. O crioulo de Cabo Verde, língua pobre em morfologia e que só apresenta o quantificador *tudo*, é o último estágio nesse *continuum*. O dialeto de Furnas de Boa Sorte estaria em um estágio intermediário entre o PB radical e o crioulo.

Em suma, as variedades não nativas analisadas apresentam aspectos semelhantes no que diz respeito ao quantificador *tudo*, o que permite afirmar que a variação em questão é produto de diferentes situações de contato com o português e corrobora a existência de um *continuum* afro-brasileiro do português.

Referências

- ALEXANDRE, N.; SOARES, N.V. O domínio nominal em Crioulo de Cabo Verde: o puzzle dos bare nouns. In: XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. *Anais*. Lisboa: APL, 2004. p. 337-350.
- ALI, M. Said. *Grammatica histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ANDRADE, A. L. de. *A subida de clíticos em português: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. 2010. 330 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- ANDRADE FILHO, J. B. de. *Variação Linguística: o caso de Furnas da Boa Sorte*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas – MS, 2007.
- AVELAR, J. & GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, M. D. & SIBALDO, M. A. (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Maceió: Edufal, 2013. p. 103-132.
- BAPTISTA, M. On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean Creole. In: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (Ed.). *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*. John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 61-105.
- BARBOSA, A. et al. *Corpus diacrônico do Rio de Janeiro: cartas pessoais – séculos XVIII-XIX*. Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC-CNPq/ Labor-Histórico, 2003 (versão eletrônica).
- BENMAMOUN, E. The syntax of quantifiers and quantifier float. In: *Linguistic Inquiry*, 30. 1999. p. 621-642.
- BOBALJIK, J. D. Floating quantifiers are adverbs. In: _____. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. Ph.D. Dissertation. MIT, Cambridge, Mass, 1995. p. 193-250.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. e PETTER, M. (org.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo, Contexto, 2008. p. 15-62.
- BOŠKOVIĆ, Ž. Be careful where you float your quantifiers. In: *Natural language & Linguistic theory*, 22. 2004. p. 681-742.
- CANÇADO, M. “O quantificador *tudo* no PB”. In: *Revista Letras*, n. 70. Curitiba: Editora UFPR, 2006. p.157-182.
- CARDINALETTI, A.; GIUSTI, G. *Partitive ne and the QP-Hypothesis: a case study*. Ms., University of Venice. Distributed by Centro Linguistico Interfacoltà as University of Venice

Working papers in Linguistics 4, 1991 [1989].

CASTILHO, C. M. M. Quantificadores indefinidos. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. II: Classes de palavras e processos de construção. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008. p.137-155.

CASTRO, Y. P. de. O português do Brasil, uma introdução nessa história. In: GALVES, C.; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (ed.) *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009. p. 175-184.

CHAVAGNE, Jean-Pierre. *La langue portugaise d'Angola*. Étude des écarts par rapport à la norme euroéenne du portugais. Tese (Doutorado). Université Lumière Lyon 2, 2005.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 75-114, 357-428.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *On phases*. 2008. In: R. Freiden *et al.* (ed.) *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2008. p. 89-155.

CYRINO, S.; RIBEIRO, I. A estrutura do DP no crioulo de Cabo Verde e no PB de afro-descendentes. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 84, jul./dez. 2011. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 169-195.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. p. 370-381.

DOETJES, J. S. *Quantifiers and selection: on the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. Dissertation. Leiden University, HAG, The Hague. 1997.

FIGUEIREDO, C. F. G. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Amoxarife, São Tomé*. v. 1. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Macau, 2010.

FITZPATRICK, J. *The syntactic and semantic roots on floating quantification*. Doctoral Dissertation, Cambridge: MIT. 2006.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C.; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from classical to modern european portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. In: *Journal of portuguese linguistics*, 4. 2005. p. 39-67.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: A. Endruschat R. kemmler e B. Schäfer-Prieß (Org.): *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchronie*

- und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.
- GODOY, L. A. G. A palavra *tudo* como quantificador universal puro no Português Brasileiro. Monografia. Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- GONÇALVES, P. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. In: *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 19:2. 2004. p. 225-259.
- GROHMANN, Kleanthes K. *Prolific peripheries*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- _____. Anti-locality: too-close relations in grammar. In: BOECKX, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 260–290.
- INVERNO, L. C. C. *Angola's transition to Vernacular Portuguese*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra. 2005.
- KAYNE, R. “The leftward movement of Tout/Tous”. In: _____. *French syntax*. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, and London, England, 1975. p. 1-65.
- KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do. Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação de quantificadores. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1996. v. 4.
- LACERDA, R. *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2012. 138 p.
- LEGATE, J. A. Some interface properties of the phase. In: *Linguistic Inquiry*, 34. 2003. p. 506–516.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LUCCHESI, D. “O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil”. In RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.) *Português brasileiro, contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2003. p. 272-282.
- MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editora Caminho, 1983. p. 115, 421-423.
- MIRANDA, W. O sintagma nominal no caboverdiano. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, 15(1), p. 67-81, jan./jun. 2013.
- MÜLLER, A. L. de P.; NEGRÃO, E. V.; GOMES, A. P. Q. “Todo” em contextos coletivos e distributivos. In.: *D.E.L.T.A.*, 23:1, 2007. p. 71-95.

- NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. In: *Linguística*, 30 (2). Dezembro de 2014. p. 289-330.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia). Lisboa: Clássica Editora, 1960.
- NEVES, M. H. M. A quantificação e a indefinição. In: _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 510-585.
- OLIVEIRA, D. M. de. *Tudo: multifuncionalidade e definitude*. Florianópolis, 2006. 155 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- PETTER, M. O *continuum* afro-brasileiro do português. In: GALVES, C; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Org.) *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. p. 159-174.
- _____. *Variedades linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 211 p.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. In: *Revista Letras*, n. 61, p. 191-210, 2003.
- PUSKAS, G. Floating quantifiers: what they can tell us about the syntax and semantics of quantifiers. In: *Generative Grammar in Geneva (GG@G)*, v. 3. 2002. p. 105-128.
- QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros de Tabatinga*. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998.
- RAPOSO, E. et al. (org.) *Gramática do português*. v. 1. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 717-790.
- RICKFORD, J. R. et al. Intensive and quotative all: something old, something new. In: *American Speech*, v. 82, n. 1, Spring 2007. p. 3-31.
- SCHMITT, C.; MUNN, A. The syntax and semantics of bare arguments in brazilian portuguese. In: *Linguistic Variation Yearbook* 2, 2003. p. 185-216.
- SEDRINS, A. P. A posição do quantificador TODOS no sintagma nominal do português brasileiro. In: BORBA, Valquíria C. M.; CARVALHO, Maria Leônia Garcia da Costa; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. (Org.). *Contribuições para a pesquisa em linguística nas diferentes áreas: partilhando reflexões e resultados*. Maceió: Edufal, 2009. p. 151-173.
- SHLONSKY, U. Quantifiers as heads: a study of quantifier float in Hebrew. In: *Língua*, 84. 1991. p. 159-180.

SPORTICHE, D. “A theory of floating quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure”. In: *Linguistic Inquiry*, 19, 3. 1988. p. 425-449.

TEYSSIER, P. *Manuel de langue portugaise* (Portugal – Brésil). Paris: Éditions Klincksieck, 1976. p. 132-133.

VICENTE, H. S. G. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. 2006. 170 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

VICENTE, H. S. G.; GOMES, A. P. Q. Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador todo. *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. v. 9, n. 1, junho de 2013. p. 112-132.

VITRAL, L.; RAMOS, J. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. In:_____. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006. p. 29-38.

Anexo A

Corpus oral

Os dados de fala espontânea, constituídos por sentenças ditas/ouvidas em situações cotidianas, são transcritos abaixo:

Minha família mora tudo ali.

Ele mandou um abraço pra vocês tudo.

Já escovou os dentinho tudo?

Eles tão tudo fofinho.

Cês tão pisando tudo nos brinquedo.

To pagando os pecado tudo e mais um pouco.

Acho que de tudo esses programa novo que estrearam esse é o melhor.

Ele desligou a minha luz sendo que eu tava com as conta tudo paga.

As menina são tudo no mesmo ritmo.

Vai bombar na internet tudo.

Minhas toalha tão tudo manchada.

O futebol atrai tudo essa paixão de todo mundo.

Ele tá tudo esfolado.

Não temo culpa que o seu Otávio enganou a gente tudo.

Eles perderam tudo a sua plantação de maracujá.

Anexo B

Testes de aceitabilidade e interpretação

Teste I: *tudo* no PB

Parte I

Nesta primeira parte do experimento, você vai ouvir uma frase e então assinalar a opção que melhor represente o que você acha dela. Você pode escolher se você fala esta sentença, se você só ouve frases desse tipo ou se você fala e ouve as pessoas dizerem frases como esta.

(1) Agora tudo as coisa é cara.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(2) Os alunos foram tudo reprovado.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(3) Os menino correu tudo.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(4) Jogador tudo gosta de mulher loura.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(5) Respeito é bom e todo mundo gosta.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(6) Os médicos tão tudo atrasado.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(7) Os vizinho chegou tudo.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(8) As crianças comeram tudo os pão.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(9) Os problema foram resolvido tudo.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

(10) Tudo as meninas usam saia curta.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

- (11) As baleias encalharam tudo.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (12) As criança comeram tudo que tinha no prato.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (13) As meninas viajaram tudo.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (14) Minha mãe guardou tudas compra do mercado.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (15) O menino pegou o vidro de esmalte e pintou o chão tudo.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (16) Eu comprei tudos livro no sebo.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (17) Fã gosta de saber tudo da vida do ídolo.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.
- (18) Os aluno tudo invadiram a reitoria.
 ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

Parte II

Nesta parte, você vai ouvir três frases e escolher aquela(s) que você acha melhor(es). Você pode escolher uma ou mais alternativas.

- (1) Já peguei tudo os lenço de papel.
 Já peguei os lenço de papel tudo.
 Já peguei os lenços tudo de papel.
- (2) ela convidou nós tudo pra festa
 ela convidou tudo nós pra festa
- (3) O futebol atrai tudo essa paixão de todo mundo.
 O futebol atrai essa paixão tudo de todo mundo.
- (4) Floriculturas hoje tão tudo cheia. (Hoje é dia das mães)
 Floriculturas tudo hoje tão cheia.
 Floriculturas hoje tão cheia tudo.
- (5) cês são tudo louco.
 cês tudo são louco.
 tudo cês são louco.

- (6) () Eles perderam tudo a plantação de maracujá deles.
 () Eles perderam a plantação de maracujá deles tudo.
 () Eles perderam a plantação de maracujá tudo deles.
- (7) () Eu erro eles tudo
 () Eu erro tudo eles
- (8) () Ele mandou um abraço pra vocês tudo.
 () Ele mandou um abraço pra tudo vocês.
- (9) () Japonês tudo tem cara de vendedor de pastel.
 () Tudo japonês tem cara de vendedor de pastel.
 () Japonês tem tudo cara de vendedor de pastel.

Parte III

Aqui, você vai ouvir uma frase e escolher a(s) alternativa(s) que representa(m) a situação descrita por ela. Você pode escolher as duas alternativas.

- (1) Os menino tudo compraram um carro.
 () Todos os meninos compraram um único carro. (coletiva – todos os meninos)
 () Cada menino comprou um carro diferente. (distributiva – cada menino)
- (2) As criança comeram tudo o bolo.
 () Todas as crianças comeram o bolo. (coletiva – todas as crianças)
 () As crianças comeram o bolo inteiro. (adverbial – *completamente*)
- (3) Já lavei tudo a louça.
 () lavei a totalidade das louças que havia na pia. (tudo = totalidade)
 () lavei as louças bem lavadas. (tudo = intensidade)
- (4) Leram a revista tudo os aluno.
 () Todos os alunos leram a revista.
 () Os alunos leram a revista inteira.
- (5) Jogaram o refrigerante tudo fora.
 () Há várias garrafas de refrigerante e foram todas jogadas fora.
 () Há uma garrafa de refrigerante e jogaram fora o conteúdo inteiro.
- (6) As criança tudo tão dormindo em um quarto.
 () Todas as crianças estão dormindo em um único quarto.
 () As crianças estão dormindo cada uma em um quarto.
- (7) As baleia encalharam na praia tudo.

as baleias encalharam na praia inteira.

todas as baleias encalharam na praia.

(8) Dobrei a roupa tudo.

dobrei a totalidade de roupas que havia na cama.

dobrei as roupas bem dobradas/completamente.

(9) Minhas toalha tão tudo manchada.

todas as toalhas que eu tenho estão manchadas.

as toalhas que eu acabei de lavar ficaram completamente manchadas.

Parte IV

1. Qual é a sua idade?

2. Onde você mora?

3. Qual é o seu nível de escolaridade?

Teste II: tudo no português brasileiro

Parte I

Nesta primeira parte do experimento, você vai ouvir uma frase e então assinalar a opção que melhor represente o que você acha dela. Você pode escolher se você fala esta sentença, se você só ouve frases desse tipo ou se você fala e ouve as pessoas dizerem frases como esta.

1. Tudo as coisa é cara.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

2. Tudo as roupas são novas.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

3. Agora tudo as criança usa computador.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

4. Hoje tudo as meninas bebem muito.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

5. Eu gosto de assistir essas novela tudo.

ouço e falo. ouço, mas não falo. não ouço e não falo.

6. Eu parei de ver tudo essas série.

- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
7. Meu irmão comeu tudo os pão.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
8. Meu vizinho quebrou os portão tudo.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
9. Ontem eu gravei a novela tudo.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
10. Semana passada a globo reprisou tudo a série.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
11. Os alunos *tudo* reprovaram na prova.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
12. Os alunos tão *tudo* atrasado.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
13. Os lixeiro *tudo* tá em greve.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
14. Os médico tá *tudo* de plantão.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
15. Os guris comeram *tudo* o pão.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
16. Meu pai pintou o portão *tudo*.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
17. As meninas *tudo* dançaram na festa.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
18. As empregadas tão *tudo* de folga hoje.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
19. As meninas da minha sala ontem *tudo* foram no show de forró.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.
20. Minhas amigas da minha idade hoje *tudo* tão casada.
- () ouço e falo. () ouço, mas não falo. () não ouço e não falo.

Parte II

Aqui, você vai ouvir uma frase e escolher a(s) alternativa(s) que representa(m) a situação descrita por ela. Você pode escolher as duas alternativas. Mas se você achar que a

interpretação não é adequada ou se você não fala sentenças desse tipo, pode selecionar a alternativa “não se aplica/não falo”.

(i) Leitura coletiva vs. distributiva

(1) As meninas tudo carregaram o bolo.

Todas as meninas carregaram um único bolo. (coletivo)

Cada menina carregou um bolo diferente. (distributivo)

não se aplica/não falo.

(2) Os meninos tudo rabiscaram a mochila.

Todos os meninos rabiscaram a mesma mochila. (coletivo)

Cada menino rabiscou a sua própria mochila. (distributivo)

não se aplica/não falo.

(3) Os colegas tudo assinaram a carta.

Todos os colegas assinaram a mesma carta. (coletivo)

Cada colega assinou uma carta diferente. (distributivo)

não se aplica/não falo.

(4) As crianças tudo -tão construindo um brinquedo.

Todas as crianças estão construindo um brinquedo juntas.

Cada criança está construindo seu próprio brinquedo.

não se aplica/não falo.

(5) Os estudantes tudo receberam um prêmio.

Todos os estudantes receberam o mesmo prêmio. (coletivo)

Cada estudante recebeu um prêmio diferente. (distributivo)

não se aplica/não falo.

(ii) Advérbio vs. quantificador

(1) Meus documentos –tão tudo manchados.

Todos os meus documentos estão manchados.

Os documentos estão completamente manchados.

não se aplica/não falo.

(2) Jogaram o refrigerante tudo fora.

Há várias garrafas de refrigerante e foram todas jogadas fora.

- () Há uma garrafa de refrigerante e jogaram fora o conteúdo inteiro.
- () não se aplica/não falo.

(3) Minha mãe xingou tudo o guarda.

- () Minha mãe xingou muito o guarda.
- () Minha mãe xingou todos os guardas.
- () não se aplica/não falo.

(4) Dormimos tudo errado essa noite.

- () Dormimos muito mal essa noite.
- () Todos nós dormimos mal essa noite.
- () não se aplica/não falo.

(5) A torcida do time adversário agora tudo ficou revoltada.

- () Toda a torcida ficou revoltada.
- () Alguns torcedores ficaram muito revoltados.
- () não se aplica/não falo.

(6) Eu to tudo arranhada.

- () Meu corpo inteiro está arranhado.
- () Eu estou muito arranhada.
- () não se aplica/não falo.

Anexo C

Fonte dos dados históricos

Os dados diacrônicos do português europeu analisados no capítulo 3 foram coletados dos textos listados abaixo. As obras são citadas de acordo com o ano de nascimento do autor; além do título, editora e ano de edição, são indicados os números de referência do texto no *Corpus Tycho Brahe*.

Gandavo, Pero Magalhães de (1502). *História da Província de Santa Cruz*. Lisboa: oficina de António Gonsalves, 1576. (G_008)

Mendes Pinto, Fernão. (1510) *Perigração*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1984. (P_001)

Couto, Diogo do. (1542) *Décadas*. v. 1. Lisboa: Sá da Costa, 1947. (C_007)

Sousa, Frei Luís de. (1556) *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1984. (S_001)

Galhegos, M. (1597). *Gazeta*. Lisboa, Oficina de Lourenço de Anueres. (G_001)

Vieira, António. (1608c) *Sermões*. Porto: Livraria Chardron & Lello & Irmão Editores, 1907. (V_004)

Céu, Maria do. (1658) *Vida e Morte da Madre Elenna da Crus*. Lisboa: Quimera, 1993. (C_002)

Barros, André de. (1675) *Vida do Apostólico Padre António Vieira*. Lisboa: Officina Sylviana, 1746. (B_001)

Cavaleiro de Oliveira, Francisco Xavier. (1702) *Cartas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982. (C_001)

Aires, Matias. (1705) *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1980. (A_001)

M.^{esa} de Alorna (1750). *Inéditos. Cartas e Outros Escritos*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941. (A_004)

Costa, J.D. Rodrigues da (1757). *Entremezes de Cordel*. Editorial Estampa - Serra Nova, 1973. (C_005)

Garrett, J.B.S.L. de Almeida (1799). *Teatro*. Lisboa, Empreza da Historia de Portugal - Sociedade Editora, 1904. (G_004)

M.^{es} de Alorna (1802). *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1926. (A_003)

Branco, Camilo Castelo (1826). *Maria Moisés*. Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998. (B_005)

Ortigão, Ramalho (1836). *Cartas a Emília*. Lisboa: Lisóptima Edições & Biblioteca Nacional, 1993. (O_001)

Anexo D

Corpora do português afro-brasileiro (PAB)

1. Comunidade quilombola Furnas de Boa Sorte (MS)

(i) *Tudo*

CARREGANU **TUDU** QUE É DI CUMÊ DENDU CARRU...
TUDU DENDU CARRU DI BOI
 I TÁ CRIANU GALINHA PORCU **TUDU** AI...
 TA **TUDU** TRANQUILO...
 TÁ **TUDU** TRANQUILU AI...
 AGORA PARÔ DI **TUDO** PUQUE ELI MACHUCÔ...
 I JÁ DECHÔ **TUDU** ARRUMADU...
 COMPRO US VISTUARIU PRA ELA CALÇADU **TUDU** NÉ...
 MIDI I REALIZÁ **TUDU**...
 MAIS **AQUI TUDO** É BOA SORTI...=
 CUÍA **TUDO** U MANTIMENTU
 DEPOIS QUI ELA CASÔ **TUDU** AS FIA ELA FOI CANANU CADA VEIS MAIS VÉ MAIS
 VELHA FICAN DUANTI...
 AGORA **TUDU** AS COISA É CARU...
 QUI MEU PAI ERA... CHAMADU PA **TUDU** CANT
 DEXO US **FII TUDO** CRIADU GRAÇAS A DEUS...
 E A MINHA MÃI COMPRO **AS COISA TUDU**... DA CASA I...
MEUS IRMÃO TUDU... NUNCA ELI FALO NADA DESSI...
 MINHA MÃI NUN LEVAVA **TUDU** PA ROÇA
 MININA MUIÉ ERA UNHAS... NUN IA **TUDU** PA ROÇA...
 INTÃO TEU ISPÍRITU TÁ **TUDO** AI IN REDÓ DELA AI NÉ ...
 I TÃO **TUDU** AI...
 AI JÁ TAVA **TUDU GRANDI** NÉ...
 AS MININA DELA JÁ TAVA **TUDU GRANDI**...

UMA VEIS NOS CORTEMU **TUDU**...
 NOS TRABAIAVA **TUDU** JUNTU NÉ TUDU UNIDU NAS LAVORA NÉ...
 A FIARADA ISPARRAMÔ **TUDU**...
 SI TINHA UM PEDAÇU MOIAVA **TUDU** I ERA U PANU...

(ii) *Todo(s)*

TODU MUNDU FOI IMBORA...
 PUQUE U MEU PAI... SI U SINHOR CUNHISSISSI ELI... SINHO PUDIA BEM CONTÁ
 PA **TODU MUNDU** QUI QUI ERA AQUELI VEI...
 FALU PA **TODU MUNDU**...
 AGORA DIA DIZENOV I DIS QUI VAI VIM... GORQUINHU ISAMINA **TODU MUNDU**...
 TRABALHAVA U **DIA TODU**

2. Comunidade quilombola Bom Despacho (MG)

(i) *Tudo*

CIRC4: ...ININT de **tudo** quanto é jeito.

INF 1: Está **tudo** ININT, né, ININT levantou ele ININT pra brincá.

INF: E quem pegá a cartilha pode lê, pode aprendê **tudo** nela aí ó...

INF: É... **tudo** português.

INF: Aí exprica **tudo**...

INF: Ih, mas fala de **tudo**, pe'si di vê. A gente fica sentado aqui na porta, acerto **tudo**.

já tava bem esperto, **tudo** que falava eles dava atenção [a] **tudinho**... conversava **tudo** direitinho...

E esse aqui **tudo** era mato. **Tudo** arrodado de apideiro,

e era pra contar **tudo** o que o homem tinha na casa que foi do tempo dos escravo dos cativoiro...

Falei “vamo uai, eu conto **tudo** pro'cês

DONA FIOTA - As ferramenta do homem, **tudo**...

DONA FIOTA - ... **tudo, tudo**... tava **tudo** firmado sabe...

INF: é isso é muito bão boba nossas cartilha tem **tudo** falando

INF: ...**tudo** escrito ININT

“Não, que isso! Nói’ larga **tudo** arrumadinho...

Tinha lobo, tinha onça, tinha **tudo** o quanto era bicho

INF 1: ... eu num sei bem a história não, mas sei que **tudo** começa aqui, né Iara?

INF 1: ININT essa cruz ININT calçaro **tudo**...

INF 1: ININT o tipo aqui ó... ININT ali ó... [nes] lugar aqui ININT só tem aqui ININT má tá **tudo** fechado ó.

INF: então é assim, isso **tudo** eu falo, né,

INF: pra... os alunos né...saberem **tudo** direitinho aí e...esses casos assim...

INF:... **tudo** é [candamboia].

INF: É do catopê, **tudo** isso é de catopê.

INF: ...e **tudo** né e **tudo**, tem bateria né...

INF: ...e tudo, bate e aquilo enche mesmo e fica bonito né? E tudo...ritmado né?

INF: ...né, fica **tudo**...enfestado. Tanto que eles cantam...quase **tudo** fala “marinheiro” ININT.

INF: Então essas coisas assim **tudo**...

INF: Tem alguma coisa assim... é, então... na segunda... dá feriado na segunda... igual nesse ano deu feriado na segunda... num lembro se foi...se dia quinze foi segunda, acho que foi... mas a cidade não para não...**tudo**... só algumas... algumas que dança o reinado...

INF: Eu tinha.. tinha...quando morei lá no bairro ININT no Rio, tinha uma republica uns... uns dez pessoas de locais diferentes, da marinha, do exército, da aeronáutica, [alguns serviram comigo] então a gente... o cuete ia conversando aqui...eu o ININT e mais uns dois... tinha vez que a gente conversava no dialeto daqui...foi com... [**tudo**] de brincadeira pra confundir eles...

INF: Teve aulas e tudo e... valendo notas

...eu lembro que a gente...vários de nós...brancos, morenos, negros...**tudo** conversava dessas coisa

Eles tava **tudo**... pro... matuaba, né, ...os canambora tava viajando **tudo**..

A propaganda também tá **tudo** ININT ficou bonita demais ININT

É... **tudo** cuete ocora.

INF1: tá ou num tá Dé?... as ocaia tá **tudo** bom...

Eles ficaro **tudo** curioso... Povo **tudo** fardado... mas é lindo...

Eh... mas aí tinha...que a gente saia...que [eles] morava lá... **tudo** misturado, quando eles vinha pro centro da cidade tinha preconceito de andá com o pessoal.

Não... eu tô... eu... eu tô com... com o... com os [baguinario] **tudo** ruim, quando eu vô injirá eu faço um bobo ali eu caio...

Ó... ele tá com... c’os badalo **tudo** doeno...

Aí tem um... tipo um desfile dos corte **tudo**..

os homi **tudo** olha... sabe que é as perna... os negão **tudo** fazia isso.

INF: Nada meu nome é fora, tudo é Dona Fiota, o fim do mundo **tudo** é Dona Fiota,

...aí o patrão vinha mais e gritava: “o cuete do conjolo avura”. Qué dizê, o patrão, o dono, o rico e esse... **tudo** começava a agir as coisas... p’ a podê o patrão não batê, essas coisa.

INF: É... reparte demais pra escola **todos** aqui...

(ii) *Todo(s)*

INF 2: É ói, vô querê **tudo** caxa ingura.

INF 1: **tudo** dia, **tudo** dia, nós pegava um canambora, todo dia...

INF 1: **Toda** noite um canambora...entendeu né?

INF 2: como é que você num caxa granjão **tudo** domingo, cuete?

pode me procura... pedi por vocês lá....**tudo** tipo de documento...”

INF1: Como é que cê num caxa granjão **tudo** domingo?

INF 2: ININT de **tudo** jeito, né?

INF 1: ININT pra compará avura sô? 'Té... **toda** vez que caça 'ocê cê tá tirano ué.

Todo dia... **tudo** dia [nóis] pegava um Canambora... **tudo** dia.

INF 2: **Toda** noite canambora, entendeu, né?

INF: graças a Deus... **tudo** domingo...

INF: É. **Todo** ano eles tem esse reinado.

INF: ... **toda** noite nós [tava indo] na casa de minha mãe, minha mãe ensinava nós...

Todo mundo quis trabaiá...

Vai vê [era o que] ela aprendeu, [porque] minha mãe tava falano [pra mim] a... ensiná vocês, pro cês saí comigo saí viajano aí por **tudo** lugar que nós for..

INF:....E **toda** noite, eu ia pra casa dela

E **toda** chuva que dava, nós ficava em pé, chovendo e moiando nós

Nós fizemo o rancho barreado aí o povo daqui viu nós fazeno aquilo e **tudo** mundo queria fazer um rancho.

INF: e nois andava quase **toda** semana nois tava andando

eu chamo Maria Aparecida da Silva Martins mas **tudo** mundo me conhece por Paré

INF: Mas Paré **tudo** mundo sabe, assim, aqui na Tabatinga **tudo** mundo fala

INF: Quando eles tavam trabalhando lá e paravam tava **tudo** mundo parado, ai **tudo** mundo começava a mexê,

INF 1: A vantagem do interior é essa... **todo** mundo conhece **todo** [mundo]

INF 1: É, **todo** mundo já sabe que é...

INF 1: dexo'vê o que mai'... ingura é dinheiro, conjolo... de... de.. de ingura é banco, né, **todo** mundo fala: “Ah vô [vô caxá ingura]... [Vô no conjolo caxá ingura.]” Aí **todo** mundo sabe.

INF1: é... aí cê fala e **todo** mundo já sabe que cê vai comê.

INF 1: ... não é igual congada aqui, né, que reúne **todo** mundo.

A gente tá rindo **todo** mundo mas assim, já fica meio receoso de falá.

INF 1: Aí junta **todo** mundo né INT

INF: aí **todo** mundo sabe que eu vô bebê uma pinga.. **todo** mundo sabe que ela é do rolo...

ININT é o [ocaia de cuxipe], **todo** mundo sabe que... que ela... ela é... ela é enrolada, sabe

INF: relógio é... ININT [do tempo], **todo** mundo sabe que é o relógio... [urumi] de tempo.

Os policiais ia lá matava **todo** mundo... .fica **todo** mundo botano medo...

INF: ...aqui **todo** mundo sabe alguma coisa. Aí **todo** mundo toma sentido.

Aí eu passei a... **toda** vez que eles me escolhiam eu [falava: “Luciano eu quero ININT”]

Eu falei “Não estudei em faculdade, só vivi no Rio de Janeiro e... português, espanhol, gente de **todo** tipo”

INF: E pra eles como já... **todo** mundo sabe... num dá muito ININT

INF: **Todo** mundo sabe...igual o... o leite que pôs o nome de leite Maverero... é... tem os diretores tem o pessoal da cooperativa que foi e criou...

INF: E o...o ritmo deles é mar...é marcha ININT e nunca vi outro ritmo, é completamente diferente de **todos** os ritmos.

INF 2: Vasculhô o cara de **todo** o jeito, lá...

A Grobo pelejô comigo pra mim viajá cum el's pá **todos** estado dando entrevista... nessa language...

INF: O dia **todo** eles.. eles para...cada dia eles para umas seis e meia sete da noite...

INF 2: ... Oi... o... o cuete que tá aqui ó, tem... o negócio dele é... chegá aqui, ela caxa ingura nele **todinho**...

CIRC 3: Tá entregando o ouro **todinho**.

o negó'dele é... chega aqui ela caxa a ingura dele **todinha**,

INF: tu... já tá **toda** arrumadinha...

3. Comunidade quilombola Milho Verde (MG)

(i) *Tudo*

...e **tudo** é que perto da casa do meu irmão Crispim ali tem,
o alicerce da casa, ta **tudo** lá essa aí eu... ieu cheguei ver o alicerce vi **tudo** com a casa era
grandona então muitas pessoa achou até que tinha muita jóia guardada lá, né,
...e aí nós faz a nossa festa aí tem lelão tem **tudo** né
...é **tudo** [meio tinta] lá dentro do cemitério { Risos }
“Ah eu sei **tudo** aqui.”
Palmital fora aqui ó Palmitá é... é... é... é... ININT **tudo**...
(fazia todo tipo de serviço que precisava fazer...) de roça, de **tudo**, de **tudo**...
Foi construído por nós... **tudo** na cabeça... num vinha carro aqui não, minha filha
então essa dona é que fez **tudo** pra nós,
.... e **tudo** passa... ... é... **tudo** passa...
Eu entendo de **tudo**, pra **tudo** Deus ajuda.
Então isso é, isso **tudo** causava.
A lavadêra de roupa veio pra **tudo** lavá é. [...] tem que lavá e depois tem que estende **tudo** bem
estendidinho que tem que abrí **tudo** bem abridinho,
quem sabia **tudo** era ele então ele conto por isso...
Brasília **tudo** ININT.
e que o aluguel come **tudo**.
Tudo era encantado, mandá.
...os companhêro dele que ele tinha posto dento **tudo**, se eu mandá,
comeu **tudo** e os dois e... o... o... ININT o saco, jogô o osso velho e a rolha velha,
uai, mas passei isso **tudo** pra ‘ocê,
Isso **tudo** é caso que minha vó contava.
Tudo é... zona urbana já tá afetado.
Onde eu... Eu sempre faço parte...Eh... **Tudo** são as minhas participação, quer ver... de vida, de
escola pra cima ah... eh... de **tudo**, pra pudê come...começá
Santo André, Piraporinha, Diadema, Rudge Ramo, aquilo **tudo** eu conheço aquilo de a pé.
E... eu num quero cantá mais e... porque **tudo** em vem ficando a gente é uma decadência, porque
ieu fui lesado através com uma música do catopé..

Sou um pouco conhecedor dos vissungos, mas estamos em decadência, em extinção, está **tudo** difícil de ensinar e aprender, já sinto **tudo** perdido.

Vai **tudo** de mão beijada pro mundo afora, né?

Corrê atrás, em cima de **tudo**, as música, os cântico, o aniforme, **tudo** nosso feito com as unha...

Tem hora que eu fico achando que até... [que é] perigoso até de acabar ININT **tudo** num tem... é **tudo**... é... é... distribuidora...

chegar roupa e **tudo** sem ganhar nada

Saia briga e **tudo** mas nós continuemos estudando

Agora ieu não, eu era limpeza, **tudo**.

depois corre ferro **tudo** e tal”.

Essas [terra] tudo vem na cabeça, ó

Só que **esses sobrinhos meus tudo** ainda vai pra aula...

.aonde vai o preto vai **o branco tudo** é por debaixo da terra mesmo [muié]...

os defuntos hoje já saem **tudo** dentro de carro

O resto já **tudo** já uns morrero otros largaro ou desistiro, ou tão aí pelejando pra ver se.. força ININT luta

os defuntos tão **tudo** rico

os amigo dele tá... tá **tudo** assim,

e sei fala poesia sei faze **os gesto tu...tudo** NE

Deus ININT já fez **os trem tudo**.

Andava na cadeira de roda e tinha uma ferida grande na perna aí que que faz a dona tinha a empregada de lava lavadeira de roupa de roupa e **os esparadapo tudo** que punha na perna dela punha na bacia separada

já tava com **meus fio tudo** arrumado quando ela chegô de lá da cooperativa, **minhas coisa tudo** arrumada e...

o povo fica **tudo emocionado** de vê ele falando...

nós chegava da escola **tudo moiado**

Co' remédio **tudo certo**, com o médico ta me ensinano, agora ele tá terminano, que deide de casa...

ieu fui encarregado da firma, ieu fui, ieu fui um grande líder de **tudo momento** lá dentro, eu entendo de **raça tudo**

igual meus fiilho também, né... são.... são quatro deles, vão embora **tudo**.

ININT **tudo** vai embora... (os filhos)

e hoje foi **tudo** embora, vai passar recurso né?

se ieu mandá, quando ININT **tudo** comeno,

(ii) *Todo(s)*

então o seguinte é esse... a religião {tosse} não são **todas** uma só aqui não

Aí esse ININT comeu... comê **tudo**... comeu tudo e os dois e... o... o... ININT o saco, jogô o osso velho e a rolha velha,

A penêra cabaça que ele serrô, a ca... pênêra cabaça... então foi cobra, carangonço, pá nele, [mordêro] **tudo**... mordêro **tudo**, matô ele, e... e... ele morreu. Pronto.

...**todos** são meus parente. São parente é, essa direção em vem tanto na... na linguagem com catopê e no vissungo **todos** são meu parente.

subia lá em cima no palco pra fala poesia porque **toda** a vida eu tive uma voz muito boa

Aí **tudo** o dia essa bacininha tava lá com esses se esses esparadrapo dessa véia pra mim pode lavá

Agora outra coisa por ter estrada de carro por **tudo** o lado

...então essa não teve como amançá ela porque **toda** fazenda que ela chegava que eles queria fazê ela de escrava ela não consegui ficar nela não.

Toda parte que eu vou chego ser [Boninho], o prefeito, o vice-prefeito INTERRU

não, eu, eu tenho muita gente lá em São Paulo, **toda** hora eu lembro de lá

aí **tudo** ano nós faz assim nossa festa aí graças a Deus e fica um lugar animado...

. ...muito bom né vêm as pessoas de fora que já acostumô **tudo** ano de vim pra, pra nossa festinha aqui fica um lugar muito animado {risos}

o pessoal que lavá esses esparadapo **tudo** dia,

Não...faz é que eu falo **tudo** dia [a gente] tem que fazê...[aqui] faz bem pra saúde

“Vai. Escuta pr’ocê vê, ele vai chegá aqui na cata, ele vem... ele num vem aqui **tudo** dia?”

Tinha um... um... um padinho... ele tem ININT, mandá, e o ‘fiado dele ia **tudo** dia buscá esmola... trabalhador muito bom que ele era... fazia **tudo serviço** que precisasse fazer.

agora tem caixão tem ININT de **tudo** preço...

Belo horizonte, São Paulo... **tudo** lado...

lavava nossa roupa **toda** cheia de lama

Ela **toda** [aguentiada] ne... e... enxugô o pé dele.

ele ficava **tudo** assim sem olha po... povo

...passava essa estrada **toda** aqui ó...

Agora, quando ele... ele vai... a sinhá dele depois ainda pôs uma muxiba, [uma pele] no feijão preto, [ieu mandá], e aí... e aí... zap... e... e... espirrô nos pêto dos amigo dele **todo**...

... os amigo dele ININT tentaro **todo** levantá da mesa,

Morei de setenta e dois a setenta e nove. Saí, tinha meus pais **todos**, saí, falei com pai: “Oh pai eu quero ir em São Paulo trabalhá nem que seja uns sete meses lá na galeria, lá no bar.”

Nosso Deus não sabe o qué que [fazem comigo] e aí é **todo** mundo ali em supermercado gostei do [olhar] delas que é muito ININT já [casou] **todo** mundo?

O...o...que nós necessitamo, dexa o asfalto chegar não pra prejudicar aqui dentro, que aqui dentro da rua cê... [combloquete], mas deixa o asfalto chegar é... é... um transporte fácil e rápido pra **todo** mundo sair...

E o mais é a simpridade do povo aqui que **todo** mundo ah... quando é... que a senhora conversar com adulto, a senhora conversa com qualquer... ah... cri...criança aqui, **todo** mundo eh...a conversa simples e sabe di... dirigir qualquer pessoa.

Todo mundo vem aí, né...

Aí ele tá pedino que... no pé do morro pega mais pesado, quem vai que... tirá uma música limpa, **todo** mundo já uni pra ele... se ele... é... observá que o morro é p'os mais novo que os véio tá fraco. E dá a força pra **todo** mundo. Né?

... esse conhecimento que tenho, esse conhecimento é que a gente, **todo** mundo tem que erguê a cabeça e ir em cima mesmo, porque hoje em dia o que pensar no mundo existe.

É...porque hoje em dia **todo** mundo num tem...num ganha nada então fica achando...

No sábado é assim, sai aquela turma e fica sastisfeito e quando é no domingo até que ta ININT e some **todo** mundo e deixa a gente ININT só c'os mais velho só...

4. Comunidade quilombola Jurussaca (PA)

(i) *Tudo*

Não...não tem. É a comunidade que... que coordena, que faz **tudo**, né..

É porque de **tudo** tem que... diz que de **tudo** existe na onde é... remanescente de quilombo, né. Tem pajé, tem parteira, tem **tudo**. {risos}

Mas, quando [aí] soube... que foi descoberto que era quilombola, já fomo lutá pelo título quilombola mesmo da terra, **tudo**, da área.

Ele comprô o... um motor de uma qualidade muito ruim, [sabe]? [Prata]... **tudo** foi... assim..

Logo aí [escangalhô] ININT **tudinho**, o material.

tudo de madeira ININT.

É, ia mudá... mas **tudo** com o tempo foi difícil assim pra gente.

Vem... ININT sopa, tem feijão, ININT... [macarrão], arroz... **tudo** tem.

toda semente **tudo** foi ela que trouxe...

adubação... canteiro... **tudo** foi feito e não nasceu

mas que eles querem pegar **tudo**...mas eles tão pensando que vai vir dinheiro pra... manter eles de **tudo**...

muito ainda assim que não tinha escola assim de da quinta série, assim sexta série, em Tracuateu já tinha mais os pais não tinham conhecimento, né, pra gente ir pra lá e era **tudo** mesmo muito atrasada a comunidade aqui,

nesses caminho que passava por aqui, tinha um esses lago que tinha ai **tudinho** a gente agarrava peixe assim nos caminho...

É é couro da preguiça...tem a onça **tudo** tem,

Não, não tem... é a comunidade que... que coordena, que faz **tudo**, né,

escangalha com **tudinho** da rede, né

Ele era ININT, né [Tem] isso aqui **tudinho**, né...

aí ficava com aquele pauzinho assim pra ficar **tudo** ININT...

E queimô **tudinho** por debaixo dessa rede aí...

... e foram virando açáizera, murutizero, [ananizeiro], acabô **tudo**...

ela trabalhava lá ININT como ela tem **tudo** ININT trabalha lá na cidade...

Promete lá, tem galpão, tem **tudo** lá na prefeitura, mas na mesma hora ININT e não fazem, né.

aí cê oferecia lá **tudo** que você quiser

Então foi nesse tempo que esse Benedito fez a promessa dizendo **tudo** novo, né

CIRC01: ...aí quando é assim ele nem sai... do lado né...[pegano] daí sobe outro do outro lado e eles ajeitam **tudo** que eles tem que fazê..

ele bate o tambor e...canta e faz de **tudo** que é uma beleza...

porque **tudo** tem um começo INTERRUP

e antes eles íam fazê **tudo** lá nas quatu boca né... **tudo** era de Bragança...

Tracuateua virou cidade foi que por aqui virou **tudo** município de... Tracuateua

[era, **tudo** se plantavam] era chuva...era sol...era **tudo**...

Às vez matando.. .ah... ah...a volta, invado a casa, levo **tudo** às vez o que o senhor tem.

Se o senhor vai na casa do vizinho dêxo a porta aberta, quando chegar já o que tinha por aí, já levaram **tudo**...

...que vinha num...nuns vidrinho que tinha assim... que..a...[agarrado]... que enfiava a caneta lá...e... aqui assim ela ia fazendo **tudo**

Eu digo: “Não, roça uma roça que eu vô lhe ajudá prantá, carpiná, fazê farinha, **tudo** eu faço.”

Fejão, pêxe, carne quando tem, galinha, **tudo** eu faço.

Ah, era **tudo**. (P: o que era bom de se fazer aqui?)

Daqui nós levava curruba, nós levava coco, babaçu, **tudo** pa vendê lá, levava açai, **tudo** pa vendê lá.

Era um **tudo** eu fazia...

E ajunta **tudo** por aquele pessoar, fazê a festa,

era um senhô que [comprava] **tudo** quanto era a fruta lá ININT ...era de banana, laranja, era...era **tudo** ele comprava...comprava coco, comprava coco, comprava curruba. **Tudo** ele comprava... ININT de babaçu.

a chuva batia aí ela vinha encostano e ficava **tudo** ali,

E nesse tempo num tinha essas estrada que tem por riba de Maré e... Gapó e **tudo**, num tinha... num tinha.

é pulo Mangá, é pulo Gapó... aonde... **tudo... tudo** por onde tem água vai trançá de estrada de... de estrada de ferro”... que é tudo desses caro, né,

Já tava resistrado no INCRA e **tudo** e...

Tudo. Tinha que comprá **tudo**.

...acabou-se, pra eles **tudo** tá bom.

Tudo o que tem eh... começa pelas mulheres.

.cabou-se **tudo**...depois que ela morreu o velho Mané Paulo que era o filho mais velho, tomô de conta e acabou cum **tudo**... acabaro com tudo...

ela me bota assim me esfrega sabonete e **tudo**.

aí eu desbandalhei **tudinho**,

“mamãe deixa que eu vô.”... que eu já tinha comprado **tudo**, desde berço... berço, mamadeira, chuquinha, **tudo, tudo, tudo** da menina...

Quando eu vim de lá morei por aí **tudo**,

O... o.. o resto era... era tinha roça, tinha um tabacal... **tudo**.

agora a sinhora que era a juíza ajuntava **tudo** naquele altar grandão [onde tá] os santo lá pá cantá a novena.

...sempre sai essas coisas só pra lá, **tudo** que se arranja dentro da... do... no caso da diretoria lá que é nós... do conselho, **tudo** é pra essas comunidade...

...vai dizê como é que canta, como não...**tudo**...umas parte ele ensina, ota ele num ensina {risos}.

...vão lhe explicá todinho, dos santos lá, **tudo**, cê [entendeu]...

... porque vinha aqueles... pra cortá tirá letras... naqueles... **tudo...tudo... tudo**... pois é... é isso mesmo... aí não veio... não vinheram mais...

... eu não achei um estudo assim muito legal... porque **tudo** assim em cima da hora, né?...

... de primeiro acho que eles pensavam que era... era tipo... com'ê hoje assim?... né, que **tudo** era criticado nas... nas sala de aula..... mas a gente tem de... de levá **tudo** em... tipo em ordem ali..

...porque eu descobri em mim assim... na situação... do sofrimento que a gente passava, através de **tudo** de... de... através de... de secretaria do município, de **tudo** quanto é que chegava aqui acolá a gente tinha aquele... eh... as pessoa tinham aquele preconceito com a gente, né...

...então isso **tudo** até na parte de séviço, de **tudo**, sabe... estrada, eh... ou até o nosso... a nossa moradia que era mesmo eh... eh... comum mesmo, né, que agora que mudô porque veio essa... esse ININT INTERRUP

Tudo era à barro. Madêra... palha... **tudo** era igual, né...

... aqui mesmo na comunidade. Eu comecei... rebocá... tesseca, **tudo** e eu aprendi, graças a Deus

Que eu dexei já...bem dizê **tudo** pronto, né, pra eles... levá à frente mesmo...

... aí foi indo, foi indo, até que isso **tudo** eu me sentava perto pá escutá o movimento como era que tava, né... 'cabou-se **tudo**.

... o Seu Vadeco sabe [**tudinho**]... sabe contá **tudo**.

Eu sabia assinar meu nome e depois foi ino... foi ino ...foi ino aí ficou **tudo** ruim.

Porque agora eu vejo **tudo** ININT... **Tudo** é por telefone

Sim, de vez em quando **tudo** parece [cai]

Não eu num sei mais. Já tá **tudo mudado**. Já tava **tudo ajeitado**

... aí se torna **tudo difícil** aqui pra gente... meu irmão parô na segunda... ele só sabe fazê o nome ainda... **tudo meio feioso** ainda...INTERRUP

... foi o Fórum Mundial mas a gente tinha a... as tenda da... dos quilombolas, né, era **tudo...separado**

[quando] num dá tempo de chegá no hospital, **tudo bem**... ININT

... enquanto tivé na reunião tá conversando, **tudo bem**.

... **tudo isso** a gente tinha medo, né, de acontecê um dia. Aí **tudo isso** eu tinha medo assim, É... senão se não vendesse uma farinha, não fosse atrás de um pêxe, ou um caranguêjo pra vendê num tinha nada...sabe... **tudo** isso...

Era mandioca, era... feijão... [tabaco]... eh... plantava [**tudo** isso].

Eh? Sabe, tu... **tudo** isso é dos... dos besta ININT fica assim... né?

Mas **tudo** isso é uma preocupação pra gente.

Né, de tarde, né, aí... **tudo** com fome, né, de tarde, né, (o pessoal) que já fôro **tudo** ININT

Tudo colocando a perninha pro [filhinho] ININT...

Porque eu cai...eu me quebrei **tudo**...

Desse tamaninho **tudo** INTERRUPT (o menino)

P: onde estão seus parentes?

morreram tudinho.

DOC2: todos morreram?

tudinho.

... nós se [ajuntava] aqui oh...que nem agora ... a...daqui de casa da...da... [daquela outra casa daquela daqui] em diante daí juntava **tudinho** e ia embora ININT escola.

DOC 2: E aqui...a... todos os... a... todos os parentes moram por aqui também?

Tudo... issa... essas... casa aqui é só uma família.

Mas Deus já levô **tudinho**. ...Deus já levô **tudo**. (os filhos)

DOC 1: [Senhora] teve todos os seus filhos com parteira? **Tudo**. ...tudo na casa. ... tinha **tudo** aí na casa.

...ela tinha um foto dele depois se devorou **tudo**

Ah... mas é **tudo macumbeira** mesmo

É! Mai' aqui é difícil, **tudo eles** tem um pedacinho de roçadeira aí.

[**Tudo** nós] nasceu lá.

fizeram uma igrejinha de palha..p'a...santa Maria né...porque tem coração **tudo** 'ceis já viram foto num já?

vendeu **tudo a...as madeira**...

Ás vez [ele] batiza **tudinho os menino** .

...tava **tudo as filha dela** lá com ela, elas era cinco filha. Depois ela... depois que a velha morreu se espalharam **tudo pessoá**, 'la foi morá em Capanema.

...vem gente de Bragança, de Tracuateua, de **tudo lugar** aí pra ele benze, pá ele...

...ela ainda ensinô aí **nós tudo**...

Os projetos de... que el's fizeram pá plantá essas laranjas ai. Isso ai do... **del's tudo** do... do... governo.

cada ano era um juiz, agora ajuntava os santo todinho **das vizinhança tudo** pa fazê aquela novela da noite...

... essas estrada **tudo** era caminho do inferno.

...na reunião... que as criança **tudo** participa da reunião do... dos quilombo

... na semana da festa eu vô e foi até andei e vim, dancei, o vento me levava pá qualquê lado c'as pessoa **tudo**,...

...carro se pudesse saí em carro era em carro ou então andando com a roupa **tudo** na cabeça, ...**a gente** veio **tudo** do ININT mas [minha]... minha família veio...

...depois que eles [casaru] eles saíram assim **tudinho** for'embora...

... [É] mas além disso nós [conservamo] forno que existe, né, tem outras família que **tudo** tem os seus [forno].

ININT o pessoal daqui... porque o pólo daqui é **tudo** Santa Teresa e...

É, tudo, são **tudo** mesmo da Jurussaca. Esse grupo aí **tudo** foi [força] desse Reginaldo
INTERRUP

...os rancho era **tudo** por debaixo do... dos mato,

Mas nósis fiquemo foi **tudo** com medo.

...o pessoal... quase **tudo** aqui da comunidade.

... era **tudo** trabalhava no roçado... tabacal... lá na beira do campo fazia o tabacal... (P: que faziam os homens, as mulheres...?)

...era o...aquele [rolo] **tudo** roliço, né,...

...ela disse: "Os páu já tão **tudo** afincado." ...os páu já tá **tudo** afincando...

Não tá **tudo** espalhado [tudo] tem dois... duas em Belém e um no Castanhal...Pois num é essas que eu tô dizendo que tão **tudo** espalhada.

Tinha **os pé** ... era **tudo** assim., senhô.. feio os pé dele... desses velho...

...então fugiam desse tempo eles eram **tudo** novos, né ,jovem

Eles são **tudo** branco, pra mim ...os filho dele são **tudo** limpo...

A ... **a família** ali do... do [Gas]... era **tudo bonito** o olho...

Mas ele chegava c'a rôpa **tudo** queimada [meu tio]...

trazê num papel **tudo** raspunhado o... a metrage da terra todinho,

(ii) *Todo(s)*

É, de procissão. **Todo** dia é uma procissão... É... **todo** dia.

todo sábado, **toda** sexta-feira eu ia buscá ela, né.

aí a gente escutava aqui acolá é.. [não] era **toda** noite [não] quando ela passava..

...sai atrás de preguiça...pra cobrir esses tambor, né...**todo** ano é trocado aquilo eh....

ali ele foi no mato tirou um pau fez este tambor e ele bate quinze dias no mês...todo na madrugada, né,..

em primeiro não, nós ia daqui lá, eu com outra minha prima e ôta prima que tinha... morava ali mais adiante, ôta prima que tinha lá diante, nós ia pra aula **todo** dia.

É... Tem vez que... eu ... eu tem ali eu vou, **toda** vez que tem eu vou. **Todo** ano tem.

porque quase todo me... quase **todo** mês não, **todo** mês... INF2: ... tem reunião da... da associação.

Que **todo** tempo ele...ele luto por cau'dessa terra, meu cunhado. Ele lutava **todo** tempo por isso 'té que conseguiu, né, os documento dela.

vocês tem que saí daqui tem que procurá um trabalho pra vocês se manterem por que **todo** tempo os avô de você num vão tá sustentando...

Pois é... se todos os santos fizesse com que acabasse a guerra e eles não fossem pra guerra... que eles iam festejar **todo** ano... todos os santos, né? e...

É...é **toda** carne aí, eles vende, é...ele sabe cortá muito bem, só que ele vive assim todo cheio de ... de poblema. ININT

Ah...**todo** santo. Tem muitos santos.

Não, só quando ia trabalhá um mês, dois [mês] [pos ôtro], era mesmo... [**todo** tempo] só aqui.

toda semente tudo foi ela que trouxe

ele disse: "Ah, como é que os outro chega, porque, cê sabe de uma coisa, **todo quilombo** é selvagem"...

Porque é o horário é **todo** dia.

aí foi virando estrada pra **todo** lado.

"Olhe meu filho, vem chegá o tempo desse mundo [num] trançá de estrada de ferro por **todo** canto".

todo ano paga dependência

Todo [eles] foi aqui em casa.

É **todo** ano tem uma festa de todos os santo, mas é santo, santo, santo, santo de **todo** tamanho, cê olha na mesa tá cheio de santo

ela **toda** vez que vem aí...

Todo dia ela pergunta se eu vou estudar .

vocês são quilombola, **todo** quilombola tem que pensá coletivo.

eu não vou saber dizer o nome, um documento da terra que tem que pagar **todo** ano.

É por ano é... cada ano aumenta, **todo** ano aumenta.

aí ... tivemos, temo reuniões **todo** mês, muita das vezes né ...

a comunidade fica ... sem agente comunitário que poderia tá lá [em no pé deles] **todo dia**, pa ta trazeno pelo menos um médico aqui mês a mês INTERRUP

todo mês tinha, pras ... pros ... idosos, pras crianças né, pra **todo** tipo né ...

Mudô pra lá... agora moro mai'aqui do que lá, eu quase **todo** dia eu tô aqui, há tanto tempo ININT ...

E aí com essa dificuldade que sempre a gente tem que andá com duas três pessoa... a... a associação **todo** tempo não tem uma renda boa

agora ficou uma coisa muito fácil, muito bom vocês já merendam na aula e inda quase **todo** isso quando chega o fim do ano seis não passam ,né.

Aí **todo** isso a gente sentia que poderia ser uma parte que a gente tava sofrendo porque a gente era mesmo descendente de quilombo...

Aí **todo** isso foi despertando a mente assim que... eu acho que a gente tinha que partí já um pouco com ingnorança, né...

... aí a gente perdemo a direção que já tava quase na mão, aí **todo** bem...

Eu não achei, olha só como é a história, **todo** mundo pedia pedia pedia ININT e pra onde foi a revista?

Aí tem uns bicho dá água aí que a gente coloca a rede, né, coloca uma água, **todo** mundo vai lá..

A gente fomo pra lá uma porção né... entrevistô **todo** mundo... [a não ser] agora... tem muita gente... e vê **todo** mundo

Era o meu avô que tomava conta, né, aí o meu avô ele faleceu e ele repassou pra uma filha... uma tia... uma tia minha, né, uma filha dele, né, aí ela ficou traba... trabalhando porque **todo** mundo saiu [ilesos]

É, **todo** mundo tinha casa do... ..essa logo de aqui de alvenaria, aí tem um outro mais lá dentro que é da comunidade. **Todo** mundo ININT lá.

... vão chegando [um pôco] e esperando suas vez... porque nem **todo** mundo quase tem mandioca, né, aí...

Não, é difícil. Olha bateu seis horas **todo** mundo na sua casinha fechado.

todo mundo... [assim ficou no...] na mesma né

Participa **todo** mundo, o... a... os... o... as... os home, o... a... os menino, as menina... **todo** mundo, os velho, **todo** mundo participa.

Eles são mais católicos... qualqué coisa que tem na igreja **todo** mundo tá... Ah, é ah... vai **todo** mundo. É muita gente hein... o pessoal daqui comunidade quase todo, **todo mundo** quase.

Humhum. Eu acho sim né, eles querem... **todo** mundo aceita, com certeza. **Todo** mundo aceita.

Era **todo** mundo católico, meu pai, minha mãe, minha vó, todos da família.

Hum... nada... **todo** mundo tinha medo...

e graças a Deus que a gente conseguiu mas eles vierum entregaro o título aí **todo** mundo [fico]

INTERRUP

e ficaro aí até umas oito hora da noite pa vê [**todo** mundo]... eh!

Que vai mesmo, que **todo** mundo... É **todo** mundo participa.

aí **todo** mundo botô o apelido de rocinha pra lá...

aí aquilo... vai frevendo muita coisa, né... em **todo** mundo.

aí depois já se desbandaram que já queriam **todo** mundo pegá o seu, né...

ah... o nenê já tava até com o imbigio cortado... já todo ININT ...**todo** assentado já.

ele sabe conta muito bem, só que ele vive assim **todo** cheio de... de poblema... até roê, aí passô oito anos ele aí, **todo** teimoso,

Daí fazia aquele socozão de... de taboca de [marajá]... ele era **todo** meio [leso]...

Aí ela já vem alajotada, vem rebocada, pintada, **todo**... entregue, [sabe?]

Aqui não, na... na comunidade num tem, já tá **toda** assim pequena desmatada

eles vão **todinho** de novo, mas [andando]...sô vô andá e volto pra... de novo... {risos}

Vô ajuntá **todinho**.

Tem foto... Tá **todinho**.

era as pessoa quase analfabeto, **todos**. é... **todos**...

Aí enfeitamo **todo**, aí depois ela... aí ficamo, aí só que assim INTERRUP

Mas [o dia que] cê fô lá é... vão lhe expriçá **todinho**, dos santos lá

...tem, **toda** vem, agora essas mais vinhero com banheiro fora aqui.

E num tiraram de **toda** porque num podiam, né, que ti... que era ocupada, onde num era ocupada eles conseguiram tirá.

sem ninguém sabê aí ele mandô medi **todinho**,

e aí na hora que queimava, esculhambava... queimô todo...

É... minha tia é **todo** só uma família

...mas aí... então...esses aí não mas ele já bate uma lata assim só faz aí no meio e já vai aprendendo...aí é **todinho** dê's tamaninho assim..

eles tocaram fogo no [verão] era muito grande pegou fogo derrubou **todinho** acabou-se [o açai]

aí ela disse: "Olha, vocês tem que ir lá no Interpa pa sabê **todinho**,

as caras de pau a pico, **todas** tem nela na revista

Todos estudam

DOC 2: E todas essas casas eram aqui essas casas todas, né?

INF 2: Todas.

DOC 2: Nove? Todos tão... estão por a... morando por aqui.

INF 2: Todos.

ah já morreu quase **todos**

Todas... todas vão pro hospital... todas.

Mediu a terra **todinha** aí deu pra ele, ele...fez o documento **todinho** da terra

... por causa que é o pessoal da comunidade **toda**, aí eles trago o santo **todinho** pra só pra dá pro festival.

eles promete de ir ,né, de te dá a merenda, mas, só que, como a caminhada é longa, o dia **todo**, né,

[Eu nasci lá], eu vim pra cá mas a minha família... [**todinha** é daqui].

"Olha nós tem que levá umas roupa usada" ... que a faísca quando entrava pula janela queimava a gente **todinho**, a roupa da gente... é.

trazê num papel tudo raspunhado o... a metrage da terra **todinho**, Mas esse documento **todinho** ININT vai da uma faixa de quase quatrocentos. É da área **toda**.

aí ele vivia ameaçando ela, além de te matado esse outro... vivia ameaçando a família **toda**, né, aí que era justamente pessoas que tinha o olho pá querê pegá a terra **todinha** pra abrí uma fazenda, né...

Só até a... terceira nesse tempo **todo**.

o...o...[Góreo] não vai escolher cara que seja só homens e mulher e ele **todinho** na hora ' [esse santo] mas isso é do começo mesmo dele depois que...

Aí é... prantá... dêxa chovê aí... prantá... aí depois ainda tem um... [chega... chega] terra nele **todinho** [com] pé... aí é só pa colhê e... pagá o pessoal pa colhê.

E aí foi fundada, ela é registrada todo que é [nós] **todo** somo engajado lá nela.

Eh... eh... tu num... sabe aquele caderno que tá as foto, tá... nós **todo**, né, dando entrevista?

Prantá, torá as árvore... **toda**...

Mas naquele tempo era muito ruim, aí [formei uma]... que criança de escola é [bem] nojenta, né, formei lá um... uma teima, quebrei meus lápis **todos**.

cada ano era um juiz, agora ajuntava os santo **todinho**

Quando era véspera de todos os santo eles ajuntavam lá pra casa dos vizinho **todinho** [aquele] porção de santo...

eu tive várias reunião assim de... de estudo pra descobri essa... esse... esse sofrimento, né, por causa de quê essas coisa **toda**, era mesmo, né, aqui é o sotaque que a pessoa tem... até de... de vivê, conversá, usá assim rôpa essas coisa **toda**...

A gente enxergava as janela **todinha** do cara... dos cara...

Adubamos... **todinha** a terra um grupo de pessoas...

Tem **toda** essa mistura...

nós arrancava o pé da raiz [**toda** a vida] e ele também... horrível

Não... não... não... não, eu sabia e [eu] esqueci **todo** o resto.

"Vem... trançá de estrada de ferro por **todo** o canto...

cada um tem um só pedacinho de terra pra se trabalhá e aí **todo o tempo** é crescendo o povo crescendo o povo...

ela disse "Poxa mas 'ocês tão sofrendo **todo** esse tempo com o direito de vocês na mão."...

Ah, depois de **todo**...o pessoal que tinha aquele... aquela... eh... organização do programa Raízes que...

aí **todo** o tempo eu ia daqui tomando o suco e voltava, é aqui assim, né, {informante ri} tem que INTERRUPT

Era o nome que... em **todo** o canto... ...a gente chegava e tinha esse nome, né...

Mudô assim, né, por acaso... o... antes, aqui, uh, quase **toda** a... a faixa etória das pessoa que... de quando eu peguei pra... pra lá...

...**toda** a história era que deram por queimado, né...

aí ficou, ficou, se juntavam, faziam reunião, se juntavam **todos** os morador os pai de família pra ir atrás lá no... no fórum, pra ir atrás de conseguí documento...

aí o pessoal de Belém viêro todinho filmá essa festa de **todos os santo** aí... esse que é o santo que...que chama **todos os santos** da comunidade, NE

Então, ela ia mandá fazê a... uma festa de **todos** os santo.

Porque se pedi mermo, ele mostra na hora **todos** os santo...

No ôto ano, quando eles passasse lá, era de ele tá cego, de guia, e [de] querê enxergá **todos** os santo e não enxergô.

E aí aquilo, eles se revoltaro e aí eles pediro pra **todos** os santo que era pa...pro que no ôto ano ele tivesse cego e ele tava mesmo.

Voltaram pra comunidade... meu avô tinha ele uma viola, ele tocava uma viola assim de violino... ele tocava na época era festa de **todos** os santo ainda quando...que ele.. nessa época quando ele chegou já existia festa de **todos** os santos acho que ele se engrupava também

Da festa de **todos** os santos ININT na revista fala do tio Chico,

A festa de **todos** os santos? **Todos** os santos porque junta santos dois dias... tem os tambor né Lekinha? Sai na sexta, junta santo... no sábado junta de novo tem aquela comissão é um monte cês precisam ver é uma multidão de gente que sai pra juntar os santo ai é por isso que é festa de **todos** os santos

“O padroeiro”... esse que é o santo que chama **todos os santos** da comunidade,

Aí, filha, eles se revoltaro, eles pediro para **todos os santos** que era pa... porque no oto ano ele tivesse cego...

É porque... é, é que nem, é porque essa festa de **todos os santo** é a primeira cultura, né? Se todos... porque tem um dia de **todos os santos** não tem?

...E iam buscar os santos e iam festejar mandavam rezar e festejar **todos os santos** e aí como eles não foram eles fizeram... cumpriram com a promessa INTERRUP

ele doá o santo p'o festejo né... p'o festejo de **todos os santos**...

A de **todos** os santo. É de **todos** os santos é... Na... ININT já tava no [primeirinho] quando começaro a fazê a festa de **todos** os santos.

Tempo da guerra foi daqui... pra lá...se ele vortasse, ele ia fazê esse festejo de **todos** os santo.

Aí ele diz que ia fazê festa de **todos** os santo... enquanto vivo ele fosse ele ia fazê.

Eu me lembro, mas o ININT o festejo mesmo de **todos** os santo, vão buscá santo dois [dia] primêro vão buscá São Benedito que... [mora] bem ali no Jacó, ... faziam uma festa e pararam... fizeram a promessa com **todos** os santos...

Todos os santos, eles ININT ... todos os santos, é muito santo, uma mesa cheia...

Até é... ia mais além, né, alfabetizava e levava também com **todas** as série, tinha que trabalhá de primêra até a tercêra série... era... levava **todos** os aluno, que não tinha professô.

Tinha lá uma Festa de **Todos** os Santo...era o nome do homi...era Benedito Taquiri que chamava..

Ih, depois que acabou a Festa de **Todo** os Santo, não festejaro mais, porque o [velho] morreu...

Num fizeram mais a Festa de **Todo** os Santo.

Tinha, fest... festejava uma festa de **todos** os santo. Era todo ano véspera de **todos** os santo eles ajuntavo umas casa vizinha todinha juntava aquele vários santo {o informante riu} e fazia uma festa

Ham não... foi mesmo eles de lá que formaro a festa de... de **todos** os santo.

....porque eles festejavo **todos** os santo, né.

era da estrada agora ia juntá uns a... uns santo, véspera de **todos** os santo,

Tem pessoas que tá... é... mas tem pessoas que não, não tá envolvida nessa festa de **todos** os santos,

mesmo mais assim é a de **Todos** os Santo ININT do que São Benedito Tomé... tem duas festa tradicional que nem [esse].

É porque esse... essa... dessa... essa... essa festa de **todos** os santo ela vem..ela foi é criada por acho que nesse tempo de coisa de... acho que vem eh.. de... vem de... do... do coisas africano..

Em **todos** os santo no caso a padroeira da igreja sai pra lá... ela vai festejá num é na igreja {risos} [vai] é no barracão.

era de tá cego de guia, de querer enxergar **todos** os santos e não enxergo, morreu cego.

Esses aí são **todos** meus. Tenho quatro filho ININT.